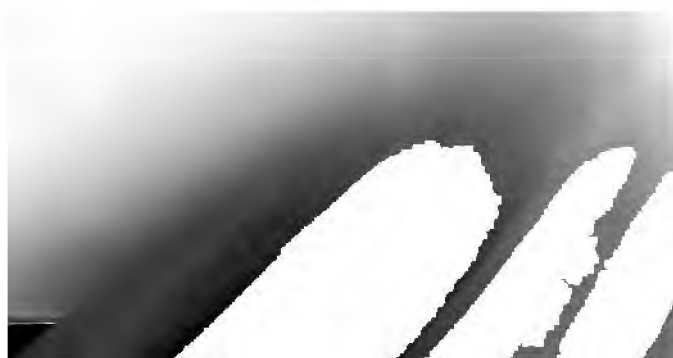


A

466364

DUPL











de José

207

# POESIAS

DE

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA









JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

Nascido em Pernambuco a 8 de setembro de 1796

---

Só o vate se esquivava á lei da morte.

SON. XXIV.

POINT

LA VILLE

[A

PROCEDE

DE LA

COMMISSION

RCO

JOSE AGUSTO FERRER

Barceloneta, Suiza, por el cual se le  
de la casa de  
de la casa de

lo

MINI

PREMIOS

de la casa de

868  
S 1623  
1875

A presente edição enriquecida dos estudos históricos e litterarios que o  
illm. sr. Dr. J. A. F. da Costa generosamente nos cedeu, constitue pro-  
priedade nossa, que reivindicaremos em caso de contrafacção.

Recife, 1875.

JOÃO WALFREDO DE MEDEIROS.

---

Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da casa real  
rua dos Calafates, 110

Phœbe, fave, novus ingreditur tua Templa Sa-  
cerdos.

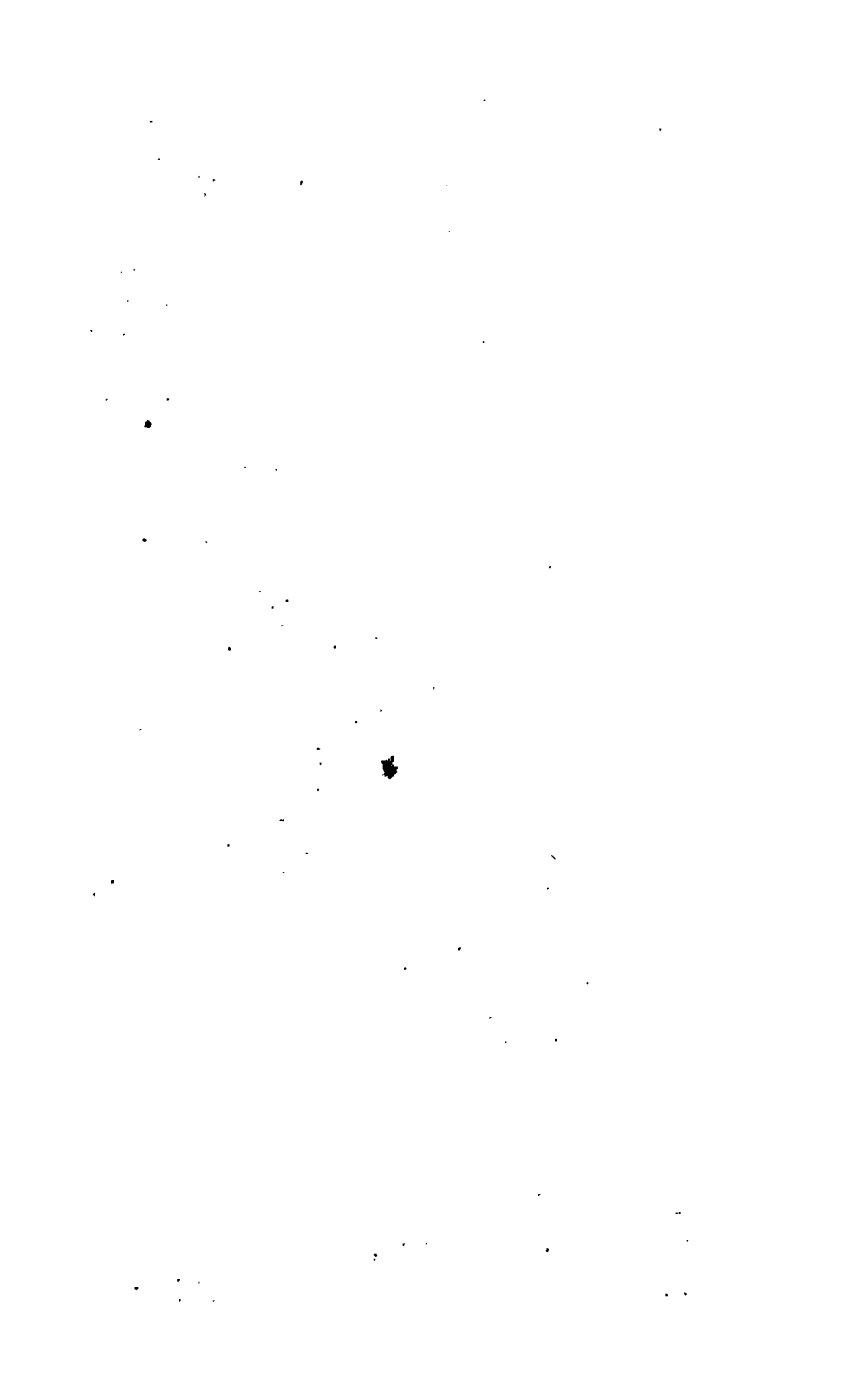
TIBUL. L. 2. ELEG. V.

Não fazem damno as Musas aos Doutores  
Antes ajuda ás suas letras d'êo.

A. FERRERA.

Sunt bona, sunt quædam mediocria, sunt mala plura,  
Quæ legis hic; aliter non fit, Avite, liber.

MART. L. 2. EPIC. 40



# À MEMORIA

DO VENERANDO

## MARQUEZ DE SAPUCAHY

Não quiz a morte que em vida vos significasse a minha gratidão.

Bem sabeis que o trabalho que me pertencesse em todo ou em parte e que tivesse de levar o meu nome, vós ereis o primeiro a quem pertencia a dedicatoria.

Não é a loisa do sepulchro que me faria esquecer esse dever; não seria ella que me faria olvidar as longas conversações com que me honraeis e as instantes animações, para que na minha restrictissima esphera, concorresse para a gloria da patria que tanto amaveis; nunca perderei da memoria a quasi obrigação que me impozestes de estudar a historia de meu paiz, principalmente da minha gloriosa provincia, cujos feitos tanto lastimaveis não terem ainda sido devidamente narrados.

Agora não só as linhas que me pertencem como a obra que anotei, á vossa memoria as consagro: e ainda mais solemne é o dever de amisade para mim quanto mais expansivamente o posso confessar sem que se me aponte os labios manchados de lisonja ou calculos.

Ainda bem que perante o sepulchro se respeitará as puras intenções de quem sente, só hoje, á vossa memoria poder pagar o tributo de respeito, veneração, amisade e gratidão.

Lisboa — 1875.

*José Augusto Ferreira da Costa.*





A S. EX.<sup>a</sup> O SENHOR

**VISCONDE DE CARAVELLAS**

MINISTRO E SECRETARIO  
DE ESTADO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, SENADOR  
DO IMPERIO, ETC. ETC. ETC.

Como antigo lente da Faculdade de Direito de S. Paulo  
e illustrado mentor da mocidade

Igual dever me impõe a dedicatoria do presente volume a V. Ex.<sup>a</sup>

Muito áquem do que devo a V. Ex.<sup>a</sup>, que sempre me distinguuiu com subidas e affectuosas provas de estima, quero descançar um pouco a consciencia, pedindo a V. Ex.<sup>a</sup> que aceite essas linhas como uma diminuta prova do quanto desejo corresponder aos sentimentos de V. Ex.<sup>a</sup>

A um homem de letras como é V. Ex.<sup>a</sup> entrego o valor do que deixo dito na presente obra, e corro os azares de ouvir uma opinião para mim com o peso do saber.

E V. Ex.<sup>a</sup> digno-se receber n'este acto de minha publica confissão a consagração do sentimento elevado de gratidão do de V. Ex.<sup>a</sup>

Março — 3 — 1875.

H.<sup>mo</sup> Ven.<sup>or</sup> Resp.<sup>or</sup> e Adm.<sup>or</sup>

*José Augusto Ferreira da Costa.*



## A QUEM LÊR

Dos lidares da nossa vida publica consagramos nós as horas que nos restavam aos estudos da historia e litteratura patrias, que temos podido fazer na pequena, mais escolhida collecção de obras, de nossos escriptores, que chegamos a possuir ; assim como no manuseamento de documentos dos archivos.

Entre as obras bem raras eram contadas as poesias de José da Natividade Saldanha, e de certo não passariam ellas de nossa estante, si por um lado o patriotismo de um editor que já tem prestado relevantes serviços as lettras, e por outro amigos bondosos não nos instigassem a emprehender essa edição, fazendo nascer assim em nós a lembrança de cumprir tambem um dever, dando uma prova publica de nossos sentimentos a pessoas para com as quaes nos julgamos em obrigação.

Entretanto para chegarmos a levar este volume

ao prélo foi-nos preciso o esquecimento das difficuldades do trabalho e das forças proprias, assaz defficientes; innumeras foram as fadigas para colleccionar-mos poesias disseminadas e outras ineditas, e maiores ainda para congregarmos elementos para a historia biographica do auctor, cercada de mil tropeços, enredada em infinitas têas, e de todos ignoradas, não só de parentes, como até dos contemporaneos.

Ante tantos embaraços como os que encontramos por certo desisteriamos da empresa, senão houvesse em nós uma força mais poderosa que nos impellisse avante: o desejo de superar difficuldades e de tornar conhecido um comprovinciano que talvez o seu nome tivesse de ser ouvido para o futuro tradicionalmente. Alem d'isso perdida a occasião de se encontrar um editor, talvez bem difficil seria apparecer ella, alem de que o valor poetico do auctor, gloria da provincia, pela qual morreu exilado, ralado de saudades da patria, e victima de ideias generosas, era um incentivo para não deixar sobrar o nosso animo.

Traçamos um rapido esboço litterario da epocha na provincia, e julgamos dever juntar certas notas que elucidassem o texto. O publico dirá o valcr que ellas têm.

Após as notas publicamos alguns juizos criticos que chegaram ao nosso conhecimento, sobre o auctor.

Tendo de tratar de um homem assaz importante na historia da provincia, deixamos-nos levar do impulso de traçar em rapido esboço, os movimentos principalmente os ultimos annos que precederam a *Republica do Equador*, onde elle tanto figurou sendo a cabeça pensante.

Não sabemos si teremos a satisfação de um dia dar á luz, a historia politica de nossa provincia de 1817 a 1824, cyclo assaz importante, cheio dos maiores e mais gloriosos episodios e para a qual á possuímos riquissima collecção de documentos meditados e authenticos ; si não formos antecipados por alguém mais habilitado que diga a verdade, e si não formos impedidos, havemos de pagar esse tributo de filho, a gloriosa provincia que nos deu o berço ; e que só o amesquinamento dos seus honnens politicos a tem condemnado a representar um papel aquem do seu real merecimento.

Agora fazemos publicar algumas peças importantes das commissões militares, no fim do estudo historico.

O nosso trabalho só terá por fim rehabilitar a sua historia da maledicencia e calumnia de alguns

ligeirissimos historiadores, historia que continúa ignorada a falta de um livro.

Aproveitamos entretanto esta occasião para levantar um protesto contra as scenas barbaras que se passaram na provincia, como castigo da revolução.

Quando só tem havido palavras de condemnação e de desprezo para homens, que, julgando alcançar um beneficio para o seu paiz, foram levados a precipitar acontecimentos que se preparavam para mais tarde; quando aos oppressores são esquecidas as suas medidas de sangue, entendemos dever levantar tambem a nossa voz e estigmatizar e condemnar as crueis execuções e açoites que com tanta serenidade se viram repetir em calamitosos tempos por parte dos governadores.

Nós não tratamos de justificar a revolução, que aliás se acha justificada pelos proprios homens do governo d'aquella época em suas correspondencias; nosso fim é sómente reviver alguns factos esquecidos e fazel-os passar pela vista de todos os que quizeram condemnar os opprimidos, os supplicados, ao passo que si elles tivessem vencido teriam os seus louvores e as benemerencias, como haviam de ter poucos annos depois outros mais felizes, sem que entretanto se gravasse na historia pala-

bras, não dizemos duras, asperas, de fogo, contra as medidas barbaras de que se lançou mão, mas nem ao menos um simples estygma aos factos que ennegreceram esse tempo de terror!

De maneira alguma nos furtaremos ao conçurso, em nossa apertada esphera, de preparar elementos para a futura historia politica e litteraria do paiz, assim encontremos animações que nos habilitem a emprehender estudos, que, talvez, sem o merecimento intrinsicco da novidade, terá comtudo o da investigação e do manuseamento de documentos; trabalho facillimo para os que têm o resultado dos esforços, mas que por certo não podem avaliar o heroico animo dos que se dedicam a revolver, estudar e apreciar os archivos.

Entre nós, duas Assembléas Provinciaes têm-se inspirado de patriotismo pelas letras : a do Maranhão auctorisando a publicação das obras de Gonçalves Dias, Francisco Lisboa, Odorico Mendes e Sotero dos Reis ; e a de Pernambuco comprando os manuscriptos do Vigario Ferreira Barreto, já publicados, os de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, e as biographias de homens illustres, pelo Commendador A. J. de Mello.

No Rio, o sr. Norberto de Sousa, incansavel architecto da nossa historia litteraria, com a sua

---

«Bibliotheca Brasilia» por conta do editor Garnier, tem-se tornado digno do mais subido apreço do paiz, e pena será que tão patrióticos esforços não tenham tido uma animação que o habilitem a dar-nos novos volumes.

Um paiz tão rico de gloriosas tradições, tão animado pela ardente e pujante natureza, com um futuro grandioso a esperal-o, tem direito a exigir de seus filhos de hoje os elementos que têm de fazel-o respeitado, e nós com os nossos fracos esforços, devemos dar-nos por felizes em amontoar materiaes para o engrandecimento de seu nome.

É este o dever patriótico de todos.

I. A. F. C.



# **ESTUDO HISTORICO-BIOGRAPHICO**



## ESTUDO HISTORICO-BIOGRAPHICO

### I

Nos seculos xv e xvi Portugal, esse paiz tão estreito e pequeno attrahia a attenção da Europa que o admirava.

Não se fazia elle temer por suas armas, nem nas contendas politicas que se gladiavam nos terrenos da ambição e do dominio tomava elle parte.

Acantoado na parte extrema occidental da Europa, sem forças pelas quaes preponderasse nos destinos continentaes, as suas luctas haviam-se limitado com Castella, cujos sons apenas repercutiam além dos Piryneus.

Era outro o plano em que elle desenvolvia as suas forças e genio; era em mares distantes do velho mundo, que elle levantava o seu nome, com as grandes descobertas que os seus marinheiros realisavam trazendo uma revolução nas relações do commercio, industria e riqueza.

---

As tentativas do infante D. Henrique com a fundação da academia de Sagres, a qual principiou cedo a produzir tão felizes resultados com as descobertas dos archipelagos da costa d’Africa e successivamente com o conhecimento do proprio continente ardente e desconhecido, cujas praias ficavam selladas com o dominio portuguez, teria de produzir os mais grandiosos elementos de força com a descoberta do caminho para as Indias, antes tentado por Bartholomeu Dias <sup>1</sup>, e finalmente levado ao cabo por Vasco da Gama no reinado glorioso de D. Manoel <sup>2</sup>.

Esse problema julgado insolúvel tinha um resultado conhecido, a abertura dos mares, e firmava o dominio portuguez, estendendo-o por todos os paizes visitados, levantando um emporio na Asia, onde as suas armas resplandeciam com um nome glorioso; e as pareas e tributos do Oriente viriam crear a esse pequeno paiz um futuro prospero e um nome respeitado, até que decahido o seu poder ahi o viesse reerguer nas praias da America.

<sup>1</sup> Vid. in fin. a nota 1.ª sobre Barth. Dias

<sup>2</sup> As grandes, importantes e numerosas descobertas dos portuguezes só devidamente se apreciam nas antigas chronicas, ou nos livros modernos, taes como os de fr. F. de S. Luiz *Os portuguezes nas cinco partes do mundo*, o *Roteiro* do sr. Castilho, *Hist. de Port.* de Rebello da Silva, etc.

---

Entretanto que Portugal se engrandecia, a rainha do Adriatico, a poderosa republica dos doges, Veneza, se abatia; todo o emporio do seu commercio transferia-se para as margens do Tejo com a descoberta de Vasco da Gama.

---

A explorar esse manancial de grandesas e riquezas adquirido por Portugal, enviava o rei expedições; e, em 1500, Pedro A. Cabral, partia com a primeira após a de Vasco da Gama.

Ainda tinha de pertencer ao reinado de D. Manoel a descoberta do Brasil, devida ao acaso e aos receios das calmarias da costa d'Africa que levára a frota a fazer-se ao occidente,

Era o apogeu da grandesa d'esse pequeno paiz que projectava sobre o mundo uma luz que em breve teria de se obscurecer.

O commercio e a industria da Asia, absorvia a attenção do rei, que deixava o novo paiz no mesmo estado, o qual era apenas mais leguas de terras juntas a corôa; entretanto o pouco conhecimento do seu valor e ao mesmo tempo a difficuldade de povoar-se, levou o successor de D. Manoel, D. João III, a dividir-o em capitánias, que eram doadas aos servilores do estado, que d'essa maneira eram remune-

rados, ao passo que prestariam novos serviços em prol da patria, colonisando-as.

Como paiz incognito, inexplorado e a cargo dos donatarios difficil seria prosperar, não só pelas luctas dos indigenas como por se haver tornado o logar de degredo da metropole<sup>3</sup>.

Entretanto o Brasil, florão de gloria para a corôa portugueza, mais tarde explorado, seria a fonte inexaurivel de riquezas que habilitariam esse paiz a representar na Europa assombrada uma magnificencia levada á prodigalidade.

Terras incultas, eram habitadas de selvagens aborigenes que combatidos, e a ferro e fogo rechaçados do littoral para o centro do paiz, retiravam-se até as margens dos caudalosos rios, balizas naturaes de tão uberrimo solo, cobertas de montamentosas florestas virgens, que ainda hoje cedem ao viajante mil descobertas a sciencia.

O conquistador christão era o barbaro, si bem que sem as atrocidades dos hespanhoes; as raças soberanas do paiz não esqueciam-se dos seus odios communs para pelear contra o estrangeiro, e ver n'elle

<sup>3</sup> V. Gonç. Dias, *Brasil e Oceania*, Memoria apresentada ao Inst. geogr. bras., 1867, tom. xxx, part. II, transcreve uma carta de Duarte Coelho ao rei, pedindo-lhe que suspenda a remessa de degradados (tal peçonha) para a sua capitania.

o senhor, e de certo o captivo ou a morte que os esperava, si não abandonassem as suas *tabas*, e não se entranhassem no âmago do paiz, que os protegia, para que não se extinguissem esses typos, que mais tarde a sciência anthropologica iria estudar, procurando assim concatenar todós os materiaes para a historia do homem, afim de mais seguramente poder elevar o edificio da criação, formação das raças, sua diffusão, assim como as revoluções geologicas do globo.

O povo conquistador mal cuidava d'isto, que então se ignorava; o exterminio era a medida ambicionada, elle não queria formar um paiz ou crear um estado, pretendia apenas uma larga feitoria na qual os soberanos passariam a escravos, os índios captivos<sup>4</sup> seriam o elemento da extracção da riqueza do paiz, pesando sobre elles o duro rigor de agentes cubicosos de um governó avido.

Eram esses agentes que teriam de legar paginas tristes, que a dedicação dos Anchiétas e Nobregas mais fazem sobresahir.

Era com tal prologo que se preparava o paiz da America para produzir só e só em favor da metropole.

<sup>4</sup> J. F. Lisboa, *Obras*, vol. II, liv. VI.

---

Conhecedor o governo do paiz que conquistára tratou de evitar as relações dos outros povos com os naturaes que já se achavam catechisados e sob verdadeiro captivo. O seu calculo de administração tendia a supprimir tudo o que podesse significar um desenvolvimento para os naturaes; a oppressão era a unica lei e medida usada, a conservação do dominio dependia do temor em que o paiz se achasse, e do seu atraso.

A não ser as explorações todas em favor da corôa, tudo o mais não era permittido; cedo principiava o receio de que o paiz procurasse, com o seu desenvolvimento, crear-se estado. Era preciso o embrutecimento e os rigores: estes tinham chegado a um excesso, de se levantar as vozes de alguns sacerdotes como o P.<sup>o</sup> A. Vieira a clamar contra os governadores, e em diversas epochas a obterem para os pobres indios leis que o equiparassem a gente, que os livrasse das vendas, e das crueldades que soffriam até que chegasse o Reg. de 3 de maio de 1757, seguido do Alv. de 17 de agosto de 1758, firmado pelo immortal marquez de Pombal, ao qual a America tanto deve, e que entre os seus mais gloriosos actos, sem duvida, sobresáhe essa humanitaria lei de emancipação dos Indios, que



---

cortou o poderio dos padres, além-mar da metropole <sup>5</sup>.

Diversos decretos lavrou elle em favor dos infelizes indios; já tinha procurado romper com os prejuizos de infamia, declarando que aquelles que se casassem com indias se faziam dignos da real munificencia (Decr. de 4 de abril de 1755), por outro abolia a escravidão dos negros (Decr. de 19 de setembro, de 1764), e corôava a sua obra eminentemente humanitaria com o Decr. de 16 de janeiro de 1773, no qual se dizia «que uns e outros se reputassem habéis para os empregos publicos, dignidades e honras, quando para ellas se mostrassem aptos, quer fossem negros, mulatos, ou mestiços <sup>6</sup>».

Tinha sido tambem o marquez que havia creado as companhias da Parahyba e Pernambuco e tomado tantas e tantas medidas de engrandecimento para tão grandioso paiz, e de certo, tendo uma politica inteiramente differente de seus antecessores e successores havia o Brasil de chegar a um subido grau de prosperidade, si não se dêsse em breve a sua queda.

<sup>5</sup> Vid os Bandeirantes, de Mendes Leal — v. 2.º, cap. 6.º

<sup>6</sup> Hist. do reinado de D. José, de Simão J. da Luz Soriano, Lisboa, 1867.

---

Era que o marquez com profunda vista tinha alcançado o valor do paiz que tinha até então sido a feitoria da metropole.

Mas não obstava essas suas largas vistas a que a Carta Regia de 30 de junho de 1766 prohibisse no Brasil o officio de ourives sob pena de praça no exercito e sequestro.

O corpo de leis, cartas regias e alvarás está cheio de medidas de compressão ao desenvolvimento do Brasil.

Si, por exemplo, se prohibia a extracção do sal em Cabo Frio para não se prejudicar e importar do reino (C. Reg. de 18 de janeiro de 1691) si o mesmo se fazia quanto ao gengibre em Pernambuco etc., ainda ia mais longe a metropole quando por Alv. de 5 de janeiro de 1785 fazia extinguir todas as fabricas existentes no Brasil, afim de que não ficassem os seus habitantes independentes!

E si tão grande era o receio do desenvolvimento material quanto maior não era do intellectual!

A instrucção que existia no Brasil limitava-se aos conventos que se apropriavam de todos os talentos que germinavam, outros, poucos, eram pela metropole aproveitados para commissões que os desviassem de seu paiz.

E por certo o governo bem previa os graves ma-

les que viriam em seu detrimento com o desenvolvimento da instrucção, males que ficavam comprovados mais tarde pela conjuração mineira, na qual todos os homens de lettras tinham tomado parte.

Era assim que receiando da typographia creada em Pernambuco em 1706, por Ord. Reg. de 8 de julho, mandava-se sequestrar os impressos e prohibir o trabalhar-se mais <sup>7</sup>.

Não obstante as medidas apertadas, longe de fazerem produzir os fructos desejados, não faziam mais do que excitar os animos contra os excessos e despotismos dos governadores.

## II

Entre as provincias do Brasil fica ao norte, Pernambuco bello e formosissimo, pela prodigalidade da natureza que esmerou-se em seus encan-

<sup>7</sup> O Sr. Francisco de Sousa Martins em sua Memoria sobre o progresso do jornalismo no Brasil (Rev. do Inst. Geogr. Bras. Tom. VIII — 1846) diz que a typographia se estabeleceu pela primeira vez no Brasil em 1808 por occasião da vinda de D. João VI. Entretanto nem tratou da typographia existente em Pernambuco, no tempo dos holandezes, sobre a qual ha controversias, mas ainda omittiu a que deu logar ao alvará de 8 de julho de 1706, supprimindo-a.

---

tos, dando-lhe um aspecto admiravel, dotando-o com uma primavera constante e collocando-o sobre a parte mais saliente do continente americano do sul. Como atalaia avançada sobre o Atlantico em cujas aguas se espelha, annuncia-se um dia no futuro, ser um dos grandes emporios do commercio, senão o primeiro d'esta parte do mundo.

A região topographica, a amenidade do clima, e a belleza da cidade cortada de rios e edificada sobre ilhas em um plano nivellado por longa extensão, em todos os tempos tem chamado a attenção do estrangeiro sobre si.

O desenvolvimento que elle hoje toma quer material, quer intellectualmente proporciona-lhe uma posição que só aos vindouros é dado gosar-a.

Esse concurso de causas, entretanto, foi motivo no passado para que essa provincia inscrevesse gloriosamente o seu nome na historia, e o genio bellicoso que passou de geração em geração lhe creasse o titulo do primeiro povo nas armas, pugando sempre pela liberdade.

As nações maritimas, como a França e a Hollanda, em tempos passados viram n'essa provincia um ponto de apoio ao seu commercio nos mares do sul e é assim que aquella apossando-se de Itamaracá, e esta do litoral da capitania, sustentou por

---

trinta annos uma lucta para plantar o seu dominio, lucta na qual aprenderam os naturaes a ser guerreiros, associando-se ao povo, cuja religião e lingua haviam tomado, preferindo-o ao novo usurpador.

Gloriosos triumphos couberam n'essa parte aos habitantes d'esse paiz e que por tantos historiadores passaram a posteridade.

E era o animo herdado de antepassados que os pernambucanos iam revelar em diversas epochas que summariamente vamos rever antes de entrar na ultima parte d'este trabalho.

---

Em 1710 era Olinda a capital da capitania, n'ella se achava concentrada a nobresa, e ahi eram obrigados a residirem seis mezes os governadores; o Recife summamente commercial, por se achar n'elle estabelecidos os portuguezes mercadores, — mascates —, era sua rival. Por diversas vezes tinham pretendido estes subtrahirem-se ao dominio dos naturaes, elevando a villa esse ponto commercial; porem haviam-se mallogrado todas as tentativas n'esse sentido, a ponto de na ultima D. Pedro II lhes declarar que nunca mais tão absurda pretensão se renovasse.

A influencia da nobresa que fazia desaparecer a preponderancia do dinheiro dos mascates, longe de fazer estes arrefecer em sua empresa mais os levava a procurar a realisação de seus desejos e interesses.

Sebastião de Castro Caldas, nomeado governador de Pernambuco em 1710 patrocinára a causa dos portuguezes, que não recuavam a preço; e poderia obter, contra o parecer do senado da Camara de Olinda, de D. João v, a elevação a Villa do logar do Recife.

A demarcação tinha de trazer uma lucta de sangue.

Não satisfeitos os mascates de se subtrahirem a governança da nobresa, com a creação do municipio, cujos cargos passavam assim para as suas proprias mãos, queriam elles alargar a sua circumscripção, contra a opinião do Ouvidor de Olinda.

O partido que tinha tomado, em favor dos mascates, o governador Castro Caldas e as violências que havia este commettido contra a nobresa havia feito com que se tentasse contra a sua vida disparando-se-lhe dois tiros, de dia, a rua das Aguas Verdes.

Esse factó que fez recrudescer a animosidade de Castro Caldas, o habilitava a usar de medidas re-

pressivas, e n'esse sentido não trepidou ante prisões, tornando a nobresa e o mesmo Ouvidor e o Bispo, cúmplices.

A nobresa pegou em armas e avançando sobre o Recife, no dia 10 de Novembro de 1710, deitou abaixo os pelourinhos, não encontrando mais o governador que no dia 9, havia embarcado para a Bahia, fugindo assim as consequencias que havia creado.

Vago ao governo, reuniu-se o Senado da Camara de Olinda para se tratar da substituição.

E então que pela primeira vez se revelam os animos de que se achavam possuidos os habitantes de Olinda contra a geração metropolitana.

Bernardo Vieira de Mello apresenta uma proposta «de se declarar a capitania em republica *ad instar* da de Veneza, mostrando que a capitania tinha recursos para a sua independencia, lembrando-lhe ainda como prova a guerra dos Palmares, concluindo que, si por desgraça não tomassem essa deliberação, opinava para que se entregassem aos polidos francezes,» apoiou este parecer Pedro Ribeiro da Silva que disse — «que se governassem a si mesmos, porque só assim ficaria a patria livre los riscos porque acabava de passar.» Assim votaram Leandro Beserra Cavalcanti, André Dias de Fi-

---

gueiredo, José Tavares de Hollanda, Cosme Beserra Cavalcanti, Manoel Beserra e outros <sup>1</sup>.

Depois de largo debate a maioria decidiu que tomasse conta do governo o Bispo D. Manoel Alves da Costa, o qual na propria carta de nomeação do rei era contemplado para esse cargo.

De posse o bispo do governo, immediatamente deu em nome do rei amnistia aos habitantes de Olinda.

Decahida a influencia dos mascates não podiam, de certo, conformarem-se elles com sua condição. Tendo podido prender o Bispo na Villa do Recife não descançavam em seus preparativos para que voltasse para o governo Sebastião de Castro, que se achava foragido na Bahia, cuja volta, apesar do levante dos mascates em Junho de 1711, não pôde elle realisar por tel-o prendido o governador geral da Bahia D. Lourenço de Almeida, afim de que não fosse elle aggravar os males da capitania, sendo no anno seguinte enviado para Lisboa pelo Conde de Castello Melhor, que queria

<sup>1</sup> Asseguram-nos não existir na Camara de Olinda o livro de Vereações no qual se achava essa sessão importantissima. Confiado esse livro ao Snr. R. Almeida nunca mais o restituiu, assim como fez com outros da secretaria da Presidencia, um dos quaes fomos encontrar ultimamente em mão de terceiro ! Eis como certos homens illustrados, são prejudiciaes !



evitar assim uma guerra fratricida, na qual o oiro dos colonos e a parcialidade do governador crearia scenas de sangue.

Enganada a vigilancia dos mascates, pelo Bispo, que pôde evadir-se para Olinda, e reunido a nobresa, tentou a subgeição d'aquelles. Depois de chamados aos seus deveres de vassallos, lançou contra elles excommunhão que não os abalou; então prevendo as scenas de sangue que iam dar-se, desistiu do governo temporal que entregou a Camara, limitando-se aos meios espirituaes para os abrandar.

A lucta na qual se declararam os naturaes em partidos, assumindo proporções assustadoras, dando duas grandes victorias a nobresa, nas batalhas de Sibiró e Ipojuca, era lucta que de certo traria conflagração geral, e na qual o sangue teria de humedecer muito a terra, si não fosse a chegada do novo governador Felix José de Mendonça Castro e Vasconcellos, que a fez cessar.

Ao principio apparentou concordia, mas em breve creou uma junta de justiça sob sua presidencia, em cujas devassas conhecidas pelas do «Bacalhau» e «Cutia» dos juizes que fizeram parte, vincoenta e cinco foram considerados auctores da insurreicção, julgados em pena de tão horroroso

crime, e transportados para Lisboa, para ali soffrerem o castigo, porquanto os juizes, apesar da sentença, não quizeram tomar a responsabilidade da execução.

Entretanto a espectativa e as alegrias dos mascates tiveram de ser mallogradas, porque o Rei concedeu perdão aos implicados, degradando apenas alguns para as Indias <sup>8</sup>.

Nem o proprio Bispo ficou isempto das medidas repressivas, porque sendo chamado a corte em 1715, passou cinco annos em um convento até que em 1720 foi encartado na diocese do Funchal.

Eis como se acabava a guerra dos mascates <sup>9</sup>, na qual de certo o rei, para, naquelle tempo, ter dado um passo tão generoso, devia estar bem convencido da justiça dos pernambucanos e dos arbitrios do governador.

---

A herança de odio de raça que a prepotencia dos governadores havia creado no povo brasileiro, ainda em 1817 se tinha de revelar no desafogo patriotico que se suffocou em sangue.

<sup>8</sup> Rocha Pitta diz terem sido apenas dois, outro porem diz terem sido os degradados onze.

<sup>9</sup> Léa-se as Memorias de Pernambuco por Fernandes Gamboa — vol. iv.

Ainda verde para nós essa epocha, cujos episodios nossos paes nos contam em familia com todas as pormenorezas que o historiador desconhece e ignora, e que, quem as testemunhou, reproduz sob a impressão pesada dos factos que se lhe passaram pela vista, e aos quaes julgamos assistir, é de certo muito difficil de narrar.

Porem ante o homem desprevenido esse drama cujas scenas tanto nos entristecem, tanto honra o povo que sahiu ensopado no sangue quanto envilece os algozes que sobraçaram os arcabuzes.

Era Caetano Pinto de Miranda Montenegro governador; desde 1804 ate essa celebre epocha de 1817, bondoso e excellente havia creado uma sympathia que se alienava em breve tempo com os ouvidos que dava as intrigas, que interessados faziam cahir em seu animo contra os naturaes.

Os excessos de auctoridades, a venalidade da justiça, a sobranceria dos estrangeiros com causas antecedentes, tudo concorria para um odio latente e uma desconfiança que só esperava occasião de se fazer dia.

Lojas maçonicas, relações com outras capitánias, pessoas influentes, tudo conspirava para uma nova phase de coisas no Brasil.

A denuncia levada ao governador pelo Desem-

---

bargador Cruz Ferreira e as medidas repressivas resolvidas contra os denunciados, precipitaram o rompimento revolucionario de 6 de Março, no qual todo o povo alliando-se aos motores da insurreição, tornaram-se senhores da cidade, obrigando Caetano Pinto a encerrar-se na fortaleza de Brum e finalmente a capitular, retirando-se para o Rio.

As alegrias que se respira sempre após um adormecimento de soffrer silencioso, ante as injustiças e abusos contra os quaes o fallar era peiorar a condição, eram expandidas em delirios.

Formara-se o governo provisório, homens de ideias patrióticas, de sentimentos generosos se collocavam a frente dos acontecimentos: de antemão jogavam a vida, mas não tendo todos os dotes administrativos, nem se achando bem amadurecido o projecto, corriam o risco de perder a causa que mais demorada triumpharia.

Todas as medidas tomadas pelo governo provisório eram em bem da causa publica e das liberdades do cidadão, a maneira dos Estados-Unidos queriam os membros do governo formar a republica arvorada hontem. Era assim que tendiam para a igualdade civil de todos e para a liberdade de consciencia.

- Associada as provincias da Parahyba, Rio

---

Grande, Ceará e Alagoas, era preciso que a Bahia também se lhe juntasse.

A infeliz missão do Padre Roma, Abreu e Lima, que foi pagar com sua vida no campo da Polvora a sua generosa acção de patriota, e que preso, aniquillou todos os documentos que revelavam os compromettidos dessa provincia, era o prologo de sangue que tinha de desenrolar-se em breve.

O Conde dos Arcos, sem provas contra os seus subditos, lançando mão de uma medida de terror, para abater os animos fracos, declarou achar-se possuidor de provas que condemnavam os cúmplices. — Em animos mais preparados essa medida teria feito estalar o levantamento; mas foi o contrario, todos receiosos quizeram significar por actos e palavras a sua adhesão ao governo e a nenhuma conivencia na revolução de Pernambuco.

As ofertas de dinheiro e gente para debellar a revolução appareceram de todos os lados, não tendo o Conde dos Arcos senão a dar-se por muito feliz de salvar-se de tão imminente perigo, como seria a repercussão na Bahia dos acontecimentos da proxima provincia.

Os complicados ignoravam a ousada coragem e patriotismo do Padre Roma, que os salvára, morrendo sob o arcabuz; exemplo forte e energico que

dava o governador da Bahia áquelles que se deixassem levar das ideias do governo do Recife.

Não tinha-o empedido nesse passo o proprio conselho dos Dezembargadores que opinavam pelo julgamento criminal e não militar !

Ao passo que o governo do Recife procurava pôr em pratica as medidas de organização para a republica surgida inesperadamente dos acontecimentos, vinha do Rio onde as noticias tinham resoado com excessivo vulto, uma esquadra ao mando do Vice-Almirante Rodrigo Lobo, e da Bahia forças de terra as ordens de Mello Cogominho.

As Alagoas contra-revolucionando-se e as provincias da Parahyba e Rio Grande, collocavam o governo em precarias condições. Os animos desacorçoavam ante attitudes tão contrarias ás expectativas de Domingos Theotônio e dos outros. A extensa têa de conspiração que chegava até o Rio e no qual muitos se achavam implicados quebrava-se sem se sentir <sup>10</sup>.

<sup>10</sup> L. Rego em carta escripta ao Rei D. João VI, em data de 13 de julho diz que José de Barros Lima havia dito que «elle sabia de alguns empregados na administração do governo que que eram traidores a S. M., porém que seu confessor lhe prohibira declarar-o.» Um padre preso na Bahia, disse que elle estava alli por causa de muitos que o haviam de salvar, da situação em que elle se achava.

armas revolucionarias cahiam vencidas, e arophe era clara aos olhos dos motores; ento o temor apressou o desenlace.

povo respirando apos longo lethargo, via em o governo a felicidade, despresára as proclams do Conde dos Arcos e de Rodrigo Lobo, os membros do governo, conhecendo que se imava a extrema hora trataram de se segurar, alguns Theotonio, como dictador apresentava sições de paz a Rodrigo Lobo, com a entrega ça, mas com a garantia das vidas dos committidos.

pinhões de que a revolução estava a preparar-se largamente que o mesmo conde dos Arcos fazia parte d'ella assim muitas pessoas do rei, e n'este sentido houve denuncias, os acontecimentos que a precipitaram a destruíram não estava amadurecida.

te ainda em uma das cidades de Pernambuco, um hoestemunha de todos os movimentos da provincia, que a ter havido por occasião da revolução uma longa correspondencia para os Estados Unidos, correspondencia que issue por fazer parte da sociedade que se communicava Republica Americana.

todos passa esse homem como um maniaco pela maior que vive, em uma certa sobriedade, sem amizades,

servando ainda hoje os mesmos sentimentos de sua moabstem-se de toda a sociedade, e muitissimo poucos odido ouvir as suas opiniões.

Quem tinha em — «seu favor a lei e a força armada tanto terrestre como marítima para poder entrar no Rio de Janeiro com a espada na mão a fim de castigar a sua vontade os patriotas» como respondia o Vice-Almirante não aceitava condições mas impunha; entretanto o *ultimatum* de Domingos Martins ameaçando o incendio da cidade e a morte dos prisioneiros graduados e dos Europeos, si bem que parecesse não abalar o commandante do bloqueio, contudo, apesar de sua resposta destemida, realmente calou-lhe no espirito <sup>11</sup>.

Julgam todos que os documentos que elle diz possuir são phantasticos, mas um collega e amigo que nos merece todo o conceito, dado tambem aos trabalhos historicos, tendo merecido a amisade d'esse homem, tem ouvido as suas conversações e opiniões, e chegado a vér alguns documentos, relatórios, etc.

Apesar de suas vivas instancias não tem podido esse nosso collega alcançar mais do que isso, a não ser que, talvez, por sua morte receba como legado esses papeis, si antes os não queimar.

Esse nosso collega disse-nos mais que era uma porção consideravel de massas de papeis que esse homem guardava como verdadeiro thesoiro.

Diz esse homem que a historia da revolução ainda está por ser escripta, e que mal se julga das pessoas que se acham compromettidas!

Que mysterio será este a desvendar-se?

<sup>11</sup> O sr. Moniz Tavares diz que era uma ameaça vã que Do-



Antes porem da resposta de Rodrigo Lobo, D. Theotonio e os outros trataram de retirar-se: os movimentos das forças tão encontrados fazia todos sombriarem-se dos meios de que o governo queria lançar mão; era que o governo ia em retirada; precipitação e soffreguidão com que esta se fazia

Domingos Theotonio fazia não só por seu genio, como por ser contra os sentimentos de humanidade, etc. Que Domingos Theotonio não houvesse posto em pratica a sua ameaça para nós nada tem de impossivel, nem tambem se póde avaliar o animo de Rodrigo Lobo, o qual não podia conhecer si em uma situação desesperada, e na qual se achava compromettida a vida não só de um como de muitos, se devesse attender aos sentimentos de humanidade muito legitimos, naturaes, porém sempre ou quasi sempre olvidados nos momentos difficeis. Entretanto apesar de nenhum temor causar a Rodrigo Lobo, este concedia um armisticio para que se fosse a côrte pedir um perdão ao rei etc. «com tanto que não houvesse a menor vingança com os desgraçados em prisão.» Tambem o conde dos Arcos havia em uma sua proclamação dito que os pernambucanos que não seguissem as forças da Bahia seriam fuzilados, a cidade arrasada e tudo passado a fio de espada; e sobre os chefes da revolta «a todos era licito atirar-lhes a espingarda como a bandidos.» Hist. da Revol. 1817. M. Tavares, pag. 239.

Tremeu o governo e o povo ante as ameaças do conde dos Arcos?.. para livrar-se d'aquelle perigo cumpriram os pernambucanos uma só das ordens d'aquelle governador?.. para honra da provincia, não. As apreciações que se fazem ao *ultimatum* de D. Theotonio, são em maioria de rasão applicaveis ás proclamações do conde dos Arcos. O *Correio Brazilense* chama estas de miseraveis.

---

arrastava mais depressa a queda do governo, quando ainda tinha muito por si.

Foi esse um desenlace inesperado não só pela côrte, como pelos conde dos Arcos, Luiz do Rego e o proprio Rodrigo Lobo.

O desanimo da ultima sessão tinha levado o Padre João Ribeiro a enforcar-se, cujos sentimentos nobres de salvação de seus camaradas e patricios não puderam abalar os seus companheiros de governo; fugia assim as torturas da tyrannia que em breve desfraldava sua bandeira de vingança e sangue, ainda mesmo sobre o seu cadaver <sup>12</sup>.

Abandonada a cidade, a tropa insurgente sem chefes rompeu em tumultos de desespero e de certo iriam renovar-se scenas tristes si a officialidade não a contivesse.

Os membros do governo provisorio fugindo tinham tido um sentimento nobre que nunca a malevolencia e o odio dos escriptores poderão denegrir, é que abandonavam o cofre com o dinheiro que havia em caixa, respeitando assim a renda publica.

---

### Desembarcado Rodrigo Lobo, entradas as forças

<sup>12</sup> Ainda bem que o sr. Varnhage achou palavras para sentir «o fim triste e na verdade digno de lastima, do mais bello character da revolução.» H. B., vol. 2.º, pag. 390, edic. 1857.

terrestres de Cogominho, mudava-se o quadro, os festejos, as alegrias regorgitavam, mas não era o povo natural da terra, eram os que foragidos, occultos e alguns poucos, adeptos que a elles se achavam ligados e que ha pouco tremiam por suas vidas, agora se viam salvo quasi miraculosamente.

Rodrigo Lobo no governo da capitania abria as valvulas a vingança e ao desenfreiamento.

«Seguem agora tetricas e horridas scenas de lucto e de dôr» como diz simplesmente o Sr. Varnhagen, sem as narrar, por não poder justifical-as.

O corpo do Padre João Ribeiro era arrancado á sepultura depois de tres dias, a cabeça espetada em um poste era collocada no peloirinho, e apredejada sob o alarido de um povo sedento de sangue, depois de trazida processionalmente do Engenho Paulita pelas forças do general!

Era uma das victorias dos soldados de Cogominho que da Bahia vinha dar-lhes esta prova de valor, assim como Rodrigo Lobo.

Iam principiar as horas amargas para a capitania.

As prisões e as caçadas aos homens, eram acompanhadas das scenas mais desolantes; os gritos da populaça que estrugiam os ares a cada victima que se apresentava agarrada; as cordas, as correntes, as gargalheiras e machos eram lançados aos pés e

pescoços de homens distintos como Antonio Carlos, Fr. Caneca e todos os outros; os immundos porões, verdadeira sepultura de vivos, dos brigues «Mercurio» e «Carraseo» eram o carcere de tantos homens, que em numero de 114 iam encher as masmorras e segredos da Bahia, entregues ao Conde dos Arcos que ia ser o carcereiro e algoz desses homens, que pouco a pouco tinham de morrer, si uma aurora de regeneração não raiasse.

No Recife continuava Rodrigo a desempenhar o triste papel de verdugo, fazendo açoitar na grade da cadeia (hoje Relação) todos os homens de côr, com a maior barbaridade que se pode imaginar <sup>13</sup>.

Não lhes valiam honras ou postos de official, todos cahiam sob o *bacalhau* de negros possantes.

<sup>13</sup> Eis como se procedia a esses castigos: o padecente era amarrado pelos braços, e todo despido, ás grades da cadeia, na parte de fóra; o executor armado um «bacalhau» ou azoragne de coiro de boi, com cinco raios, tinha junto a si uma larga tina d'agua, na qual mettia o *bacalhau* para amollecêr, depois passava-o pelo chão afim de se lhe adherir areia e applicava sobre as nadegas e costas do padecente: esta scena da tina e areia se repetiam de momentos a momentos: as carnes do padecente sangravam horrivelmente e deliam-se! A população que assistia dava gritos de alegria e de vez em quando cahiam ao pé do executor moedas de cobre e prata, que eram atiradas pelos espectadores!!!...

Este espectáculo era na rua do Imperador na sala das audiencias, então a cadeia!

Eram tal a crueldade e excessos de Rodrigo Lobo e Cogominho que o proprio Conde dos Arcos se horrorisára, e contra elles escrevera ao proprio Rei <sup>14</sup>!

---

Os brigues «Mercurio» e «Carrasco» despejavam nas praias da Bahia os presos remettido pelo brutal Rodrigo Lobo, que com a pequena viagem apresentavam physionomias de homens aos quaes se haviam inflingido todas as torturas, da fome, da sede, da insomnia, da falta de luz e da gargalheira <sup>15</sup>.

A Bahia regorgitava em applausos e festejos, mas no animo do povo, por honra se diga, estava o odio da tyrannia occulto, e o pezar de não haver quem desse o grito da sua queda. Não podiam elles ver a prepotencia que sobre elle se exercia por homens alheios ao paiz.

Transferidas as victimas dos immundos porões dos navios para os carceres da cidade, mudavam

<sup>14</sup> Luiz do Rego escrevendo em data de 31 de maio, da Bahia ao ministro diz: «O conde dos Arcos queixa-se amargamente do commandante da esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, e penso que elle já escreveu a S. M., sobre este assumpto. O mesmo conde não faz todo o conceito do Marechal, pelo que respeito a economia da Fazenda Real, etc.»

<sup>15</sup> V. *Moniz Tavares*—Hist. da Rev. de 1817 pag. 336 a 365.

apenas de theatro porem não de martyrios que mais pesados e dolorosos iam ser nessas masmorras atulhadas, onde apenas era dado a cada preso tres palmos de espaço para viverem, tal era o numero de homens em tão estreitos calaboiços!

A miseria, a fome, a nudez iam cabir sobre essas victimas até que a morte as viesse arrancar a tantos soffrimentos, pois nunca julgára um só dos que entrara nessas sentinas do crime que tivesse maior espaço a percorrer a não ser o que distava dessas moradas a forca!

Eram 114 martyres da liberdade, aos quaes mais tarde se teria de reunir o cortejo de Bernardo Teixeira.

Desembarcados a 9 de junho os presos, formava-se a Commissão Militar sob a presidencia do Conde dos Arcos, e eram julgados e condemnados a *morrer morte natural cruelmente* no dia 11, e no dia 12 era o segundo alarma de sangue na capitania: ao Padre Roma, iam juntar-se Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, que eram arcabusados no campo da Polvora.

Os outros dois pronunciados (Deão Bernardo Portugal e Pereira Caldas) eram perdoados pelas

rasões que annotaremos á sentença, que transcrevemos <sup>16</sup>.

Esses homens morreram como verdadeiros heroes, intrepidos ante a morte, esperavam o juizo da posteridade.

E quando se salvaram dois dos pronunciados não se fez o mesmo a José Luiz de Mendonça que tinha opinado apos a revolução que se pedisse perdão ao Rei e se lhe fizesse acto de submissão ; não lhe valeu ter-se ido entregar, afim de não comprometter pessoas que o haviam homisiado <sup>17</sup> ?

E que sentimento nobre podia existir em peito de vassallos avidos de honras !

Mais é que elle imprecando contra os juizes, declarara que « havia salvado mais de 60 criminosos,

<sup>16</sup> Vid. As celebres sentenças da commissão Militar no fim d'este — Estudo — que são digna da apreciação e conhecimento de todo o cidadão. — Vid. tambem no fim do vol. a not. 9, pag. 165.

<sup>17</sup> José L. de Mendonça é um dos typos mais nobres de severidade e honradez. A sua vida, mui pouco conhecida, é o modelo vivo de virtudes e de grandesa d'alma. Alguns factos que conhecemos é a mais subida prova desses sentimentos do coração do homem. Entretanto mais tarde o seu nome será apenas conhecido, como um dos suppliciados da revolução — ficando a parte mais nobre da sua existencia ignorada ! Eis como se esquecem os homens !

«sem que os seus allegados tivessem meio peso dos seus embargos a sentença!...»

Esse acto cruel que se praticava e que por muitos era festejado, pelo povo era reprovado, e não faltou mesmo os pasquins, epigrammas pregados contra o Conde dos Arcos nas muralhas, fóra outras provas que appareceram entre os arcos e festas d'aquella gala nacional <sup>15</sup>.

Era tal a repercussão desse acto barbaro na córte que o ministro desaprovando-o ao Conde dos Arcos, nomeava uma commissão criminal para julgar dos outros reos, cuja presidencia era confiada ao Dezembargador Bernardo Teixeira, homem cruel, e que pelo rei pretendia despovoar as capitánias revolucionarias.

La elle principiar o seu miseravel officio de cruel algoz em Pernambuco.

Os miseraveis presos das enxovias esperavam e como que rogavam a approximação de seus instantes finaes.

Mais era que Deus pela mão dos homens queria mostrar o seu poder e a instabilidade de seus corações.

Não morriam no cadafalso, pelo contrario teriam

<sup>15</sup> Isto que dizemos, foi-nos asseverado por um dos presos dos carceres da Bahia.



---

de sahir das enxovias para que a revolução de Pernambuco se completasse em 1822 com a independencia.

---

Com a chegada do novo governador e capitão general ia-se abrir espaço a scenas tristes e barbaras de sangue. Luiz do Rego Barreto tinha *carta branca*, para consolidar a paz na sua capitania.

De posse do governo em data de 1 de julho de 1817 formava a commissão militar que tinha de justicar os complicados na revolução.

O primeiro sangue, na capitania, que tinha de regar a arvore da liberdade era o de Antonio Henriques Rebello, cuja barbara sentença e execução por diversas vezes havia de repetir-se. A 5 de Julho, cinco dias após a sua chegada, era L. de Rego testemunha, e executor do assassinato barbara do homem que havia-se recusado a vender a revolução por trinta e dois contos de réis, e denunciára a proposta que se lhe havia feito.

Eis o primeiro exemplo de sangue que se levantava para os habitantes não se esquecerem dos seus deveres de fidelidade; e afim de que mais gravado lhes ficasse na memoria, era cumprida a ultima parte da sentença, que mandava ser a cabeça do supplicado espetada n'um poste junto a forca, e as mãos

---

em outro na ponte do Recife, onde estiveram até serem consumidas pelo tempo !...

O seu corpo arrastado a cauda de cavallos pelas ruas publicas da villa ia ter abrigo no Cemiterio da igreja matriz de Santo Antonio.

Cinco dias depois era a villa de Recife testemunha de outro spectaculo doloroso e compungente.

Era a segunda execução da sentença do processo verbal da commissão militar que os juizes haviam lavrado a 8: dois dias apenas para os réos prepararem-se para entrar na eternidade e na posteridade.

O apparato bellico, as alas de soldados que desde as Cinco Pontas até o Campo da Honra (largo das Princesas hoje) em numero de 4:000; os restos dos batalhões que tinham de seguir para a Ilha de Fernando e para o Rio da Prata degradados por serem da terra, e terem assistido e adherido a revolução, e que desarmados vinham acercar-se da força, rodeados de parque de artilheria de mortões accesos, e da cavallaria da Bahia, para assistirem ao justicamento dos rebeldes condemnados, para tomarem como exemplo e ficarem sob o temor, tudo, tudo apresentava a scena a mais pesada e profunda ao coração.

Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima

(*Leão coroado*) e o padre Pedro de Sousa Tenorio, com todo o apparatus lugubre de semelhantes actos, vestidos de alva, com os confessores ao lado a fallar-lhes do ceo, e com a irmandade da Misericordia a precedel-os, e cuja bandeira, talvez mesmo, não os salvasse, si a Providencia fosse por elles, iam subir ao cadafalso ao som dos hymnos narciaes e os seus corpos pendentes da forca e arastados pelas ruas iam servir de exemplo a todos os revolucionarios.

Após essa scena tão edificante, marchavam os cascos dos batalhões, perto de 800 homens, a embarcar, sempre entre alas, nas lanchas que os esperavam para os transportar para bordo dos navios <sup>19</sup>.

Em seguida a execução procedia-se a ultima parte da sentença, eram separadas as cabeças e mãos dos corpos. E eram pregadas a cabeça e mãos do Theo-

<sup>19</sup> Muitos episodios dignos do longa menção honrosa, passamos despercebidos. Entre os que sabemos citamos o seguinte: — Meu avô materno e um seu primo passaram os maiores revezes e transees acima da imaginação. Ambos fugiram de Montevideo, com saudades da familia; o ultimo cortando rios, embrenhando-se pelas florestas e perseguido de toiros e onças após uma viagem de 18 mezes e dias na qual passou todas as privações; comendo raizes e fructos agrestes, evitando os povoados, com receio de ser agarrado, muitas vezes desesperando da vida, pôde abraçar mulher e filhos!

---

tonio, aquella na soledade e estas no quartel; de Leão Coroadado, a cabeça em Olinda e as mãos no quartel; e do Padre Tenorio a cabeça em Itamaracá e as mãos em Goyanna. E os troncos amarrados a caudas de cavallos eram arrastados ao cemiterio, onde chegavam despedaçados, depois de haverem percorrido as ruas da villa!

Era a ultima honra dos supplicados! <sup>20</sup>

---

Luiz de R. Barreto, ante esse espectaculo que parece tel-o abalado, começou a implorar o perdão para tantos infelizes que viam na forza o remate de suas idéas generosas.

O senado da camara implorava á effigie de S. M. o perdão e era tal o abatimento dos animos e da capitania que o proprio governador dizia em carta ao rei.

«Senhor. As scenas de sangue, em que a Pro-

<sup>20</sup> Aquelles que não tem ouvido de seus paes e ascendentes as scenas de horror praticadas então, no principio d'este seculo, julgal-as-hão impossiveis, e a posteridade já creada em outro berço de liberdade, ha de olhar para taes narrações como excesso de odio contra os que nos governaram. Mas é esta a verdade attestada unanimemente por muitas e muitas pessoas. Outros factos ha que a historia tem tambem, si os apañhar, de guardar com horror.

---

cia, que tão visivelmente protege V. M. quiz o meu debil braço confundisse os seus aleyxados inimigos, despertam no meu coração os sentimentos de humanidade, horrorisam a todo o povo, e obrigaram os officiaes da camara a formar um corpo formado trazer-me o requerimento a honra de levar a Augusta e Real Presença de V. M. Foi para mim e para todo o meu Reino Maior um espectáculo bem tocante ver a nobreza, e respeito e acatamento, com que o nobre senado entrou pela sala do docel, onde ha o Retracto de V. M. com toda a decencia, e a voz tremula e balbuciante implorou a Real Presença a favor do resto dos habitantes d'esta patria, a quem os — «monstros do crime se- am ou aterraram com embustes, mortes, pri- desamparos, deshonnras de familia, etc. —  
— outra parte da mesma carta previa elle tanto a rede que se tinha de estender despozoan- apitania que dizia: «o meu coração que spira zello e lealdade, e amor de S. R. Pes- serviço *teme e treme* pelos ulteriores proce- tos que podem envolver uma grande parte eis e innocentes Vassallos de V. M.» (Carta de julho de 1817 ao Rei D. João VI.)  
carta ao ministro Thomaz Villa-Nova Por-

tugal, dizia elle: «a petição da Camara d'esta Cidade enterneceu-me sobre maneira e não pude deixar de unir-lhe as minhas supplicas... o medo pela segurança de seus bens, ou de suas familias ou o terror dos assassinios e destruição que aquellos *barbaros* (1) <sup>21</sup> ostentaram foi o motivo de se tornar equivocada a conducta de alguns dos moradores d'esta Capitania... deverá V. Ex.<sup>a</sup> affastar d'estes logares uma investigação rigorosa, porque então a má vontade e as paixões particulares farão apparecer como criminosos muitos vassallos que continuarão a bem servir a S. Magestade, etc.»

Estas palavras seriam um grito da consciencia?

Porém como se podem avaliar estas palavras ante um trecho da mesma carta sobre o desembargador José Marques que diz: «e V. Ex.<sup>a</sup> póde ficar seguro que nenhum homem podia a um tempo ser tão fiel observador da Ley sem offender os mais puros sentimentos da humanidade!!!..»

A barbara sentença que elle assignou não é o grito mais terrivel contra os sentimentos do coração!

E tantas e tão barbaras sentenças que se executaram no Campo da honra, com tanto e tão ter-

<sup>21</sup> Eram «barbaros e monstros» e não praticaram as scenas dos Capitães generaes!

---

pparato, e com os tristes espectaculos de  
decepados, e arrastados em caudas de ca-  
assim como mãos e cabeças collocadas nas es-  
em postes, que sentimentos poderão revelar!  
novas scenas de sangue que tinham de re-  
ir-se?

assim que a 21 de Agosto scenas de deso-  
terror iam passar pelos olhos dos habitan-  
Recife afim de que a ordem se consolidasse.  
Gomes da Silva Coutinho, José Peregrino  
de Carvalho e Francisco José da Silveira  
na mesma pena, com o mesmo triste appa-  
as cabeças e mãos decepadas do tronco, eram  
das em postes na Parahyba para onde eram  
idas; e os troncos depois de passearem pelas  
a Villa em cauda de cavallos eram deposita-  
mesmo cemiterio.

inda a 6 de Setembro outras victimas iam  
no— Campo da Honra— o crime de cons-  
n contra os desmandos do governo, faltando  
a fidelidade jurada.

onio Pereira de Albuquerque Maranhão e  
Leopoldo de Albuquerque eram garrotados  
na praça onde se elevava o patibulo já ba-  
por tanto sangue. As suas cabeças e mãos,  
formidade com a sentença eram decepadas e

---

iam servir de tropheos de victoria e de rigoroso exemplo aos logares onde elles haviam levantado o grito em prol da causa decahida.

A tantas e tão pesadas scenas nunca faltou os hymnos marciaes e o regosijo publico do *povo* para o qual tinha chegado a sua hora de vingança.

Os festejos, as alegrias succediam sempre ás execuções; e aquelles que não sentiam do coração associavam-se a ellas para não serem notados e denunciados como contrarios ao governo de El-Rei.

Luiz do Rego tinha sido o signatario de tantas e tão crueis sentenças; e em suas cartas a el-rei; falla d'ellas como o homem que tem a consciencia assentada do dever.

Apenas Monteiro da Franca era perdoado <sup>22</sup>!

E era em 1817 que se praticavam taes sentenças!... Mas é que, tambem em Portugal, no mesmo anno o infeliz general Gomes Freire e seus companheiros de infortunio perdiam a vida como conspiradores.

---

Tanto sangue fazia germinar a liberdade que em Portugal raiava em 1820, no Brasil em 1821, seguida logo da Independencia em 1822.

<sup>22</sup> Vide a nota a sentença no fim d'este Estudo.



---

As scenas de sangue apesar d'esse perdão implorado, parecia não desaparecer: os tormentos e soffrimentos acompanhavam todo esse povo que ia encher as masmorras das provincias do Ceará, Rio Grande, Parahyba e Pernambuco, para d'ahi sairem para o cadafalso ou degredo.

A larga rede que lançava o cruel Bernardo Teixeira prendia em suas malhas todo o povo, era como hecatombes de homens que se arrastavam, como nos sacrificios antigos, ao altar da tyrannia.

Eram os vassallos que em seus excessos de zelo queriam segurar o throno do rei, ao passo que este em sua bondade era alheio aos desmandos de seus governadores <sup>23</sup>.

Os carceres da Bahia estavam peçados, as victimas subiam aos centenaes, e a crueldade que o desembargador mostrava em suas devassas horri-sava a todos, ao proprio L. do Rego.

O perdão que o Rei contra a opinião de toda a córte, a excepção do seu Ministro Villa-Nova Portugal que por elle instara, podendo quebrar assim a lisonja e zelo que affectavam os aulicos que rodeavam D. João vi, era pelo cruel Desembargador

<sup>23</sup> Conta-se que D. João vi a todas as pessoas com quem fallava perguntava sempre o que diz «o meu povo de mim e de meu governo ? está satisfeito ?»

mallogrado, que em sua sêde de dinheiro, conservava as prisões atulhadas.

A providencia queria evitar mais sangue e fez com que apparecesse a lucta entre o Presidente da Alçada e o Governador da Capitania.

A crueldade d'aquelle que queria mergulhar em sangue toda as provincias revolucionadas; o insaciavel instinto de avaresa que via em seus serviços e em sua commissão bem demorada, tudo fazia o Desembargador Bernardo Teixeira esquecer dos sentimentos humanos.

O perdão do Rei punha um paradeiro as Devassas, quebrava o instrumento de crueldade nas mãos do Desembargador Presidente da Alçada, mas este não trepidava em considerar todos «chefes da revolução» afim de que o perdão não aproveitasse <sup>24</sup>!

Tantos excessos e a voz influente de L. do Rego faria desaparecer este homem da provincia levando consigo innumerados presos para, em outro theatro,

<sup>24</sup> L. do Rego ao Ministro Villa-Nova Portugal diz : «do que resultou mandar-me elle (Bernardo Teixeira) a relação original que tambem apresento a V. Ex.<sup>a</sup> em que declara que todos são Chefes da Revolução» «E é possível que fossem todos chefes da revolução? Tenho noticia que ficaram pronunciados na Devassa homens incapazes de offender um insecto» carta de 6 de Agosto de 1818.

---

a Bahia, continuar o seu miseravel papel de endurcido carrasco até que a revolução de 1820 e a amnistia das Côrtes de Lisboa viesse extinguir tão negra commissão.

---

A revolução de 1817 tinha trazido os maiores males ao povo e ás capitánias.

As perseguições desenfreiadas, o labéo que todos receiavam que se pronunciasse contra si de revolucionarios; os carceres atulhados, a Alçada perseguindo e matando lentamente os infelizes que tinham entrado para esses infernos na terra, e á sombra de tantos desgraçados fazendo jus a larga remuneração e emolumentos, innumeras familias levadas á miseria, e á deshonna, um governo militar comprimindo os habitantes; os de fóra mais ousados com o governo que tinha a capitania, a desconfiança em que havia cahido os naturaes para com o mesmo governo—e emfim o atraso que pesava sobre a capitania, ainda mais aggravado pelos proprietarios, na maior parte encarcerados, era a tristissima consequencia da revolução.

Si não fóra a revolução de Portugal de 1820, e a amnistia das côrtes de 1821 que abria as portas a tantos desgraçados, todos teriam perecido ou

no cadafalso, ou de fome e miseria nos calaboiços, como já havia acontecido a vinte e seis.

O perdão dado por D. João vi <sup>25</sup> a poucos havia aproveitado, pois muitos e muitos continuavam a gemer a sua miseria, em satisfação da cobiça do desembargador presidente da Alçada <sup>26</sup>.

A revolução de Portugal vinha justificar a tentativa revolucionaria de Pernambuco.

Inaugurava-se o reinado da constituição; e agora sahiam das masmorras esses homens macilentos, cadaveres ambulantes, que traziam comsigo uma qualidade que não haviam levado quando para ellas entraram, com mui rarissima excepção, — era o saber. — A masmorra tinha sido uma academia, que tinha de formar muitos homens para a independencia. A revolução tinha sido prematura.

Em 1821, premiava-se e elogiava-se o que em 1817 se condemnava e castigava no patibulo.

O povo ainda mostrava que os seus sentimentos generosos não se tinham amortecido, pagava com o mandato ás côrtes, aquelles que haviam tanto e tanto soffrido em prol da liberdade.

<sup>25</sup> V. no fim d'este estudo.

<sup>26</sup> Em uma memoria que temos em mão sob o titulo da *Alçada julgada por Luiz do Rego*, mostraremos que papel representou ella em Pernambuco.

Em Pernambuco o regimen militar reinava, scenas contristadoras eram continuamente praticadas; o governador havia creado uma odiosidade no coração de todos. — Vacillára no reconhecimento do novo governo da metropole.

A amnistia levara para suas provincias os encarcerados da Bahia, e Pernambuco era a que tinha mais a reclamar.

Uma conspiração se formára contra Luiz do Rego, e contra sua vida se tentou em a noite de 20 de julho de 1821 <sup>27</sup>. Ferido e mal esperando a vida recomeçava-se nova perseguição aos homens aos quaes ha pouco haviam-se-lhes aberto as portei ras de ferro.

Eram todos mettidos no brigue *Intriga* e remetidos para Lisboa, como conspiradores, onde seriam soltos como innocentes.

<sup>27</sup> Muitos negam que tivesse havido tal conspiração, outros affirmam. Nós somos levados a acreditar em sua existencia não só por termos ouvido de alguns, diversas circumstancias d'essa projectada tentativa de morte, como pela circumstancia de ter-se desconhecido o infeliz Souto-Maior, muito conhecido quando se incitava com promessas pecuniarias.

Um dos considerados mais complicado n'essa tentativa foi o padre Venancio Henriques Rezende que morreu vigario da freguezia de Santo Antonio em 1865. Causa houve para elle ser assim considerado. Mas solto em Lisboa representou um bri-

Tres dias depois do acontecimento nas aguas do Capibaribe boiava um cadaver que tirado, era exposto aos olhos de todos, na matriz de Santo Antonio, para que fosse reconhecido e denunciado.

O governador offercia a quem o conhecesse a quantia de 1:000\$000 réis ; e si fosse escravo a liberdade tambem.

E em Pernambuco não foi reconhecido o cadaver do tão conhecido João de Souto Maior !

Era que então havia um verdadeiro patriotismo, todos achavam-se sob as mesmas leis compressoras sem poder respirar, e sentiam ter-se mallogrado este acto condemnavel de desespero.

Desobedecendo ás côrtes, não permittindo o livre governo, de conformidade com o decreto de abril, em breve o povo goyannense, poria um termo a este governo com a revolução que d'esta vez lhante papel na politica do seu paiz ; era um republicano sincero, soffreu na revolução de 1824, vendo-se obrigado a expatriar-se, e a percorrer diversos paizes como os Estados Unidos, Mexico, etc. Amnistiados os da revolução de 1824, voltou Rezende á sua provincia, foi deputado geral : era sempre o primeiro nas occasiões difficeis como o iniciador de medidas fortes, foi presidente da camara dos deputados, até que recolheu-se á vida privada. Deixou diversos manuscriptos como nos foi asseverado por pessoa muito de sua intimidade. Que destino terão tido ?

---

obrigaria o governador a ceder o paiz á liberdade entre vivas acclamações.

---

O martyrio das masmorras não tinha amolentado o vigor do espirito e coração.

Ao ar da liberdade, os revolucionarios de 1817, trataram de levar a effeito as suas idéas iniciadas n'aquelle anno e agora abraçadas pela metropole.

Tratava-se no Brasil de fazer cahir o governo de el-rei e substituil-o pelo da constituição.

Havia um receio da parte do governo de que as idéas da America Hespanhola não lavrasse, e muito principalmente que não partisse de Pernambuco novo germen de perturbação: — isto obrigou o governo a formar um — cordão sanitario — que resguardasse as capitancias d'esse mal; portanto os governadores escolhidos as deveriam conservar em fidelidade.

A dubiedade que apresentava porém diversos governadores em acceder ás ordens das côrtes levou Pernambuco a dar o signal de alarma com a revolução do Goyanna.

Levantado de repente, e machinado a sombra, parecendo quasi impossivel a coragem de seus auctores, esse grupo, que se intitulava desde logo—

Governo temporario de Goyanna — officiaua ao governador para que consentisse que o povo elegesse o seu governo de conformidade com o decreto das côrtes de 24 de abril de 1821.

Tendo Luiz do Rego procurado formar um conselho governativo composto de sete membros, chamou Goyanna a fazer-se representar, julgando haver satisfeito as aspirações d'aquelle governo; mas os goyannenses pretendiam a liberdade, e não só se recusaram a isto, como exigiram a sua retirada da capitania, por cujo sangue derramado seria criminoso perante as côrtes. A reluctancia e opposição de L. do Rego trouxe alguns recontros, marchando os goyannenses sobre o Recife, attraíndo a si as forças que passavam-se para elles, e arrasando o governador a desistir do governo, pois que as camaras municipaes se declaravam em favor do novo governo. As perdas dos recontros de Maria Simplicia, Forno da Cal e Affogados, onde as forças quer proprias, quer vindas da Bahia eram batidas obrigaram o governador a capitular com a — Convenção de Beberibe — pela qual lhe era concedido apenas o governo de Olinda, Recife, e seus termos até resolução das côrtes, que foram em favor do governo temporario de Goyanna; determinando a L. do Rego que entregasse a administração e embarcasse.



Tal solução tão contraria á sua expectativa o levou a abandonar a provincia sem fazer entrega do poder ao governo eleito.

Esta epoca é tão rica de factos que não cabe n'um summario narral-os.

Toda a correspondencia do governo de Goyanna com a junta constitucional é o mais evidente monumento de patriotismo.

As alegrias do povo eram excessivas, tudo sorria então. As canções populares a L. do Rego repercutiam por toda a parte<sup>28</sup> e annunciavam a liberdade na capitania.

<sup>28</sup> Possuimos essa canção, assim como outras da epocha e anteriores. Nos outros paizes as canções são recolhidas, apuradas para a historia da litteratura e no seu quanto para a historia politica. Ainda ultimamente em Portugal o distincto poeta Theoph. Braga, esse talento superior, que tanto tem trabalhado para formar a historia da litteratura de seu paiz, com os innumerados livros que ha publicado, e que o collocam no primeiro grau dos homens illustrados, publicou alguns volumes de cançioneiros.

Seria muito para desejar e para louvar que nas diversas provincias se recolhessem as cantigas populares, aliás tão abundantes entre nós, afim de não se perderem completamente no futuro. E aquelles que se lançarem a este campo com muitas difficuldades terão de lutar, mas prestarão um relevante serviço ao paiz. Muitos julgam taes estudos uma verdadeira inutilidade, sem o menor valor; entretanto merecem elles todos os

A revolução de 1817 era o primeiro annuncio da liberdade: o sangue e os martyrios de tantos cidadãos tinham uma aureola de gloria na historia.

Considerese-se como queira, esse primeiro grito repercutia tão profundamente no coração de homens acostumados aos vexames dos governos que repetil-o-hiam em breve, embora a primeira pagina tivesse ficado tinta de sangue.

A independencia ou separação das provincias da c'róa era um crime de lesa magestade; a morte cruelmente era o apanagio d'aquelles que haviam-se deixado absorver no vortice: em 1820 a revolução do Porto proclamando a constituição corroborava as idéas de que era impossivel mais o governo absoluto, e a nação toda acceitava o grito de liberdade e o rei perdia as prerogativas que passavam ao povo nas côrtes; e em 1822, era um principe, o revolucionario, era elle que dava o grito da separação da colonia da metropole, e sob sua cabeça cahia a c'róa de um imperio que se formava.

É assim o destino: uns perdiam a cabeça, ou cuidados como elemento para a formação da litteratura popular, etc.

Praza a Deus que muitos se lancem n'essa rica seara e tragam ao publico as suas colheitas.

ros adquiriram a liberdade e outro alcançava uma glória. — Alguns historiadores aceitam porém os factos pela consequencia, sem que analysem-os perante a critica e circumstancias.

As duas revoluções ultimas confirmavam os excessos da metropole e do governo, que em 1817 espiritos exaltados, patrioticos e prematuramente arrastados procuraram suster.

A revolução de Pernambuco, que transviara-se, era patrocinada por todos, era o primeiro grito do Ppyranga, como diz o sr. A. P. Pinto.

E ella ha de ser sempre aceita na historia como um desafogo patriotico, como uma tentativa de liberdade mallograda; e historiadores mesmo como o sr. Varnhagen, para cujo «animo o assumpto é «tão pouco sympathico que se lhe fôra permittido «lançaria um veo sobre ella» hão de contrafazendo-se, dar-lhe um logar em seus livros, embora «não adulem os annaes pernambucanos» e ainda «que seja para procurar destruir esse mytho heroico de provincialismo», condemnado por Gervasio e outros, e com a qual o Brasil nada perde, «deixando de catalogar em seus annaes.» <sup>29</sup>

Servirá tambem as cruas tyrannias que se exer-

<sup>29</sup> V. Hist. do Bras. Vol. II. Secção LIV.

---

ceram contra os complicados, de um stygma eterno para o governo que as applicou, e que apesar de tudo, esquecidas dos historiadores não o serão nunca dos homens que recebem as tradições de seus paes.

---

Succedia ao governo de Luiz do Rego, a Junta Provisoria: as intrigas de alguns e a ambição de outros.

Gervasio Pires, typo que ainda a historia não definiu, era o homem necessario, pelo menos assim se julgava; as contendidas que se davam entre o povo e a tropa, a posição difficil do governador das armas, José Maria de Moura ante a odiosidade que se lhe votava, acabava pela sua retirada para o Pará, sendo substituido por José Corrêa de Mello.

A politica que a Junta seguia era dubia, creando difficuldades contra os estrangeiros, e sem ter annuido ao decreto do Rio, que convocava os procuradores, pairava entre o Rio e Portugal.

Uma quasi anarchia que reinava na provincia eram só devidas a Gervasio, o homem que mais havia alcançado com a revolução e que a tinha de renegar.

Impellido a força pelo povo e Camara, Gervasio prestava o juramento de adhesão a causa do Bra-

sil, e Pernambuco era o que lavrava o documento mais completo da independencia, não só reconhecia o principe como regente, porém ainda mais como chefe do poder executivo, a 2 de julho.

A maneira contraria porque Gervasio se houve n'esta sessão, accusando depois em cartas ás côrtes os promotores da sua forçada adhesão, prova contra o seu character de patriota.

Entretanto o seu predominio, a sua influencia sobre os outros membros em todos os negocios, havia feito lavrar um descontentamento que fazia nascer a sedição militar que o depoz do governo <sup>30</sup>, sedição que felizmente não teve serias consequencias por terem os membros do *Club* que o sustentava sido perseguidos e impossibilitados assim de uma contra-insurreição pela qual se pretendia reintegrar o presidente e toda a Junta no governo.

Em virtude d'essa adhesão da provincia á côrte do Rio, o brigadeiro José Corrêa de Mello demittia-se do governo e regressava a Portugal.

Gervasio preso na Bahia e remetido para Lisboa era solto pelas côrtes pela maneira porque se havia comportado para com a metropole, e despei-

<sup>30</sup> O sr. Mello Moraes.—No Brasil—Reino e Imperio, V. 1, pag. 347 e 354 trata com fidelidade os acontecimentos.

tado condemnava a revolução no seu folheto de defesa que ahí publicou.

A sedicção militar que havia deposto a transacta Junta renovava-se, prendia o governador das armas Joaquim José de Almeida, que era remetido para o Rio, depunha os Presidente e Secretario da nova Junta e acclamava em logar d'aquelle o capitão Pedro da Silva Pedroso, e creava no espirito publico um estado de licença. As livres e perigosas doutrinas da *Sentinella da Liberdade na Guarita* de Pernambuco, e do *Escudo da Liberdade*, dos deputados da Bahia em Pernambuco então, mais alimentavam esse estado de espirito desenvolvido tornando difficil a tarefa de governar.

A lucta que a Junta abria logo com Pedroso por causa de conflictos de auctoridade, a enfraquecia. Pedroso, patriota dedicado, que romperá com Gervasio pela declaração de união ao Rio, ameaçava a Junta e fazia-a fugir para o Cabo, a qual o depunha e o considerava inimigo da patria; e si não fóra o patriotismo de Pedroso, que senhor da cidade cedera ás instancias da Camara do Recife e dos negociadores, demittindo-se de governador das Armas e sendo remetido para o Rio, de certo que de novo uma outra sedicção militar iria fazer correr o sangue na provincia.

O enfraquecimento moral da Junta era extremo, a deposição de dois de seus membros a requerimento da camara de Olinda e tropa, o abandono por parte de Francisco Barreto, e as difficuldades da pocha levavam a provincia a scenas sensiveis até que a prisão dos deputados Barata e Mendes Vianna, arrastaram-a a queda; não só pelo movimento que se levantou contra si, como pela parte que Goyanna assumia, ainda mais incitados os animos por Manoel de Carvalho, o qual, como deputado a denunciava e pedia ás camaras que obstassem aos excessos do governo.

Ante attitude tão pronunciada e julgando-se in-sustentavel o proprio presidente Gomes dos Santos, reunidas as camaras, entregou-lhe o governo as quaes por eleição de conformidade com o novo decreto de outubro, sem porém ter attribuições, elegia para presidente da provincia Manoel de Carvalho Paes e Andrade, secretario José da Natividade Saldanha, e governador das armas por aclamação José de Barros Falcão.

— — —

A provincia marchava para outra revolução, unimos por annos acostumados aos movimentos, de novo iam levantar o grito de desobediencia ao governo.

Elcito o governo que tinha de administrar a provincia ate que fosse nomeado o presidente de conformidade com o decreto de 20 de outubro, foram escolhidos para os primeiros cargos, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, José da Natividade Saldanha, José de Barros Falcão e outros para conselheiros, cargos nos quaes eram confirmados pela eleição de 8 de janeiro de 1824.

O imperador fazia recahir a escolha no morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto depois marquez do Recife. para presidente.

O desprestigio em que havia o Morgado cahido na opinião publica, como membro da ultima junta da qual se retirára, fazia ser mal recebida tal noticia.

Congregados por tres vezes os eleitores acabaram por dirigir uma representação ao Imperador, pedindo a confirmação da sua escolha e regeitando o morgado como homem incapaz de occupar tão elevado cargo.

A dissolução da assembléa constituinte por decreto de 12 de novembro era mal recebida na provincia, e o manifesto de D. Pedro não tinha podido fazer calar as causas que allegára; o apparatus bellico com que se tinha dado esse facto, a prisão de diversos deputados ao sahir da assembléa e a



sua deportação, as alegrias do partido estrangeiro, tudo tinha repercutido muito profundamente em Pernambuco.

O norte tinha que os deputados bem haviam cumprido o seu dever, e julgavam que não deviam cumprir a parte do decreto que mandava eleger novos deputados para uma assembléa a convocar-se.

As camaras representaram portanto que deixavam de eleger novos deputados por considerarem os da assembléa constituinte com poderes para a commissão que ainda se não havia ultimado.

Tendo recebido a nomeação, Paes Barreto levou ao conhecimento da camara de Olinda que declarou nada resolver em vista da representação dirigida ao imperador; entretanto negava-se Carvalho por sua parte a empossal-o, de conformidade com o grande conselho. A defeção de Lamenha e Seara em favor do morgado arrastaram alguma tropa consigo e o presidente Manoel de Carvalho era preso por esses officiaes no Brum, mas horas depois era solto pela mesma tropa da fortaleza, que se declarava em seu favor.

Entretanto chegára a esquadrilla ao commando de Taylor para sustentar o decreto imperial, mas reunido terceira vez o conselho deliberou-se ainda

contemporisar com Taylor até solução do imperador á representação.

Convencido este do caminho que tomavam os negocios estabeleceu o bloqueio.

Emquanto o morgado com os seus partidarios retirava-se para a Barra Grande, Manoel de Carvalho preparava as coisas para a revolução e bloqueiava-os com os brigues *Constituição e Morte e Maria da Gloria*.

O imperador afim de evitar maiores embaraços procurou conciliar os animos, attendendo a recusa feita pelos eleitores do morgado, e escolhendo José Carlos Marink, homem intelligente, antigo secretario de Montenegro e Luiz do Rego, e causa principal do rompimento d'este com o presidente da alçada.

Não era porém este de animo para occasiões difficeis, e depois de uma correspondencia indecisa acabou por desistir da nomeação imperial.

A noticia de uma esquadra partida do Tejo para o Brasil e a falta de forças para garantir o littoral, fizeram o imperador dirigir-se ás provincias para que estas lançassem mão dos meios de que podessem dispor para guardarem-se e defenderem-se de qualquer tentativa de invasão. Foi este o facto que se deu como causa da revolução, e Manoel de Carva-

lho não só dirigiu-se ao povo como ás outras provincias, tornando bem patente a traição do imperador que assim abandonava o paiz ao estrangeiro, não lhe dando forças e mandando que elle se defendesse por si.

Em tão tristes circumstancias mais dolorosa resoara tal noticia na côrte.

Para se debellar esta revolução que estabelecia uma republica com o nome de *Confederação do Equador*, aprestaram-se todos os meios de que se podia dispor. Lord Cockrane era investido do commando da esquadra, o brigadeiro Lima e Silva do commando das forças operadoras; e todas as garantias eram suspensas para as provincias revolucionadas.

As operações começaram em agosto: não tendo podido Cockrane alcançar por ameaças de destruição, a rendição da cidade, enquanto as forças terrestres de Alagoas seguiam a incorporar-se á partida do morgado, para marcharem sobre a capital, tentou os meios conciliatorios que foram desprezados; chegando Manoel de Carvalho a offerecer a quantia de quatrocentos contos (dos cofres) para se declarar pela revolução, o que foi peremptoriamente recusado.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> John Armitage, *Hist. do Bras.*, pag. 117.

Começado o bombardeamento sobre a cidade d'onde se retiraram as familias, viu-se obrigado lord Cockrane a levantar o bloqueio por força maior continuando ella em poder dos republicanos.

A junção das forças de Lima e Silva com as do morgado depois de diversos recontros e vivo fogo com os *Carvalhistas* e auxiliados pela divisão Jewett que cortou as communicações das tropas *Carvalhistas* habilitaram-o a dar assalto á cidade. Não podendo assim Manoel de Carvalho reunir-se a sua gente viu-se obrigado, pelo fogo activo que se fazia na praia, a não desembarcar em terra, seguindo para bordo da corveta ingleza *Tweed*, donde mandou apresentar proposições de capitulação em favor dos comprometidos, proposições regeitadas pelas forças imperiaes já vencedoras.

Depois de cinco mezes tremulava de novo a bandeira imperial nos topes d'onde havia descido, para dar logar a da Confederação do Equador, que tão breve desaparecia.

Entretanto o general Lima e Silva tratava com emissarios da camara de Olinda a capitulação para a cidade, sem mais effusão de sangue.

Vencida a revolução em Pernambuco, nas outras provincias do norte, sempre suas irmãs nas horas difficeis, acostumadas a acompanharem-o em todos

os seus movimentos de liberdade e em todos os seus soffrimentos e martyrios, desapparecia tambem a revolução enfraquecida e exangue.

Entregue a cidade, empossado o general, começou a funcionar a commissão militar de que era elle presidente.

Feitas as prisões e escolhidos os considerados chefes ia lavar-se sentenças de sangue.

As reclamações do general ao consul inglez para a entrega de Manoel de Carvalho tinham sido baldadas.

Fugia a triste sorte que esperava a outros, os principaes auctores d'essa revolução nas pessoas de seu presidente, do secretario J. N. Saldanha, do governador das armas José de Barros Falcão, que evitavam a pena que lhes tinha de caber.

A Commissão Militar compunha-se do general Lima, presidente, juiz relator Thomaz Xavier Garcia de Almeida; conde de Escaragnole, interrogante, e vogaes os coroneis Salvador Maciel, Vicente Souto, e Leitão Bandeira.

Lavraram-se as primeiras sentenças de morte. O triste quadro do triumpho sempre tinham de formar os seus claros em sangue.

Repetia-se scenas de dôr e angustia na provincia; porém sem o apparatus triste, lugubre, cruel e barbaro de 1817.

Eram condemnados á morte o distincto fr. Joaquim do Amor Divino Caneca <sup>32</sup>, Lazaro de Souza Fontes, Francisco Antonio Macario de Moraes, Antonio do Monte Oliveira, Agostinho Beserra Cavalcante, Nicolau Martins Pereira e James Rodgers.

A condemnação do carmelita Caneca assombrou a todos; elle que havia-se negado absolutamente a fugir da prisão, como por diversas vezes se lhe offerecera, mal esperava tão pesado castigo.

Fôra tal o sentimento, que o Cabido, de cruz alçada, as communiidades religiosas e innumero povo que se associára a tão triste noticia, dirigiram-se a pedir a suspensão da sentença emquanto impetravam do imperador o perdão; mas foi-lhe recusado esse deferimento.

No dia 13 de janeiro de 1825, nas Cinco Pontas, dava-se o espectaculo mais triste e doloroso: um frade era exautorado de suas ordens, e ia-se cumprir n'elle a sentença de morte.

Tres negros carrascos negaram-se ao triste officio n'este dia, e apesar de castigados, persistiram em não cumprir esse dever da justiça.

<sup>32</sup> Encontramos na secretaria da presidencia de Pernambuco o processo de Caneca e Ag. Bezerra, cuja existencia se ignorava. Já é uma copia tirada em 1847. Não vimos o original que entretanto deve existir no Archivo.

O proprio Caneca, revestido de toda a coragem, lembrou que não era só no patibulo que se morria, que os fuzis tambem matavam, e que não se inflingisse castigos a homens por se recusarem a assassinal-o respeitando n'elle um sacerdote <sup>33</sup>.

Morria como verdadeiro heroe, e ainda no oratorio offerecia os seus descendentes á patria na poesia que dedicava a Marilia.

Seguiam após estas as outras execuções, de Souza Fontes a 20 de janeiro, de Macario de Moraes a 13 de fevereiro, do major Agostinho Bezerra a 19 de março, Monte, Martins Pereira e Rodgers, a 12 de abril, e Fragoso a 19 de maio <sup>34</sup>.

A Commissão Militar entretanto mostrou-se tocada dos destroços de sangue que ia causando a revolução, e o seu presidente implorou o perdão de cinco, sob os mais justos fundamentos, assim como o de Lucas de Souza Rangel.

E não só foi approvedo o seu acto quanto a recusa da suspensão da execução de fr. Caneca « pois por nenhum pretexto se deve suspender a execução das sentenças da sobredita Commissão Militar », como ainda se lhe negou o perdão impetrado

<sup>33</sup> Ficou entre o povo uma tradição maravilhosa sobre a morte de fr. Caneca.

<sup>34</sup> Vid. A. J. Mello, Biogr. vol. 1, pg. 229, e vol. II, pg. 277.

para Agostinho Beserra, Martins Pereira, Rodolfo Monte, Macario, ordenando-se a prompta execução das mesmas sentenças; e apesar das ponderações do general para que se extinguisse a Comissão, passando a serem os réos julgados pelos tribunaes competentes, mandou-se que esta continuasse a funcionar, para com «indispensavel e exemplar castigo» affastar aquelles de perversas doutrinas e opiniões.

Não só os sentimentos do brigadeiro tendiam para a paz e o perdão á vista dos males da provincia, como por influencia de um amigo intimo que perante elle justificava a conducta de muitos compromettidos <sup>35</sup>.

Em quanto essas scenas desoladoras se passavam no Recife, outras se passavam no Ceará e Rio de Janeiro alli morriam o padre Gonçalo Loyola, coronel João de Andrade Pessoa, Luiz Ignacio, Francisco Pereira Ibiapina e Feliciano José da Silva, fóra outros cujas penas eram commutadas em degredo perpetuo; e aqui morriam heroicamente Guilherme Rattcliff, Joaquim da Silva Loureiro e João Mettrowich, em virtude de uma sentença barbara de desembargadores fracos que cediam ante a jus-

<sup>35</sup> O sr. Francisco Antonio de Oliveira, muito conhecido na provincia, e que privava muito com o general.



tiça para satisfazer à vontade do governo. Sentença que, pelos seus longos fundamentos e perante a defesa, era a prova mais evidente da fraqueza da accusação.

Mas os remorsos acompanharam os signatarios d'esse triste documento da pusilanimidade.

Os que não tinham morrido no cadafalso, por terem fugido, eram condemnados á morte; affixavam-se editaes para que qualquer pessoa «livremente os podesse matar».

Expatriados, de privações em privações, longe da familia e da patria, e sem recursos expiavam o acto de suas idéas generosas.

Entre tantos figurava o nome de José da Natividade Saldanha, cuja intelligencia, patriotismo e dedicação muito tinha concorrido para que Manoel de Carvalho se sustentasse no seu posto de presidente da ephemera republica.

### III

José da Natividade Saldanha, nasceu em 1796, a 8 de setembro.

Abria os olhos ao fechar do século XVIII, ainda sob o estampido medonho da revolução franceza,

que derrocando uma sociedade velha, lançava pelo mundo germens que successivamente tinham de fazer apparecer os direitos do homem.

Era sob essas auras que tão longe sopravam que o infeliz poeta da patria, acalentava-se.

Sem um nome, sem uma familia, e sem, nem ao menos, a côr, Saldanha vinha ao mundo.

O nome de seu pae não o declinaria, era filho de um sacerdote, vigario em Serinhaem; mãe, era uma mulher mulatá, e outros dizem, creoula ou preta; nascia malfadado para a sociedade.

Nascia em um tempo em que a patria, rica, esplendida e magnificente era apertada nos laços de ferro dos interesses da metropole.

D. Thomaz de Menezes sob cujo governo vinha elle ao mundo, e um d'aquelles governadores a quem muito deve a provincia por sua bondade, e o que, mais que nenhum, legou-lhe beneficios.

Saldanha, mulato, como elle se chama, nada tendo a seu favor, e só contra si, a sua procedencia, que n'aquelles tempos era muito reparada, tinha entretanto de representar um papel assaz importante em sua provincia, que se orgulha de lhe haver dado o berço e embalado-o com os poderosos principios de patriotismo republicano.

Na idade que devia decidir-se por uma carreira

ncipiára os estudos que tinham de formar um  
erdote.

No seminario de Olinda, onde então se recebia  
instrucção secundaria, revelou Saldanha o seu  
ecimento, no curso de humanidades; mas cedo  
de seguir os estudos de direito que tinha de  
azel-os em Coimbra.

Elle mesmo diz os seus primeiros annos como  
passaram, soneto XXXVIII

Em setembro nasci, no mesmo dia  
Em que nasceu do Eterno a filha pura;  
Soube aos cinco fazer qualquer leitura,  
E aos dez annos a musica aprendia.

Aos doze uma rabeça eu já tangia,  
E mil versos compunha com doçura;  
Aos quinze do latim tomei tintura,  
E aos dezoito estudei philosophia.

Estudei com prazer Quintiliano  
Em desenho empreguei a mocidade,  
Quiz da sã theologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que posteridade,  
Já tem gasto o Saldanha de anno em anno,  
Vinte e dois, que hoje tem de idade.

De certo é, devido ao pae o caminho que tomou  
Portugal, pois que nenhum recurso tinha a fa-

---

milia materna do poeta, assim como acreditamos que o desejo que teve Saldanha de entregar-se á vida sacerdotal, foi-lhe desviado por conselhos igualmente de seu pae que desejou aproveitar o seu talento.

Mas Saldanha si como estudante de humanidades tanto brilhára, a ponto de fazer vencer sacrificios a seu pae para o fazer educar em uma carreira litteraria na metropole, muito mais tinha de revelar-se em Coimbra.

Matriculado em 1819 no primeiro anno de direito civil e canonico, era elle e outro, os unicos que ali tinham os premios do anno pelo seu talento e applicação. Era-lhe conferido o grau de *accessit*, que era convertido em dinheiro por elle assim o preferir.

No segundo anno sempre o mesmo, não obtinha premio, porém nenhum outro estudante tinha essa gloria; no terceiro anno de seu curso, talvez cioso de vêr passar um anno sem distincção, applicava-se de maneira a ser-lhe conferido o premio de *accessit* (outra vez revertido em dinheiro) e que tambem era dado ao mesmo companheiro do primeiro anno; e ainda eram os dois unicos premiados <sup>36</sup>. No quarto anno Saldanha fazia o seu acto,

<sup>36</sup> Consta dos Livros dos Actos dos respectivos annos, da

sendo o presidente da mesa o dr. José Pinto Fontes, e era approvado *nemine discrepante* a 2 de julho de 1823 e recebia a carta de bacharel *in utroque jure* <sup>37</sup>.

Saldanha que passara com toda a economia os seus tempos em Coimbra, que tinha acceitado que os premios de *accessit* fossem convertidos em dinheiro, quarenta mil réis cada um, como lhe permitia os estatutos da Universidade, pois era pobre; passara as horas de desenfado a visitar os logares sandosos de Coimbra e a inspirar-se em suas recordações, na quinta das Lagrimas, Lapa, dos Esteios e Penedo da Sandade, quando não cantava a patria e os amigos.

No seu terceiro anno em 1822, colleccionava suas poesias e dava-as ao prélo, sob o titulo de «Poemas offerecidos aos amigos amantes do Brazil».

Si se havia imposto como grande estudante de direito, não menos celebre se havia tornado como ameno poeta.

Universidade de Coimbra, dos quaes extrahimos estes apontamentos, em nossa viagem.

<sup>37</sup> Na Universidade de Coimbra se confere no 4.º anno de direito o titulo de Bacharel; no 5.º o de Bacharel formado; e depois o de Doutor si o Bacharel defende theses.

Em nossas faculdades só ha os dois ultimos, não se fazendo distincção do Bacharel e Bacharel formado.

De posse da carta, ia Saldanha mitigar a saudade dos amigos e da patria, e mal sabia elle que tinha apenas de visital-a, pois que não ella, mas osy' homens tinham de foragil-o d'aquella pela qual

Mil versos compunha com doçura.

Chegado a sua provincia, era bem recebido; poucos e mui poucos tinham a fortuna de seguir uma carreira superior a não ser a sacerdotal; o fóro resentia-se da falta de advogados, e um moço tão conhecido pelo seu talento não podia deixar de encontrar acceitação.

Apenas chegado, exercera o logar de auditor de guerra que a custo acceitara; em breve porém deixava esse logar para abrir escriptorio de advogado.

N'essa honrosa profissão, separando-se dos interesses mal julgados, da chicana e obrando limpamente, adquiria larga clientela.

Após a revolução de 1817, o governo de compressão que teria a capitania acabara-se em 1821 pela convenção de Beberibe.— O governo que lhe succedia, as juntas até 1823, era um governo de oscillações.

Um certo grau de liberdade chegado até á licença, predominava no povo.

Expandido o seu genio após um governo militar, os homens da administração fracos para conter os odios e excessos do povo, sustentavam uma posição toda filha da vontade do mesmo povo; porque a menor sedição, o menor pronunciamento levantava logo um grande partido.

As idéas prégadas na *Sentinella*, de Cypriano Barata; e no *Escudo*, de Mendes Vianna, idéas subversivas, mais contribuiam para animar as inclinações de uma população desenfreiada.

Ao tempo da oppressão succedia o da licença.

Era em tal occasião que Saldanha voltava á patria, onde o seu genio ultra-republicano, achava largo campo, e onde suas idéas mais se acalentavam. Era uma occasião que levantando-lhe os seus sentimentos de liberdade o tinham de comprometter até ao ponto de, ou morrer, ou expatriar-se.

A sedição que se levantára, e que trouxera como consequencia a prisão dos redactores da *Sentinella* e do *Escudo*; era a morte da junta.

Este acto obrigava-a a demittir-se ante a camera de Olinda, e então formava-se a 13 de dezembro o novo governo.

As idéas de liberdade que professava J. N. Saldanha, eram das mais avançadas, o seu patriotismo conhecido em todas as occasiões, tinha-lhe dado

---

summa importancia, e tendo de se proceder a eleição pela queda da junta em 13 de dezembro de 1823 era eleito elle secretario por 50 votos, cargo assaz honroso e que elle desempenharia com intelligencia inexcedivel.

Investido d'esse cargo e servindo com Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente do governo, pelas suas idéas e por seu talento mais se fez necessario em quadra tão difficil como aquella pela qual passa a a provincia.

Aberta a luta com a côrte e proclamada a — Confederação do Equador — era Saldanha não só ouvido de Manoel de Carvalho, como nos conselhos mostrava-se sempre exaltado patriota pugando pela independencia da provincia, e redigindo as proclamações assignadas pelo presidente.

Debellada a revolução, enquanto uns entravam para os carcereos, outros tomavam o caminho do desterro; e entre estes ia Saldanha, que podia assim salvar a cabeça do patibulo.

Escapo ás pesquisas da força dirigiu-se para a Inglaterra onde se achava Manoel de Carvalho. Hospedado pouco tempo em sua companhia foi persuadido a transportar-se para a França.

N'essa nova residencia achava-se elle entregue as tristes doçuras de viver com patricios, longe da

---



---

patria, e sem recursos, quando foi acordado d'essa satisfação pela policia franceza que lhe intimou a retirada da França dentro de um certo praso.

Parecia que o destino de Saldanha era o do condemnado; sem meios, encontrou em corações generosos de moços, os auxilios precisos para voltar de novo a Inglaterra.

Deixava um solo onde prendia-se o pensamento e o coração.

De volta a Inglaterra ia encontrar-se com Manoel de Carvalho; mas este talvez, pouco satisfeito de correr com despesas, persuadia o nosso poeta a deixar o solo britannico e transportar-se para os Estados Unidos, para onde dava-lhe cartas de apresentação.

Atravessando o oceano, ia o poeta contemplar a grande republica americana.

Mais uma decepção amarga tinha de juntar aos desenganos da vida.

Elle, pardo, ia encontrar no paiz da liberdade, o mais terrivel preconceito contra a igualdade e fraternidade, a da côr<sup>35</sup>.

<sup>35</sup> É sabido o preconceito de côr que ainda hoje existe nos Estados-Unidos. Depois da liberdade da escravidão e dos direitos que os homens de côr adquiriram, mais terrivel se tornou esse prejuizo, chegando a formar-se sociedades para extinguir

---

Não se lhe concedendo o assento na mesa commum, e sim reservada, onde os seus amigos e patricios tambem expatriados, quizeram fazer-lhe companhia, em um instante de doloroso sentimento fez um soneto que não chegou ao nosso conhecimento.

Quiz logo sair dos Estados Unidos e passou-se ao Mexico e d'ahi a Venezuela, onde fixou sua residencia, esperando o dia em que podesse vêr a patria.

Foi d'ahi que enviou uma carta ao dr. Pedro de Moraes Mayer, assim como a procuração ao seu collega dr. Garcia de Almeida, Juiz que o condemnou á morte, assim como o soneto que acha-se á pag. 44.

Por curiosa a procuração a transcrevemos :

«Pela presente procuração, por mim feita e assignada a uma raça negra, como a celebre Klus-klus, na qual se achavam filiados sacerdotes, senhoras e a gente mais escolhida da republica. A mortandade de familias inteiras levou a policia a descobrir em 1865 esse elemento de destruição.

Ainda hoje são mal recebidos nos theatros e logares publicos os homens de côr, havendo sempre questões que só a força publica as contem.

Não é só este o vicio de que se resente tão grandioso paiz que admira e assombra o mundo.

Em questão da eleições e de dinheiros publicos muito se falla sem conhecimento.

---

da; constituo por meu bastante procurador na  
ncia de Pernambuco ao meu collega dr. Tho-  
Xavier Garcia de Almeida, para em tudo cum-  
a pena que for imposta pela commissão mili-  
odendo este morrer enforcado, para o que lhe  
rgo todos os poderes que por lei me são con-  
is. Caracas, 3 de agosto de 1825. — *José  
vidade Saldanha.*

o seu collega Moraes Mayer enviava uma carta  
rtude da sentença que contra elle havia dado,  
qual chamava-o de mulato.

esse desafogo lembra-lhe elle que esse — tal  
o Saldanha — era o mesmo que adquiria pre-  
quando elle Mayer tinha approvação por em-  
is, quando o tal mulato recusava o logar de  
or elle o alcançava por bajulações, etc.

mos que Saldanha fallecera solteiro, embora  
elle dito na mesma carta a Mayer que era  
bem acolhido na sociedade de Caracas e que  
ta receber-se com uma senhora; a morte tal-  
vesse cortado esses laços.

lado de saudades, condemnado á morte como  
roso, pela patria que tanto amara, pouco a  
finou-se Saldanha de doenças que lhe pro-  
m os excessos de bebidas alcoolicas a que se  
entregado, e nas quaes procurara entorpe-

---

cer o sentimento que mais lhe predominava no espirito.

O retracto que precede estas suas obras, mostra quanta vida e mocidade se perderam com a sua morte.

Ao passo que para outros abria a patria mais tarde suas portas, para elle tinha ella gravada na memoria a triste e pesada sentença de Dante, ás portas do inferno.

Onde jaz Saldanha e quando morreu, ainda brasileiro nenhum se lembrou de indagar.

O que esperar de filhos de Lusos?

#### IV

Pernambuco é summamente esquecido de suas glorias.

As lettras são aqui tão honradas quanto as armas.

Largo horisonte tem percorrido elle, e seus filhos em todos os tempos tem gloriosamente sustentado seus fóros.

Innumeros nomes passam em olvido.

A tribuna sagrada foi sempre honrada por muitos sacerdotes carmelitanos, franciscanos, beneditinos e de S. Filippe Nery.

---

Os cursos de humanidade haviam creado a muitos sacerdotes um nome celebre, e ainda os estudos aridos como as mathematicas tinham profundos conhecedores no claustro.

A poesia sacra era tambem cultivada; e d'ella nos restam por ahi muitos canticos que se repetem em que os seus auctores sejam conhecidos.

Na epoca em que florescia Saldanha não era meos rica de talentos poeticos.

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, tão distincto escriptor e professor quanto ameno poeta cantava a sua Marilia, e a patria e ainda no oratorio eram os seus ultimos versos por ellas.

Fr. João Baptista da Purificação, franciscano, homem de subido talento, era dulcissimo dedilhador da lyra; muitas poesias suas passam esquecidas de seu nome, e apenas uma Ode publicada no volume de Antonio Joaquim de Abreu é conhecida <sup>39</sup>.

Padre João Baptista da Fonseca igualmente dulcissimo poeta, compunha suas obras que modestamente guardadas, eram apenas conhecidas de poucos.

Fr. Miguel do Sacramento Lopes Gama, benedi-

<sup>39</sup> O sr. Padre Lino do Monte-Carmelo, na sua obra *Memoia sobre o clero Pernambucano* transcreve a ode e elogio de Abreu ao franciscano.

ctino, professor de rhetorica, dava-se muito as musas, e no genero ligeiro compunha, como Domingos Caldas, canções que as acompanhava em instrumentos.

Em luctas politicas era levado a compor o seu poema heroi-comico a *Columnneida* no qual o Padre Barreto e Marinho eram portogonistas.

Escrevera posteriormente o *Carapuceiro*, jornal critico e joco-serio, por cuja antonomasia ficou conhecido.

Padre José Marinho Falcão Padilha professor no Lyceu, era tambem excellente poeta; para as festas campestres compunha elle poesias; assim como canticos e dramas pastorís para a commemoração do natal e que eram cantados nos presepes, sempre de todos os tempos, com verdadeiro delirio, festejados na provincia e que constituem uma feição particular de seus costumes <sup>40</sup>.

Era poeta que escrevia sob as impressões instan-

<sup>40</sup> As festas campestres; as de S. João, Santo Antonio e do Natal e outras tem um cunho particular da provincia, que em nenhuma outra é excedida, temos tido occasião de conversar a este proposito e mais nos confirmamos em nossa opinião; mesmo entre outros povos não temos rival. O quasi delirio popular e ainda mais de toda a população, quer nacional quer estrangeira, — as danças proprias do povo, os *sambas* — tudo é uma feição particular da nossa provincia.

do sentimento, era uma torrente, esgotado  
mento calava-se a lyra. Ardente escrevia elle  
na heroi-comico intitulado a *Miguelida* em  
ta a *Columneida*.

Fr. Lopes Gama o protagonista por sua

ora da morte, porém, rasgou-o Marinho, sem  
essem as lettras de lamentar esse facto : —  
a a prova de reconciliação com o seu anta-  
politico.

icisco Ferreira Barreto, o Doutsinho, já  
edilhava na lyra so ns meigos e suaves, como  
s que se respiram em suas poesias—Ameno,  
mo no verso de pequeno como de grande  
era Barreto o poeta da meditação ; sem as  
as, os impetos de Marinho, era elle ao con-  
poeta da lima e que mais cumpria os pre-  
le Horacio.

versos limados e burilados successivas ve-  
perdiam nunca a graça da idéa.

provincia imprimiu suas obras.

e João Baptista Cordeiro, um dos martyres  
lução de 1817 nos carceres da Bahia, ahi  
o seu nome de poeta.

ente cheia de vida e de idéa, era o poeta ar-  
improvisador, seus versos bellos e faceis,

tem ao mesmo tempo a expressão e energia do sentimento.

Com a facilidade do improviso jogava aceradamente o epigramma, ora contra os companheiros, ora contra os verdugos.

Sem nunca deixar de poetar, ainda nos acontecimentos de 1824, andava foragido, sem porém, nunca esquecer de memorar em seus sonetos e epigrammas os seus inimigos, não os poupando em tempo algum, nem mesmo o padre Lopes Gama e outros com os quaes achou-se em lucta.

Depois redactor de diversos jornaes e patriota, escrevia os dramas *Arco Verde* ou a *Gloria da Taybarés* <sup>41</sup>, e morria sem que em tempo algum houvesse deposto o alaúde.

Antonio Joaquim de Mello, <sup>42</sup> companheiro e amigo de Saldanha, tambem era poeta; suas canta-

<sup>41</sup> No prologo d'esse drama dá elle noticia de um poema heroico, de auctor que desconhecia, e que encontrára em seus papeis; é a *Pernambuquiada* cujos versos pelas diversas citações transcriptas são de subido merecimento, e que será para sentir-se o não se publicar.

<sup>42</sup> Vid. not. 7; pag. 162.

Saldanha celebrou muito A. J. de Mello e cremos, apesar do que dissemos a nota 27, que a elle se refere na Elegia quando diz:

O Joven Mello, amigo verdadeiro.



buco: Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saúdar. Tendo-se celebrado o Acto de minha Acclamação e exaltação ao Throno destes Reynos, e conhecendo pelas vivas demonstraçoens do Meu Povo, da Nobresa, e dos Representantes das Cameras e Corporaçoens, que a elle concorrerão a prestar o juramento de Preito e Homenagem, o Amor e Lealdade que tem á minha Real Pessoa, á Monarchia, e ao Nome Portuguez; querendo demonstrar-lhes quanto me são agradaveis estes fieis sentimentos: Houve por bem por Decreto da datta desta expedido á Mesa do Dezembargo do Paço, que as Devassas a qua se estavam procedendo nessa, ou em outras quaesquer terras pelos crimes, que alguns malvados, trazendo de lóngo o veneno de opinioens destruidoras, e querendo inficionar a Nação Portugueza, que acabo de ver que se acha illesa, commetterão contra o Estado, conspirando-se, e rebellando-se contra elle, cessassem no seu prosegui-mento, e se houvessem por fechadas e concluidas, para se proceder sem outra demora a julgar os Culpados pelo que por ellas já constasse e segundo as suas culpas merecessem, pois que não permite a justiça que crimes tão horrorosos fiquem impunidos. Que não se procedesse consequentemente prender ou sequestrar a mais nenhum Réu, ainda

---

que pelas mesmas Devassas já se lhe tivessem formalisado culpas, excepto tendo sido Cabeças da Rebelião, e os que tivessem sido presos, ou sequestrados depois da datta deste dia, fossem soltos e relaxados os sequestros; pois he Minha Tenção que a Justiça somente prosiga contra aquelles que anterior a elle já se achavão prezos e todos os mais fiquem perdoados, ainda que tenham commettido Culpa provada, a excepção somente dos referidos exceptuados. O que me Pareceo participar-vos, para que assim o tenhaes entendido. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Fevereiro de 1818. — Rey : . : Para Luiz do Rego Barreto.

# POESIAS

10

11

12

---

---

SONETO

I

A Bartholomeu Dias <sup>1</sup>

as toca o promontorio ousado  
iso Dias o baixel veleiro,  
rio, espesso, denso nevoeiro  
bre o dia ao nauta denodado.

na enxarcia Noto desatado ;  
ar baqueia electrico luzeiro ;  
ouco trovão, e sobranceiro  
Neptuno em serras levantado.

irge, eis s'ergue espectro pavoroso :  
iso (trôa assim) é tempo ; agora  
cerás de Neptuno ao seio undoso.

... (horrendo abysmo a nau devora :)  
punido, ó mortaes, o que vaidoso  
iu primeiro os penetraes da aurora.

## SONETO

## II

Ao tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti,  
estudante do terceiro anno de mathematicas, e fallecido  
a 4 de julho de 1821

Finalmente, Vieira, illustre amigo,  
Morreste ás mãos da phtysica funesta.  
O que resta de ti? Sómente resta  
Um frio corpo em tacito jazigo.

Dons, em que o céo foi liberal contigo,  
Não te salvaram da secure infesta ;  
Vibrou seus golpes Átropos molesta,  
Soffreste sem delicto atroz castigo.

O que foste, o que és hoje estamos vendo ;  
E a amisade fiel seus ais te envia  
Junto ao sepulchro, em que te vê jazendo.

Descansa em paz na sepultura fria.  
Ah! talvez que Saldanha ao mal cedendo \*  
Breve te faça eterna companhia.

\* O auctor estava então enfermo.

## SONETO

## III

Depois de haver contente protestado  
Nunca mais harpejar na branda lyra,  
E á divina Camena que me inspira  
Haver entregue o plectro auribordado :

Depois de ter o Pindo abandonado  
Onde habita o Pastor que o globo gyra,  
O sacro enthusiasmo não expira,  
Nem o phebêo calor tem moderado.

Um não sei que me impelle com frequencia  
Para versos fazer, por mais que forte  
Oppôr-lhe intento humana resistencia.

Que farei? Eu não posso obstar a sorte :  
Quer que eu seja poeta : paciencia ;  
Sou poeta e serei até á morte.

## SONETO

## IV

Marcia! Marcia! ai de mim! está chegado  
O momento cruel que eu mais temia;  
Sinistro mócho, que a meu lado pía,  
Ha longo tempo o tinha annuciado.

Já deixei o surrão e o meu cajado;  
Quebrei a doce fruta, em que tangia,  
E o rafeiro fiél, que me seguia,  
Definhou; definhou tambem meu gado.

Tudo acabou; e a negra desventura  
Quer que os laços de amor a ausencia corte;  
Que eu deixe, ó Marcia, a tua formosura.

Céos! que fado cruel! que imíga sorte!  
Eu desespero, eu morro... ó Parca dura,  
Já que Marcia perdi, vem dar-me a morte.



## SONETO

V

A D. Ignez de Castro

aixo d'esta pedra inculta e dura  
de Pedro a consorte, Ignez formosa;  
em tambem com ella em paz ditosa  
inocencia, a virtude, a formosura.

foi a causa d'essa morte escura  
rendo crime, culpa vergonhosa;  
delicto foi ser de um rei esposa,  
amada e amar com fé tão pura.

ilhas do Mondego o caso infando  
logo tempo chorando memoraram,  
nadeixas subtis desentrançando.

mondego gemeu: os céos troaram;  
os Amores dos labios se apartando  
luras settas pallidas quebraram

## SONETO

## VI

Ao mesmo assumpto feito de repente na quinta  
das Lagrimas em 1820 <sup>2</sup>

A sombra d'este cedro venerando  
Momentos mil gosaste encantadores ;  
Aqui mesmo assentada entre os verdores  
Te achou mil vezes Pedro suspirando.

Parece-me, que estou ainda escutando  
Teus suspiros, teus ais, e teus clamores ;  
Parece-me que a Fonte dos Amores <sup>3</sup>  
Inda está de queixosa murmurando. •

Aqui viveu Ignez !... E reclinada  
Á borda d'esta fonte clara e pura,  
Foi (que horrivel memoria !) traspassada.

Mortaes ! gemei de magoa, e de ternura ;  
N'esta rara belleza não manchada,  
Foi culpa amar, foi crime a formosura.

## SONETO

## VII

Os teus olhos gentis, encantadores,  
Tua loira madeixa delicada,  
Tua bocca por Venus invejada,  
Onde habitam mil candidos amores :

Os teus braços, prisão dos amadores,  
Os teus globos de neve congelada,  
Serão tornados breve a cinza !... a nada !...  
Aos teus amantes causarão horrores !...

Céos ! e hei de eu amar uma belleza  
Que á cinza redusida brevemente  
Ha de servir de horror á natureza !...

Ah ! mandae-me uma luz resplandescete,  
Que minha alma illumine, e com puresa  
Só ame um Deos, que vive eternamente.

## SONETO

VIII

Em vão, meu caro amigo, acautellado  
Pretendes occultar no teu semblante  
A paixão, que te abrasa o peito amante,  
A causa d'esse amor, talvez baldado.

Em teus olhos, e peito incendiado,  
Flammeja essa paixão omnidomante,  
E onde estará occulto um só instante  
O filho de Mavorte, o deus alado?

A engraçada, gentil . . . . .<sup>4</sup>  
Formosa nympha, mais que Venus bella,  
É causa d'esse amor, paixão divina.

Deixa, amigo, no amor não ha cautella;  
Ama livre a gentil, que te domina,  
É teu gosto morrer?... morre por ella.

## SONETO

## IX

## Á aclamação de D. João VI

Empunha, ó rei supremo, um sceptro augusto  
De teus claros avós co'o sangue herdado  
Cinge o regio diadema não manchado,  
Terror do Ganges, e do Hydaspe susto.

O céu, que te protege, o céu que é justo,  
Vestirá de ventura o teu reinado,  
Ed'... e...<sup>5</sup> o braço armado  
Teu reino escudará do hispano injusto.

Brando recebe o feudo respeitoso,  
Que a filha de Agenor, Brazil jocundo,  
Que o luso Algarve offrece pressuroso.

Reina, ó copia fiel de João segundo :  
Sobe a um throno, que esteia o céu piedoso,  
Prospéra, ó novo rei, o novo mundo.

## SONETO

X

À mocidade pernambucana que se alistou  
no anno de 1817

Filhos da patria, jovens brasileiros,  
Que as bandeiras seguís do Marcio nume,  
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume,  
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certos,  
Que ás mais cultas nações deram ciume ;  
Seu exemplo seguí, seguí seu lume,  
Filhos da patria, jovens brasileiros.

Esses, que alvejam campos, niveos ossos  
Dando a vida por vós constante e forte,  
Inda se presam de chamar-se nossos ;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte :  
Sejam iguaes aos seus feitos os vossos  
Imitae vossos paes até na morte.

## SONETO

## XI

Si no seio da patria carinhosa,  
Onde sempre é fagueira a sorte dura,  
Inda lembras, e lembras com ternura,  
Os meigos dias da união ditosa.

Si entre os doces encantos de que gosa  
Teu peito divinal, tua alma pura,  
Suspiras por um triste, e sem ventura,  
Que vive em solidão cruel, penosa :

Si lamentas com magoa a minha sorte,  
Recebe estes meus ais... amante,  
Talvez nuncios fieis da minha morte.

E si mais nos não virmos, e eu distante  
Soffrer da Parca dura o ferreo córte :  
«Amou-me, dize então, morreu constante.»

## SONETO

XII

Saudosos versos meus, que desterrado  
No tempo em que negreja a noite escura,  
Vos cantei sem alinho e sem doçura  
Ao vibro do instrumento ao Lethes dado.

Já que vos é propicio o duro fado,  
E gosaes dos affagos da ventura  
Nas azas do pezar e da amargura  
Ide na patria dar saudoso brado.

Saudae os socios meus, por quem suspira  
Esta alma, que de angustias opprimida  
As duras feras compaixão inspira.

Ah! dizei-lhes com voz enternecida,  
Que eu afflicto cantando ao som da lyra,  
Qual o cysne annuncio o fim da vida.



## SONETO

XIII

A um rão de morte <sup>6</sup>

Pallido o rosto, o passo vagaroso,  
Atado o collo á estridula corrente,  
Caminha o semi-vivo delinquente  
Ao patibulo feio e vergonhoso.

A cada passo prova o doloroso  
Golpe fatal da foice relusente,  
E entre as ancias mortaes, que afflicto sente,  
Prevê o instante amargo e luctuoso.

Chega ao logar emfim; ninguem soccorre;  
Dos olhos se lhe furta a luz serena,  
E nas garras do algoz arqueja e morre.

Ceos! que scena de horror! que infausta scena!  
Geme a natureza, que enluctada corre,  
Folga a justiça, que lhe impóz a pena.

## SONETO

## XIV

Ao mesmo assumpto, não querendo o reo confessar-se

Surdo á voz da rasão e da verdade,  
Á dôr negando o natural tributo,  
Antolha o réo feroz co'o rosto enxuto  
O logar, que intimida a humanidade.

Roma o ensina, Roma o persuade;  
Porém não doma o coração corrupto,  
Que do sangue da victima polluto  
Adóra o crime, présa a feridade.

Deixa, Roma, o perverso delinquente;  
Não te canses em vão pois a belleza  
Da virtude feliz não ama e sente.

Deixa, e não te surpre'nda essa duresa:  
Não póde amar a lei do Omnipotente,  
Quem não amou a lei da natureza.

## SONETO

XV

Feito aos srs. Francisco do Rego Barros,  
Sebastião do Rego Barros e José Francisco de Paula  
na retirada do auctor para Coimbra

Caros socios, d'esta alma luz e vida !  
Já do porvir no pégo nebuloso  
Vislumbra o dia infansto e luctuoso  
Em que o céo ordenou minha partida.

Os ternos ais, a triste despedida  
O extremo adeos tão triste, que choroso  
Na vaga phantasia o fado iroso  
Pinta com mão tyranna e desabrída.

Paula ! Regos ! Amigos ! Patria cara !  
Oh ! quem antes de dôr, de magoã pura  
Primeiro que deixar-vos acãbara !

Porém se é tanta a minha desventura,  
Juro-vos que apezar da sorte amára  
Hei-de amar-vos alem da sepultura.

## SONETO

XVI

Aquella que na flor da primavera  
Hontem perpétua ser nos promettia,  
Hoje, quando mais bella parecia  
Ao golpe succumbiu da Parca fera.

Sua alma, já vingando a azul esphera,  
Vae o nume buscar, que veste o dia,  
E do corpo, que é terra, a terra fria  
Apezar dos amantes se apodera.

Que illusa vives, nescia formosura,  
Pensando eternisar-te loucamente  
Se Nize bella vês na sepultura!

Não se evade ao cutello um só vivente,  
Corta co'o mesmo gume a Parca dura  
O misero pastor, o rei potente.

## SONETO

XVII

sentida morte de S. M. a Rainha D. Maria I

ado filho meu, que n'essa idade  
punhas led o sceptro lusitano,  
hece em mim, que o mundo é vão engano;  
é nada o sceptro, é nada a Magestade.

inexoravel Parca á feridade  
distingue pastor, nem Soberano;  
tra co' o mesmo impulso deshumano,  
or, constancia, gloria e Potestade.

; e vassallos, servos e senhores  
na-se em breve tempo á cinza pura,  
vem de pasto a vermes roedores.

á o teu povo: rege-o com ternura;  
; são vassallos, reis, e imperadores  
ies no berço, iguaes na sepultura.

## SONETO

XVIII

Noite, noite sombria, cujo manto  
Rouba aos olhos mortaes a luz plebéa,  
E em cuja escuridão medonha e feia  
Magoa inspira do mocho o triste canto.

Tu avessa ao praser, socia do pranto  
Que rompe do mortal a fragil têa,  
Consola um infeliz, que amor anceia  
E a quem magoa é praser, pezar encanto.

Vem, compassiva noite, e com ternura  
Recolhe os ais de uma alma, que suspira,  
Opprimida de angustia e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira;  
De um triste, que embrenhado na espessura  
Suspirando saudoso arqueja, expira.

## SONETO

XIX

## O Amor

É amor, ó mortaes, inda menino,  
Inda o lacteo crystal de Venus ama;  
Inda mãe ternamente agora chama;  
Porém já é cruel, feroz, malino.

É formoso o seu rosto pequenino,  
Seus olhos são iguaes á rubra chamma,  
Sua vista sómente abrasa, inflamma,  
Envenena seu beijo viperino.

É travesso, é astuto, é destemido  
É dos Deoses do orbe o mais pequeno,  
E d'elles o maior e o mais temido.

Domina o que é celeste, o que é terreno;  
É doçura não sendo conhecido,  
Conhecido porém letal veneno.

## SONETO

XX

O Poeta

De gloria cheio, si de pó tingido,  
Alardeia o guerreiro furioso  
Que lhe orna a fronte, loiro sanguinoso,  
Na campina de Marte conseguido.

Pela chamma de Phebo produsido  
Présa o metal o rei ambicioso,  
Que recebeu fagueiro e carinhoso  
De Adimetto o pastor esclarecido,

Eu alardeio só a branda lyra,  
Que nos campos horriveis de Mavorte  
Dando vida aos heroes, aos nescios tira.

É dos homens diversa a triste sorte;  
O guerreiro perece, o rei expira;  
Só o vate se esquivá á lei da morte.



## SONETO

XXI

Do Gnidio nume o fogo devorante  
Inda não abrasou meu terno peito ;  
Inda em mim não causou penoso effeito  
Do éneo carcaz a setta penetrante.

Não suspiro, não gemo afflicto amante  
Não vivo ás leis crueis de amor sujeito ;  
E vivo a não amar já tão affeito,  
Que seu poder não temo omnidomante.

Não me pode mover formosa dama ;  
Seu rosto divinal jamais ateia,  
Jámais accende em mim amante chamma.

De uma paz salutar minha alma é cheia ;  
Não amou, não deseja, emfim não ama ;  
Com o douto Venuso se recreia.

## SONETO

XXII

A Jesus Christo

Qual de Abrahão o mimoso descendente  
O secco lenho aos hombros carregando,  
Que á soberba montanha caminbando  
Vae ser candida victima innocente :

Assim curvo do lenho ao peso ingente  
Em rubro sangue o ser evaporado,  
Ao supplicio mais barbaro e nefando  
Caminha vagaroso o Omnipotente.

Já das forças virís destituido,  
Toca de quando em quando a terra dura  
A mão que vibra o raio tripartido.

Oh ! poder milagroso da ternura !  
Quer padecer um Deos sendo offendido  
Para não padecer a creatura.

## SONETO

XXIII

Ao Sr. Antonio Joaquim de Mello

quanto sobre o cume omnipotente<sup>7</sup>  
bífido Parnaso delectoso  
som da lyra grato e sonoro  
is louvores entôa o Deus<sup>7</sup> lusente :

quanto a diva musa alticadente,  
e te inspira um cantar melodioso,  
n a rama do loiro precioso  
enriquece, te adorna a douta frente :

, em cãdido cysne transformado,  
branceiro a uma fama transitoria,  
norte sobranceiro, ao tempo, ao fado ;

u, mimoso cantor das musas gloria,  
ampar o teu nome celebrado  
s brilhantes altares da memoria.

## SONETO

XXIV

Ao mesmo Sr. no dia anniversario da restauração  
de Pernambuco, 27 de janeiro

Mello sonoro, Mello evidomante,  
Cuja mente fecunda Apollo inflamma,  
Cuja fronte enriquece, adorna, enrama  
De verde loiro c'rôa vicejante.

Hoje que este paiz belligerante  
Revive cheio de esplendor e fama:  
Com os filhos heróes, que o mundo acclama  
No templo da memoria flammejante:

Toma a lyra sem par, que o mundo espanta,  
E aureas cordas ferindo brandamente  
Almos hymnos Dircêos entôa e canta.

Da mente solta a fulgida corrente;  
Solta a cadente voz, que a tudo encanta,  
Canta o brio e o valor da patria gente.

## SONETO

XXV

Ao mesmo Sr.

Desprende, Aonio, a voz que amor inspira,  
Desprende a chamma, que te abrasa a mente,  
Já que o numen intonso te consente  
Harpejar na Venusa, excelsa lyra

Ou tu cantes de amor, que a paz nos tira,  
Ou do nume vivaz armipotente,  
Tua lyra feliz, teu som cadente  
Iguala o do pastor, que o orbe gyra.

Entóa o Carmen, que te coube em sorte \*  
Não denegues á patria, ao ceo querida,  
Teu canto sobranceiro ao ferreo córte.

Feliz Aonio! Sorte appetecida!  
Tu inda has de viver depois da morte,  
Eu depois della não terei mais vida.  
Allude a uma Ode, que elle se havia obrigado a compôr.

## SONETO

XXVI

Céos que silencio triste, que respira  
Da feia morte na morada impura!  
De Phebo aqui não brilha a formosura,  
O dia é noite, a noite horror inspira.

Do fero Achilles não flammeja a ira,  
Occulta Mario negra sepultura,  
Curiaccio, Annibal é cinza escura,  
Não canta Horacio, Ovidio não suspira.

Tudo é silencio, é taciturno tudo;  
Platão famoso, esse orador de Athenas,  
Eloquencia não tem, jaz frio e mudo.

Terrível morte, a quanto nos condemnas!  
Debaixo do teu sceptro carrancudo  
Os gostos são iguaes, iguaes as penas.

## SONETO

XXVII

Sr. Francisco de Rego Barros <sup>8</sup> no fim de um anno lectivo

Da sagrada prisão, que nos unia,  
Companheiros fieis, rompeu-se o laço:  
Quanto o bem do mortal é sempre escaço!  
Quanto é fugaz a candida alegria!

Acabou-se a união: a sorte impia  
Nos veio separar por longo espaço;  
Acabou-se a união: sombrio e baço  
Já nasce phebo, já desponta o dia.

Adeos, adeos, amigos; se entretanto  
Roubar-me a vida o meu cruel destino,  
À quem não move sonoro canto,

Sáudai as cinzas do cantor divino;  
Sobre a campa vertei saudoso pranto,  
E dissei suspirando: «Adeos Josino.»

## SONETO

XXVIII

Ao Sr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, ottimo orator

Accesos turbilhões, corrente chamma,  
Linguagem não vulgar, que o mundo enleia,  
Gloria nossa, Miguel, relampagueia,  
Nas tuas orações, que exalta a fama.

Quando sóltas a voz, que a tudo inflamma,  
Que arrebatá, que enleva, e que recreia  
Folga o céo, dorme o vento, o mar baqueia,  
Abranda-se Plutão, que as trevas ama.

Seus thesoiros em ti os céos entornam;  
Do Lacio Tullio, do Pirêo jocundo,  
As graças, e o candor teu peito exornão,

Tens, ó grande Miguel, genio fecundo,  
Entre os sabios, que a patria, o globo adornão,  
Olinda por altar, por templo o mundo.



## SONETO

XXIX

18 annos de um meu amigo, o sr. Francisco de Rego Barros

Apenas hoje o coche diamantino  
Da aurora bella o dia annunciava,  
Despido o terreo manto eu adejava  
Ao sacro templo do efficaz destino.

Ertilio consultei, mago divino,  
Que a sorte dos mortaes patenteava,  
Se este dia feliz tambem estava  
Preso dos évos ao poder malino.

Tres vezes a cabeça então menêa  
E alegre assim me diz: «tão fausto dia,  
«Que o céu namora, que o mortal recreia,

«Em rico fuso d'oiro a Parca fia  
«E do monstro voraz, que heroe golpêa  
«Refolga sobranceiro á foice impia.»

## SONETO

XXX

Ao sr. Manuel Ferreira Portugal <sup>40</sup>

Cantor mellifluo, cysne mantuano,  
Que nas margens da fria Cabalina  
Vibrando o plectro, alçando a voz divina  
Fazes lembrar o encantador Elmano;

Genio Venuso, imagem do thebano,  
Que ergueu Thebas co'a lyra peregrina,  
Que no abysmo, em que impera Proserpina,  
Domarás qual Orpheu o deus Summano

Ah! não cantes Josino; em o teu canto  
Não sôe o nescio vate, que suspira  
Submergido em pezar, desfeito em pranto.

Canta o Gama, Ferreira, ao som da lyra,  
Os collegas fieis modula, emquanto  
Josino suspirando arqueja, expira.

---

SONETO

XXXI

Canta o pastor na patria reclinado  
Emquanto o gado pásce na espessura;  
Suspira á borda já da sepultura,  
O misero da patria desterrado.

Um no casal paterno agasalhado  
Os mimos gosa da fugaz ventura;  
Outro cheio de angustia e de amargura,  
É da feia desgraça bafejado.

Aquelle no regaço da alegria,  
Sem temer do cutello o duro córte,  
Não conhece o pezar nem a agonia.

Este, persegue-o tanto a iniqua sorte,  
Que para se alegrar em um só dia,  
Que para ser feliz, espera a morte.

## SONETO

XXXII

Ao Sr. José Francisco Toledo <sup>11</sup>

Tu que libas gostoso a fonte pura,  
Onde se banha o nume esclarecido,  
Caro Toledo, cysne appetecido  
N'esta saúdosa, rustica espessura :

Pragas em vão tropeja, em vão murmura  
Contra o teu nome o tempo encanecido,  
Pois nas azas da fama ao céu erguido  
Vôa ao templo feliz, que sempre dura.

O teu estro de loiros adornado  
Sobranceiro do tempo ao duro córte,  
Ha de ser no porvir abençoado.

Que destino feliz! que fausta sorte!  
Tu serás pelo tempo respeitado;  
Eu não hei de existir além da morte.

## SONETO

XXXIII

Ao sacro templo de hymeneo guiava  
A Marcia bella Jonio carinhoso,  
E de niveos jasmins festão mimoso  
As fronte de um, e de outro engrinaldava.

Curvo ancião á porta os esperava,  
E os conduziu ao nune poderoso,  
Que sobre um aureo throno luminoso  
Aos amantes fieis as leis ditava.

Na pyra divinal, que em chamma ardia,  
Mettendo a mão sem mancha modularam  
Faustas preces, que o numen lhes dizia.

Prostrados ao depois a fé juraram;  
E em signal de alliança que os unia,  
As faces mutuamente se beijaram.

## SONETO

XXXIV

Saudoso bosque, rustica espessura,  
Que ouvís os meus lamentos dolorosos,  
Negros cyprestes, montes escabrosos  
Não me negueis amiga sepultura.

Em feia cova, habitação escura,  
Onde encontram praser os desditosos,  
Meus dias findarão, dias penosos,  
Bafejados da baça desventura.

N'este medonho abrigo sepultado,  
Tendo por socios môchos carpidores,  
Serei com minha morte afortunado.

Sobre a campa se leia: «Aqui, pastores,  
«Josino está, pastor desventurado;  
«Morreu de ingratidão, morreu de amores.»

## SONETO

## XXXV

A Parca dos mortaes pavor e susto,  
Não me infunde terror, não me intimida;  
A gloria préso mais que a propria vida,  
Morrer sendo fiel é doce, é justo.

O poder oppressor, poder injusto,  
A lusente secure ao céu erguida,  
O mar, a terra toda enfurecida  
Não me acobarda, não, eu não me assusto.

Sobranceira ao temor, ao fado, á morte  
Alma grande, que présa a singelesa,  
Vê em paz o revez da iniqua sorte:

E em fogo divinal sómente accesa,  
Quando a Parca lhe dá o extremo córte,  
Diz com praser — *adeos* — á natureza.

## SONETO

XXXVI

Da estrondosa trombeta o som tremendo,  
Que intimida, que atterra a humanidade,  
Annuncia o juizo, a eternidade,  
Do mundo inteiro o ambito correndo:

Vem do solio estellifero descendo  
Nas azas de celeste potestate,  
Cheio de eterna gloria e magestade,  
O Deos, que está dos céos a terra vendo.

Do vasto Josaphat ao val ingente  
De Adão surgindo a prole do jazigo  
Se ajunta, se une á voz do Omnipotente.

Surge do averno o perfido inimigo...  
Está o inferno aberto... o céu patente...  
Silencio,... dize o mais, que eu mais não digo.



SONETO

XXXVII

Eu descí á marmorea sepultura,  
Onde Belisa fôra sepultada,  
Céos que vi! cinza fria!... terra!... nada!...  
Não vi belleza, graça, formosura.

A fulgurante mão de neve pura,  
Que mil vezes por mim fôra beijada,  
A rosea face, a boca delicada,  
Já encantos não tem, não tem figura.

Eu chorava perdido o bem formoso,  
Quando escuto uma voz enternecida,  
Que saía do abrigo pavoroso:

«Vê ao que estou, Josino, redusida:  
«Eis aqui o meu rosto gracioso,  
«Eis o fim dos mortaes depois da vida.»

## SONETO

XXXVIII

Ao sr. cadete Sebastião de Rego Barros em 1848

Em Setembro nasci, no mesmo dia,  
Em que nasceu do Eterno a filha pura;  
Soube aos cinco fazer qualquer leitura,  
E aos dez annos a musica aprendia.

Aos doze uma rabeça eu já tangia,  
E mil versos compunha com doçura;  
Aos quinze do latim tomei tintura,  
E aos dezoito estudei philosophia.

Estudei com praser Quintilliano,  
Em desenho empreguei a mocidade,  
Quiz da sã theologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que, posteridade,  
Já tem gasto o Saldanha d'anno em anno  
Vinte e dois annos, que hoje tem de idade.

## SONETO

XXXIX

## A Primavera

no roxo oriente da existencia  
tre lyrios renasce a primavera;  
mosa qual será, qual é, qual era,  
sentes aviventa a extincta essencia.

s arvores a grata efflorescencia  
s ternos peitos mil encantos géra  
cedro venerando reverbéra  
immenso Deos, a immensa omnipotencia.

ve, ó quadra gentil! Eu te saúdo!  
ram-te a vinda as aves com seu canto;  
e murmura o rio outr'ora mudo.

lham os prados de mil flores cheios.  
eu, quando o praser abrange a tudo,  
o entre sustos, vivo entre receios.

## SONETO

## XL

Paulo e Virginia <sup>12</sup>

Dos numens, dos mortaes, amor, encanto,  
Paulo! Virginia! ó par eu vos saúdo!  
Amavel natureza! Eu verto mudo,  
Tuas leis adorando, acerbo pranto.

Dias, mimos do céo, do mundo espanto,  
Dissipam-se: amor, tu perdes tudo!  
Tu déste a morte a Bruto, a Heitor membrudo,  
Junto ás margens, que rega o brando Xantho

O céo, o amor uniu vossa ternura;  
Fostes no céo de amor pharoes brilhantes,  
Hoje sois (ó desgraça) cinza pura.

Crescei, dae sombra, ó palmas vicejantes!  
Almas ternas, saudae na sepultura  
Duas mães, dois escravos, dois amantes.

## SONETO

XLI

A UNS ANOS

Vem, ó môsto tardio, vem depressa  
Traser-me essa botelha do alto Doiro ;  
Trase murta cheirosa, trase loiro,  
Pois eu quero enramar esta cabeça.

Vem ligeiro, ó mancebo, não te esqueça  
A do velho de Téos \* lyra d'oiro. .  
Bacho ! Bacho ! Evoé ! Que fausto agoiro !  
Já novo estro a brilhar em mim começa.

Salvè, ó numen tirsigeropotente !  
Vá mais esta botelha : que ventura  
Que gosto, ó caro amigo ! estás contente ?

Ora sus, bebe ao Doiro a ambrosia pura ;  
Quem ama Litileo pesar não sente,  
Nem receia da Parca a foice dura.

Anacreonte.

## SONETO

XLII

## MOTE

Nova guerra me faz teu genio brando \*.

## GLOSA

Junto ás aras do nume, que troveja,  
Que o mundo fez brilhar co'um leve aceno,  
Inda aqui, Abaillard, suspiro, peno;  
Inda Heloisa unir-se a ti deseja.

Travam dentro em meu peito ardua peleja  
O amor celestial, o amor terreno;  
Ora em pranto banhada amor condemno,  
Ora a graça, que amor vencer forceja.

Se com tremula mão ao céo off'reço  
Cheiroso incenso, cantos entoando,  
Parece extincta a chamma, em que pereço.

Eu me creio feliz... ó céo! mas quando  
Minha alma te afigura... Eu te conheço...  
«Nova guerra me faz teu genio brando.»

\* Mote dado, e glosado de repente n'um oiteiro em Santa Clara (Coimbra).

## SONETO

XLIII

Feito no dia de sua fugida de Pernambuce

Segunda vez te deixo, ó patria amada !...  
Luctando braço a braço com a desgraça,  
Um momento que foge, outro que passa,  
Aggrava mais tua sorte amargurada.

Povo inconstante, que assimilha ao nada ;  
A luz do brilho teu, offusca, embaça ;  
E a dura sorte só contigo escaça,  
Das mãos te rouba a vingadora, espada.

O teu sangue correndo em dura guerra,  
Empunhaste o cutello refulgente,  
Porém cedeste, baqueaste em terra !

Cifrou em ti de Jove o raio ardente ;  
E aquelle que amor teu no peito encerra <sup>43</sup>,  
Vae teus males carpir eternamente.

## SONETO

XLIV 16

Em vão pretendes, monstro sanguinoso,  
Sobre mim desfechar teu golpe injusto :  
Fui condemnado á morte?... não me assu<sup>sto</sup>;  
Não me acobarda teu decreto iroso.

Sim, a patria perdi, fui desditoso,  
Mas vivo sob as lei de um povo augusto  
E o rei dos orbes poderoso e justo  
Não tardará de ouvir meu som queixoso.

Une os escravos, que o Brazil encerra,  
Invoca as furias do tremendo Averno,  
Desfaz-te mesmo emfim, nada me atterra.

Ha de ser contra ti meu odio eterno,  
E hei de emquanto viver, fazer-te guerra,  
Na terra, e mar, e céu, no mesmo inferno.



# PARTE II

ODES

10

11

## ODE PINDARICA

rô Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco  
e seu restaurador em 1684

Dos nascidos direi na nossa terra.

*Canções, Lus. cant. 6.*

## STROPHE I

(mil graças ao céu!) si em largos campos  
Não áro, não semeio  
malhados beserros trigo loiro,  
ndo ao vate argivo a lyra d'oiro;  
eio nas campinas da memoria  
ções credoras de perpetua gloria.

## ANTISTROPHE I

edeas toma do cantor do Ismeno,  
Musa canora e bella,  
vomos ethontes atropéla,  
a tua carroça luminosa  
Ao bipartido cume;  
antores do Pindo, que emmudeçam;  
teu imperio os astros obedeçam.

## EPODO I

E mais ligeiro  
Do que o ribeiro,  
Que acelerado  
Discorre o prado,  
Serpenteando,  
Vae tu levando  
O' teu carro á azul esphera  
Onde Phebo só impera.

## STROPHE II

Fuja o profano vulto inepto e rude  
Para ouvir os mysterios,  
Que o altiloquo vate patenteia,  
Quando alegre bebendo a clara veia  
Da encantadora diva cabalina,  
Troca a vida mortal pela divina.

## ANTISTROPHE II

Oh monte! oh monte ao vulgo inacessivel!  
Onde florêa Apollo!  
Quem, do ethonte domando o bravo collo,  
No teu cume fusila brando canto,  
Quem cinge a douta fronte  
Péde affeito dispôr da humana sorte,  
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte.

## EPODO II

Si o grande Homero  
De Achilles féro,  
Que Heitor procura,  
A paixão dura  
Não harpejara,  
Na lymphá amara  
D'esse lago celebrado  
Jazeria sepultado.

## STROPHE III

Corvos sopesando invicta lança,  
Ó musa, não podemos  
Campo sanguinoso de Mavorte  
Olhar de uma vez terror e morte,  
Somos, fulminando excelsos hymnos,  
Humanos mortaes fazer divinos.

## ANTISTROPHE III

Somos dos heroes pernambucanos  
A rutilante gloria  
Templo sacrosanto da memoria :  
Deixemos em mudo esquecimento  
Tantos varões famosos,  
Da inveja apesar em toda a idade  
Legaram seu nome á eternidade.

## EPODO III

Assim de Roma  
 A gloria assoma,  
 Que do latino  
 Em som divino  
 Relampagueia  
 De graça cheia  
 Quando fére a doce lyra,  
 Por quem Orion suspira.

## STROPHE IV

Porém, ó musa bella, o carro volta  
 Aos altos Guararapes  
 N'elles procura o forte brasileiro  
 Tigre sedento, lobo carniceiro,  
 Que dardejando a espada em dura guerra ;  
 Faz tremer ao seu nome o mar e a terra —

## ANTISTROPHE IV

Ante os muros de Troia fumegantes  
 Pérides furioso  
 Pela morte do amigo bellicoso  
 Mais estragos não vibra, nem ruínas :  
 Nem o aquilão fremente,  
 Que, o pégo marulhoso revolvendo,  
 Vae montanhas de espuma ao céu erguendo —

## EPODO IV

Brava procella  
Tudo atropella;  
Ao Belga forte  
Fulmina a morte:  
E o meu Negreiros  
Co'os Brasileiros  
Augúra cheio de gloria  
Em seus brios a victoria.

## STROPHE V

Por cem bocas de fogo devorante  
Volcão impetuoso,  
Vomita o bronze atoador e forte,  
Por entre denso fumo a negra morte;  
E o nitridor ginete atropelado  
Respira fogo em sangue misturado.

## ANTISTROPHE V

O vibrado corisco tripartido  
Pela dextra divina,  
Ou subita estalando occulta mina  
Tão rapida não é, nem tão ligeira  
Como o nosso Camillo,<sup>16</sup>  
Que leva enfurecido ao marcio jogo  
Fogo no coração, nos olhos fogo.

## EPODO V

Prova, ó tyranno,  
 Pernambucano  
 Valor preclaro,  
 Negreiros caro  
 Consegue o loiro  
 De heroes thesoiro,  
 Conservando a invicta espada  
 No teu sangue banhada.

## STROPHE VI

Será preciso ó musa, que sigamos  
 O heroe a toda a parte?  
 Que ao Rio Grande \* vamos e á Bahia  
 Onde calcou Vidal a força impia  
 Do tyranno hollandez, que ao seu aspeit  
 Sente o sangue gelar no duro peito?

## ANTISTROPHE VI

Descansemos do claro Parahyba  
 Na margem abundante,  
 Onde brinca favonio sussurrante;  
 Brilhe tambem na vasta redondesa  
 Essa illustre cidade,  
 Patria feliz do impavido Negreiros  
 Terror do Belga, amor dos brasileiros.

\* Do Norte.



## EPODO VI

Porém emtanto  
Suspende o canto;  
Do teu auriga  
À dextra amiga  
Confia o leme;  
O cysne teme  
e do heroe cantando a gloria  
vez lhe manche a memoria.

## ODE PINÐARICA

Á D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco  
e seu restaurador em 1634

Fiel á patria, ao principe, aos amigos  
Acaba, como vive.

GARÇÃO.

## STROPHE I

Dulcisono instrumento  
Que de claros heroes levaste o nome  
Ao alto firmamento  
Quando o cantor do Ismeno  
O plectro audaz vibrava;  
Eleva agora ao templo da Memoria  
Novo heroe que brilhou no céu da gloria.

## ANTISTROPHE I

De sacro entusiasmo arrebatado  
Além da humana esphera,  
O argivo cysne em metro não ouvido  
Celebra o combatente,  
Que o bravo corredor domou valente;  
Ou nos pythios combates valeroso  
O triumpho colheu victorioso.

## EPODO I

No pégaso correndo o vasto campo  
Dos nobres feitos do brasilio Marte,  
    Vou colher sem demora  
    Flores em toda a parte,  
E tecer-lhe depois em Dirce bella,  
Ao brilhar de meu canto, uma capella.

## STROPHE II

D'entre larga espessura  
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime  
    A tyrannia dura,  
    Sáe Viriato forte  
    Invicto lusitano,  
E clamando vingança e liberdade,  
Resóa a voz na etherea immensidade.

## ANTISTROPHE II

Qual da Sicilia o monte pavoroso  
    Que, chammas vomitando  
Entre nuvens de fumo tudo abraza;  
    Qual bóreas furibundo,  
Que, aberta a porta ao carcere profundo,  
Com estampido atroador soando,  
Vae as altas montanhas abalando;

## EPODO II

Tal Viriato a patria defendendo,  
O Quirino soberbo desbarata  
E tigre furioso  
Fere, atassalha e mata.  
O imperio quirinal ao vel-o geme,  
De susto cheio o Capitolio treme.

## STROPHE III

O Camarão potente  
Indio famoso, illustre Brasileiro,  
Negro aquilão fremente,  
É d'est'arte, que busca  
O Batavo em Goianna;  
E um dia inteiro em horrida batalha,  
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

## ANTISTROPHE III

Tanto valor não tem, constancia tanta  
O grande heroe troiano,  
Quando montado no veloz ginete  
Pela patria peleja;  
Troveja mortes, damnos mil troveja;  
Brilha o ferreo pavez auribordado  
Açoita as ancas o cocár doirado.

## EPODO III

roclo denodado, que atrevido  
e os muros troianos apparece,  
Cedendo ao braço duro,  
Succumbe, desfallece;  
o bravo heroe, inda apezar dos annos,  
rcha na frente dos heroes troianos.

## STROPHE IV

O Scipião famoso  
Belga em Santo Amaro derrotando  
Cinge o loiro ditoso.  
Seu aspecto annuncia  
A fugida ou a morte:  
um lado a outro qual peloiro vóa,  
a victoria quando o bronze sóa.

## ANTISTROPHE IV

is velozes não foram na Sicilia  
De Pompeu os triumphos,  
e avassallou innumeras cidades  
Com deshumano estrago:  
m do heroe, que de gloria encheu Carthago,  
que, sendo o terror da invicta Roma,  
minio, Scipião, Marcello doma.

## EPODO IV

Não póde estar em ocio descansado  
O heroe, á quem Mavorte inflamma o peito:  
Na illustre Parahyba  
O hollandez é desfeito;  
Cunháú <sup>47</sup>, onde o belga é triplicado,  
Vê Camarão, e o belga subjugado.

## STROPHE V

Sobre teu alto cume,  
Erguido Guararape, altivo monte,  
Qual fulgurante lume  
Por Jove dardejado  
Brilhar tambem o viste;  
Quando todo em furor, desfeito em ira,  
Vingança e liberdade só respira.

## ANTISTROPHE V

Quanto é grato suster da patria cara  
A fugitiva gloria!  
D'este modo se alcança no futuro  
Cubiçoso renome,  
Que o tempo estragador jámais consome.  
É credora de inveja, é feliz sorte  
Pela patria acabar com doce morte.

## EPODO V

Agora, musa minha, em Porto Calvo  
Colheremos a flôr mais fresca e bella  
Que ha de ornar do guerreiro  
A brilhante capella:  
Escape de uma vez o heroe famoso  
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

## STROPHE VI

Vibrando a longa espada  
Ao lado marcha do brasilio esposo  
A nobre esposa amada  
No campo dos troianos  
Camilla furiosa,  
Voando sobre a grimpa da seara,  
Mais triumphos á morte não prepara.

## ANTISTROPHE VI

Assoberbam o Batavo nefando  
O quente sangue espuma;  
Qual Belga foge, qual Brasilio fere:  
Quem evita o Mavorte  
Na espada feminil encontra a morte;  
Ambos assim cobertos d'alta gloria  
Alcançam do hollandez clara victoria.

## EPODO VI

Brasílio Camarão, Índio Mavorte,  
Recebe com praser esta capella  
    Que te consagra o vate;  
    Com ella adorna a fronte;  
E da fama loquaz no excelso templo  
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.



## ODE PINDARICA

Á Henrique Dias, natural de Pernambuco  
e seu restaurador em 1654

## STROPHE I

o posso, egregio Henrique, em larga copia  
lagrimas da aurora offerecer-te;

Nem de marmor lusente  
drões eternos contra o tempo erguer-te;  
rém ao som do plectro que desfiro,  
m aureo canto eternisar-te posso:

Dom de maior valia,  
te cem columnas de opulento ophiro. <sup>18</sup>

## ANTISTROPHE I

Quando no olympio circo,  
io mortal, todo nume, o argivo cysne  
Da atropelada boca  
vos vibrava audaciosos hymnos,  
Quanto a rival Corinna  
ivava de escutar-lhe a voz divina!  
anto o mesmo ginete, que a victoria  
nseguiu ao Senhor, se encheu de gloria!

## EPODO I

Nem só de Illion bateu neptunios muros  
O indomavel Achilles,  
Quando em torno correu do argivo campo,  
Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:  
Nem o velho Nestor, que honrara Pulos  
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

## STROPHE II

Oh mil vezes ditoso, o que da lyra  
Tirando sons, milagres de harmonia  
Que o Pataréo inspira,  
Rouba os heroes do tempo á foice impial  
Ditoso, o que n'um frio esquecimento  
Não deixa sepultar a patria gloria!  
Assim Camões divino  
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

## ANTISTROPHE II

Assim outr'ora Elpino  
Atropelando os évos fugitivos  
Da immensa eternidade  
As bifores abriu formosas portas.  
Quanta d'alli rutila  
Brilhante gloria em Azamor e Arzila!  
Viste de novo, Adamastor ferrenho,  
Sulcar teus mares lusitano lenho.

## EPODO II

al furor divinal de mim se apossa  
 Que sacro entusiasmo  
 n grossos turbilhões me assalta á mente!  
 de me elevas impeto divino!  
 t passado, oh futuro, eu vejo tudo!  
 rem-se os penetraes aos meus accentsos.

## STROPHE III

enrique! lá me assoma em densa treva  
 o fero belga a alta trincheira invicta!  
 Que clamor, que se eleva!  
 te terror nos cercados, que se excita!  
 bipene cutello a Parca afia  
 o fusilo dos élmós, das espadas;  
 Trôa o bronze inflammado,  
 te em chuveiros a morte despedia.

## ANTISTROPHE III

Como debalde intentas  
 elga soberbo te esquivar ao raiol  
 Como!... já se arremessam  
 tas escadas ás trincheiras altas;  
 Já tremula a primeira  
 bre as muralhas portuguez bandeira;  
 curvas, hollandez, com fado escasso,  
 altiva frente do africano ao braço.

## EPODO III

Fremente na Estancia <sup>1</sup> o bellico Mavorte  
 Fulminando ruínas,  
 Lá Dias apparece... ah quão asinha  
 Foge ao vel-o a batavia atrocidade!  
 Assim de Heitor fugia o grego imbelle,  
 Que as muralhas de Troia accommettia.

## STROPHE IV

Que confusão, ó musa, que alarido!  
 O ceo se encobre de negrume horrendo.  
 Que estrondo nunca ouvido!  
 Que sangue pela terra vae correndo!  
 Que é isto!... mas lá sóa... «o belga forte,  
 «Nas Salinas <sup>2</sup> fugir em vão intenta;  
 «Henrique os atropéla,  
 «E á seu lado se espraia negra morte.»

## ANTISTROPHE IV

Tal do heroe de Carthago  
 Fugia á vista a quirinal cohorte:  
 Quando em Tresbia valente  
 O consul atrevido derrotara.  
 Tal foge temeroso  
 Do açor cruento á garra furibunda  
 O aerio bando de mimosas pombas;  
 Tanto do Heitor Brasílio assusta o braço!

## EPODO IV

Omo lá fuge ao vel-o nas Tabocas <sup>20</sup>

O Batavo medroso!

Omo sem côr, sem vida espavorido,

e susto cheio no Affogado fuge!

Omo tresúa navegando os mortos

na feia barca o sordido Charonte!

## STROPHE V

Guararapes! abaixa o nobre cume,

O illustre Scipião lá vae subindo.

Que nunca visto lume

na fulgurante espada vem saindo!

Relincha o nitridor atropellado

angue e fogo no freio mastigando;

Lá sôa!... lá começa

nos peloiros o estrondo repetido.

## ANTISTROPHE V

Qual do cavallo vóa,

Qual sem cabeça corpo vae rolando,

Qual decepado braço,

na tremendo aberta a quente espada,

Qual sem dono ginete

visa e repisa galopando o campo...

lá dá costas o belga... lá procura

nas densas mattas o mesquinho abrigo.

---

**EPODO V**

Musa!... porém já basta, descansemos  
Um pouco a lyra d'ouro;  
E entretanto conheça o mundo todo,  
Que entre o remoto povo Brasileiro  
Tambem se criam peitos mais que humanos  
Que não invejam gregos nem romanos.

---

---

**ODE PINDARICA**

de campo Francisco Rabello, chamado pela pequenez  
de seu corpo o Rabellino,  
al de Pernambuco e seu restaurador em 1654

Dignum laude virum musa vetat mori  
HORAT.

**STROPHE I**

sileiros!... de novo afino a lyra,  
E o nome de Patára,  
os lisonjeiros vates não inspira,  
A minha mente inflamma.  
Tecei-me nova c'róa  
as do céo, rasão, ingenuidade,  
Pois agora acordando  
ra brasileira os sons argivos,  
Vou estampar o nome  
Rabello immortal na eternidade.

**ANTISTROPHE I**

Já da apollinea chamma  
eso turbilhão me desce ao peito!  
no um tropel de idéas magestosas  
A mente me confunde!

Eu vejo, eu não me engano, o delio nume,  
 Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos:  
     Ó Pindaro! esmorece;  
 Tu já tens um rival no amor da patria  
 No canto, que aos heroes dá nome e vida.

## EPODO I

Longe de mim o vulgo boquiaberto,  
 Que não póde escutar os sons cadentes  
     Que o vate desencerra;  
 Longe de mim a turma aborrecida,  
 Que á lyrica não sobe, e que derrama  
 Versos sem alma, e só no nome versos;  
 Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,  
 Não de Philinto, Corydon e Alfeno;  
     Meiga pomba ulullante  
 Não segue o vôo da ave de Tonante \*

## STROPHE II

Vem, Aonio, á meu lado ouvir meus hymnos;  
     Vem aprestar-me a lyra,  
 Que hoje tem de troar com sons divinos,  
     Quaes Diniz, que nos guia,  
     Outr'ora modulára;

\* De Jupiter, a aguia.



---

n comigo cantar, deixa de parte  
 A arrufadiça Ulina.  
 devemos á patria a nossa vida,  
 Demos-lhe a nossa fama,  
 mos vida aos heroes, que á patria a deram.

## ANTISTROPHE II

Ó vós sombras divinas,  
 nes de Henrique, manes de Negreiros,  
 .campas sacudi, erguei a fronte  
 Para escutar o cysne,  
 e roubou vosso nome ás mãos do Lethes <sup>20</sup>  
 ultae! novo heroe vae hobrear-vos  
 Sobre as azas da fama.  
 re parte comvosco nos perigos,  
 e ter comvosco seu quinhão na gloria.

## EPODO II

al de Roma o guerreiro, que inda joven,  
 ulando de Marte a valentia  
 Venceu Numancia fera,  
 thago derrotou, deu leis ao mundo,  
 doce á patria, horrivel ao inimigo:  
 al Condé, cujo nome portentoso

Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,  
 E que, quando voava ao marcio campo  
     Levava no seu braço  
 O augurio não fallivel da victoria ;

## STROPHE III

Rabello assim desfeito em chamma, em ira,  
     Á toda parte vóa,  
 E onde assoma valor, audacia inspira.  
     Treme de ouvir-lhe o brado  
     O Belga esmorecido.  
 Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme  
     Provocando o inimigo,  
 Co'a espada trevejou raios de mortes,  
     E Hercules imitando  
 Rouba a vida a um Antheo co'os rijos braços

## ANTISTROPHE III

Foge o Belga medroso,  
 Foge á vista do heroe; porém aonde  
 Póde escapar ao raio? O heroe o segue,  
     Assoberbando tudo.  
 Nada lhe embarga os passos, nada o prende  
 Chammeja, espuma, brame os campos tãla  
     Desmorona os reductos ;

de sangue, e de gloria, e pó coberto  
entre impios ossos, caros ossos pisa.

### EPODO III

usurépe! já vóa em teu soccorro,  
os olhos scintillando fogo ardente,  
Sedento do inimigo,  
heroe a cuja fama é pouco o mundo.  
l.,. que horror!.,. entre fumo e alarido  
ouve o bronze mortifera granada;  
usam lanças, a hoste se derrama...  
ulta, ó Masurépe! O Belga cede,  
Ante o brasilio raio  
do é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

### STROPHE IV

ovo campo de gloria se offerece  
Ao brasileiro tigre:  
gismundo a vingar-se lhe apparece.  
Ó Belga desgraçado!  
Porto Calvo famoso  
r tres vezes te viu deixar-lhe o campo,  
Quando Rabello forte,  
lestra o raio, o terrorismo á frente,  
Impavido assomando,  
do era pouco a saciar-lhe a furia.

## ANTISTROPHE IV

Assim o antigo Persa,  
 No esquadrão numeroso confiando,  
 Aos da Grecia guerreiro se apresenta;  
 Assim Flaminio bravo  
 Á gloria de Carthago, ao fero Annibal;  
 Tal em Neméa os bravos sicilianos  
 Á Pericles se offrecem,  
 Assim nas margens ferteis do Garona  
 A aguia soberba foi lançada em terra.

## EPODO IV

Taparica infeliz em ti devia  
 Com a morte c'roar tantas victorias.  
 Peloiro penetrante,  
 Rompendo o peito forte foi beber-lhe  
 As fumantes entranhas inda quentes,  
 E envolvido em trophéos do seu triumpho  
 Na campina mavorcia teve a morte.  
 Porém quando se chega ao ceo da gloria  
 A existencia é pesada:  
 Assim Turenne sobre o campo expira.

## STROPHE V

Ó patria minha, e d'elle, enxuga o pranto!  
 Morreu, mas libertou-te,

---

E de novo revive no meu canto.  
Inda hoje a sombra sua  
Te cerca a todo o instante,  
E co'os olhos em ti assim te brada :  
«Exulta, ó Pernambuco,  
«Dei a vida por ti; foi doce a morte;  
«Não te falta o meu braço,  
«Tu genios inda tens, que me assemelham.

## ANTISTROPHE V

Ó jovens brasileiros,  
Descendentes de heroes heroes, vós mesmos,  
Pois a raça de heroes não degenera,  
Eis o vosso modelo ;  
O valor paternal em vós reviva ;  
A patria que habitaes comprou seu sangue,  
Que em vossas veias pulsa ;  
Imitai-os, porque elles do sepulchro  
Vos chamem com praser seus caros filhos.

## EPODO V

Assim em Roma o brio dos Horacios  
Nos recém-nados filhos vegetava ;  
Assim o egregio sangue

---

Em Thermopylas dura derramado  
Antolhava em seus filhos vingadores:  
Tomai d'elles o brio, a força, a manha;  
Sêde sempre fieis á patria cara;  
    Vós sereis brasileiros  
Sereis pernambucanos verdadeiros.

---

---

ODE

o Rev.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Moniz Tavares <sup>21</sup>, deputado  
às côrtes de Lisboa e amigo meu

io sol, que no plaustro de topasios  
es e fechas com teu rosto o dia,  
os reinos da maga natureza  
Derramas doce influxo,

ou curso acabou. Já no zodiaco  
dose socios as moradas viste;  
oje, vás outra vez o mesmo sempre,  
Recomeçar o teu gyro.

s rapido, que o raio scintillante,  
heste alfim tua annual tarefa;  
se um anno comtigo, e já não resta  
Esperança de vel-o.

mergido no pelago do tempo,  
orvido no váo da eternidade,  
la sua existencia a imagem fraca  
Resvala da memoria.

Não brilha na estação da meiga flora  
Rubro junquillo, pallida violeta, <sup>22</sup>  
Senão para murchar, ai! caro amigo,  
Talvez antes da noite.

Eu mesmo que hoje escrevo, em poucos anno:  
Nem as nymphas do placido Mondego,  
Nem as *faias* <sup>23</sup> do patrio Beberibe,  
Escutarão meu canto.

Nossa vida, Moniz, semelha o anno;  
Temos verão, estio, outomno, inverno;  
Mas voltam estações, e os nossos dias  
Nos fogem para sempre.

Após o inverno vem a primavera,  
Vem após esta, abrasador estio,  
E vem depois, de fructos coroados  
O pomifero outomno.

O primeiro momento da existencia  
É o passo primeiro para a morte;  
Apparece o seu fim, sem nós sabermos  
Si havia começado.



---

A tudo estende o tempo o seu imperio ;  
E assim como acabou Cambyses, Xerxes,  
Babylonia acabou, e hoje Palmyra  
É montão de ruínas.

A mente me afigura, que te vejo,  
Volney, illustre vate! ahi sentado  
Palpando os restos da real cidade  
E interrogando as sombras.

Constante em suas leis, a natureza  
Nos faz iguaes no berço e sepultura ;  
E só grandes acções podem lembrar-nos  
Na memoria dos homens.

Assim vivem Washington e Franklin ;  
Assim vives, ó pae da Pensilvania <sup>24</sup>  
Cujo nome não póde sem ternura  
Ouvir a humanidade.

Eis, meu caro Moniz, os teus modelos ;  
Segue seus passos, como já tens feito :  
Tu tens seu coração, tu tens seu genio...  
Terás a mesma sorte.

## ODE

Ao Sr. Antonio Bento Pereira Annes Barreiros,  
estudante do 3.º anno de direito

Le doux printemps revient et ramène à-la-fois  
Les oiseaux, les zéphyr, et les fleurs, et ma voi

DRL. LES JARDINS CH. 1.ª

Renasce a primavera  
E os campos em que outr'ora apparecia  
Em lucto a natureza  
De flores se matisam :  
Brota o junquillo, a candida açucena,  
Surri nas margens bem-me-quer doirado.

II

Que suave perfume  
Derrama a violeta, a fresca rosa!  
O sentido jacintho  
Parece que se esconde  
E no calix do lyrio vergonhoso  
Brinca favonio, que hibernou 'té'gora.

## III

Lança ó quadra risonha,  
Os influxos na terra mal enxuta;  
Tudo contigo vive:  
Tudo sem ti perece.  
! quando voltas, quando influes benigna,  
No campo um jardim, um ceo o mundo.

## IV

Quanto chove de encantos,  
A vista prendem, que embriagam a alma!  
Os incensos da Arabia,  
O cinamomo, o balsamo,  
É tão grato ao Arabe insofrido  
Quando divaga nos sertões, que habita.

## V

Desce estação primeira (a)  
Do seio da argentada nuvem, (b)  
Como desces formosa  
Doce manhã do anno (c)  
Em me dera o pincel de Helvecio Moscho (d)  
A em roseo painel traçar teu quadro!

## VI

Mas que fado inimigo  
Esta minha illusão dissipa agora,  
Quando o ceo me offerece  
A taça das delicias?  
Quem me rouba á minha alma a paz interna,  
A ventura maior que almeja o mundo? (e)

## VII

Eu penetro o mysterio;  
Falta á minha alma o goso da amisade;  
Tudo é gosto com ella,  
Tudo sem ella é pena,  
Nascem os homens para amar-se todos  
E quem não ama, a natureza offende.

## VIII

Gosa amigo, em socego  
Os praseres, que espalha a primavera;  
E junto ao Vez ou Lima  
Que já no leito corre (f)  
Onde outr'ora gemeu d'Alcido a lyra, (g)  
Alcido, a gloria d'elle, a gloria nossa,

## IX

Ouve as magicas vozes  
a sensivel, queixosa philomela,  
Quando Phebe desponta  
Por detraz dos oiteiros.  
l-a no carro d'ébano estrellado  
aia de gloria Endymião buscando (h)

## X

Como a lympha apparece  
e ferventes estrellas marchetada!  
O melro sonoro  
Co'o rouxinol contende;  
apenas esta voz perturba agora  
silencio, em que dorme a natureza.

## XI

Lá se vae divisando  
paçoso castello derrocado  
Já de musgo coberto.  
Nas remotas idades  
qui, onde hoje vês ameno prado,  
orreu de teus avós o heroico sangue.

## XII

Além alveja o campo  
E os ossos dos que ha seculos viveram  
Erguem montes de neve;  
Parece que se escuta  
O clamor dos feridos, e o relincho  
Do fogoso, belligero ginete.

## XIII

Oh tempo! eu reconheço  
Teu sello impresso n'estes monumentos, (i)  
E eu te vejo em silencio (j)  
Sentado entre ruinas,  
Demolindo Persepolis, Carthago,  
Thebas e Memphis, Tyro e Babylonia.

## XIV

Aproveita os instantes :  
O tempo, a vida foge, e a morte chega; (l)  
A vinda não lhe impede  
A fresca mocidade;  
Pisa com passo igual, derruba, talha,  
Soberbos torreões, pobres choupanas; (m)

## XV

Só fugirão á morte  
os praseres d'antemão gosados: (*n*)  
Desfructa a primavera;  
E si acaso algum dia  
lembrar, que aqui vivo, ah! toma a penna,  
oram as lettras de um amigo a falta.

## XVI

Não de outra sorte Ovidio,  
oposto ás estrellas, que Neptuno  
Jámais em si banhara (*o*)  
Os amigos saudava.  
e divina, dadiva celeste,  
llas aos olhos, á nossa alma pintas! (*p*)

## XVII

Mas si a minha lembrança  
citar em tua alma a dor, o pranto,  
Esquece-me de todo;  
Eis meus unicos votos:  
antes quero, que de mim te esqueças,  
e sintas um momento o que é saudade.

## ODE

## À morte de Napoleão Buonaparte

Ce qu'il eut de mortel s'éclipse à notre vue:  
Mais de ses actions le visible flambeau,  
Son nom, sa renommée en cent lieux répandue  
Triomphant du tombeau.

J. B. ROUSSEAU L. 2. OD. I.

Nações do mundo, parabens! é tempo,  
Volte de novo ao rosto a côr perdida:  
Reis da França, subi já sem receio  
Ao mal seguro throno.

Morreu Napoleão, raio da guerra,  
Que calcou dos Bourbons o antigo assento;  
Cujo nome inda mais que seus triumphos  
Assombrou o universo.

Mil vezes o cingiu de eterno loiro  
Em marcia lide prospera victoria;  
Iena, Austerlitz, Marengo, inda fumegam,  
Rios de sangue correm.



---

Tudo foi, tudo fez, não sendo nada :  
Viu em monte á seus pés c'róas e sceptros,  
E a patria dos Catões, Scipiões, Marcellos  
Succumbiu ao seu braço.

Já não vive, seu corpo em breve é cinza :  
Mas seu nome, voando além dos tempos,  
Inda fará tremer, gelar de susto,  
As idades vindoiras.

Exulta, ó Albion ! mas, ah ! receia  
Que o filho d'este heroe, crescendo a idade,  
Para vingar seu pae não te reduza  
Em pouco tempo á cinzas.

## ODE

Á um rouxinol

Que suave, que angelica harmonia  
De tremulo raminho  
Derramas, philoméla, inda queixosa  
Da tua desventura!  
Quanto é grato que toda a natureza  
Por ouvir-te emmudeça,  
E que a terra de flôres se matise!  
Não vês como nos choupos  
O brando pintasilgo, o doce melro  
Suspende a voz sonora,  
Para gosar teu canto, que respira  
Ternura, amor, saudade?  
O mesmo caçador mais deshumano  
Não se atreve a offender-te,  
E si acaso o pretende, a ouvir teus hymnos,  
Rompe as settas e o arco.  
Canta, ó doce avesinha, as almas prende,  
As almas arrebatá;

---

E si a meiga Tircéa por ouvir-te  
    Buscar este retiro,  
Redobra o teu trinado, o teu gorgeio;  
    Mas si ella estimulada  
De te ouvir, desatar a voz celeste,  
    A voz encantadora,  
Silencio! escuta, aprende, é mais suave  
    A sua voz que a tua.

## ODE

Ao Sr. Manuel Odorico Mendes <sup>24</sup>

Já do gelado norte,  
Caro Odorico, o proceloso inverno  
Deixa as negras cavernas,  
Sacudindo das azas gotejantes  
Saltam granizo e gelo.  
Tremem de vel-o os alamos frondosos,  
E os eccos assustados  
Co' o fragor do trovão, emquanto accesa  
Electrica faisca  
Ára o campo do céu, que a noite enlucta,  
Alongam o bramido  
De monte á monte nos crestados campos.  
Corre turvo o Mondego,  
E ao nauta, que demanda incultas praias,  
Que malfadou Colombo,  
Ora se antolha Uranio, ora se antolham  
Os paços de Amphitrite  
No immenso leito das ceruleas ondas.  
Oh! mil vezes ditoso

---

sabio, que assentado ao lar, que accende  
Co'os poucos seccos mólhos,  
e alli juntara de podadas vides,  
As frias mãos aquece!  
junto a si os rotos, caros filhos  
Em derredor sentados,  
já lhes pinta da virtude as graças,  
Ou lhes afeia o vicio:  
Ire continua misera penuria;  
«Mas sã conserva a mente»  
o teme Rhadamantho, nem lhe assusta  
O vulto do tyranno.  
sim eu vejo Corydon sentado  
As lagrimas limpando,  
e em rios banham a enrugada face.

## ODE

Ao Sr. José Francisco de Paula

Não sei quando o meu fado rigoroso,  
Cansado de affligir-me, ha de algum dia  
Outorgar-me viver, longe de intrigas,  
De ti, meu Paula, ao lado;

Ver unidos dois seres que a desgraça  
Desune, a meu pesar, e o céu uníra,  
Poder cantar teu nome reclinado  
    Á sombra do ingazeiro;

Gosar o céu do mundo, e venturoso  
    Ás magoas, aos queixumes dar as costas,  
E d'alvos bogarís cingindo a fronte,  
    Brincarmos, divertirmos.

Embora então o inglez americano  
Povôe o mar de assustadoras quilhas,  
Quebre as cadeias ao terrivel Corso  
    Que geme em Santa Helena,

---

enxuto passo trilhe o russo forte  
Vistula, o Danubio: que me importa?  
anquillos ambos, para nós o mundo  
É um ser methaphysico.

nhores de nós mesmos e de tudo,  
is nada desejamos, mais senhores  
monarcas que regem o universo,  
Não serão mais ditosos.

e facil é sonhar felicidades!  
me cria a teu lado; já me cria  
m um céu entranhado dentro d'alma,  
D'alma, que te ama tanto.

rém mudou-se a scena; e eu só me vejo  
las settas da angustia traspassado,  
ias 'traz outras, que as mal sãs feridas  
Reabrem, reverdecem.

oso Achilles por cantar-te Homero!  
mais ditoso ainda porque unido  
veste com Patróclo, até que a Parca  
O fio lhe rompesse.

Que doçuras gosaste nos dez annos,  
Em que, de Agamenon fugindo á vista,  
Dormias a seu lado, e a seu lado  
Te erguias alto dia!

Quem me dera gosar de igual ventura!  
Dera por ella a vida, eu a alma dera,  
Dera... porém que nume inexoravel  
Me malfadou no berço!

Que presta a vida de um amigo ausente,  
De um amigo, que é vida, é alma d'ella?  
Céos! ou dai-me este amigo ou dai-me a morte,  
Si a morte acaba tudo.



## ODE

Ao Sr. Antonio Joaquim de Mello

Outr'ora Aonio, quando o cynthio nume  
A septicorde lyra me afinava,  
Soltando a voz em não somenos canto,  
Dei claro nome á patria.

Do bravo Henrique o não humano esforço,  
Á patria prestadío, alcei ao templo,  
Onde brilham heroes, que o divo Homero  
Cantou com voz sonora.

Do illustre Camarão, do grão Negreiros,  
Roubei o nome ao deslebrado Lethes;  
A virtude cantei, essa virtude  
Que já não tem altares.

Da branca Bogari encantos meigos,  
Que Meliso gosou cantei outr'ora \*  
A quem Jove mudara em flôr mimosa  
E em beija-flôr o amante.

Refere-se a methamorphose de Bogari, que vae em outra  
d'este volume.

Cantei o dia em que rompendo os ferros  
Que o barbaro Hollandez lançára á patria,  
O brasilio valor cingiu na fronte  
O loiro da victoria.

Porém agora que o praser me despe,  
Já não atino com as cordas d'oiro;  
Das mãos me cahe o desleixado plectro  
E a mente se ennoitece.

Qual na floresta o leão já velho  
Do orelhudo animal escoiceado  
Que ergue a cabeça; porém já não póde  
Dar-lhe a farpada garra.

ODE

Aos annos de um amigo

Comeces caro amigo,  
em agoiro feliz teus novos annos;  
E o céo (si acaso escuta  
O meu piedoso rogo)  
De gosto os abrilhante.

Escapa a nossa vida;  
! Jonio, o tempo foge: após seu carro  
Vóam nossos praseres,  
E o pallido Charonte  
Cedo nos mostra a barca.

D'esta vida os instantes  
e braços da amisade os aproveita;  
Pois só no seu regaço  
Podem da vida os males  
Tornar-se um leituário.

## ODE

Ao R.<sup>mo</sup> Sr. Francisco José Tavares da Gama <sup>15</sup>

Non omnia possumus omnes.

Impavido o Quintella, ó caro amigo,  
Do liquido elemento o campo sulque;  
Confie o maior bem de um tosco lenho  
    À descripção dos ventos.

Do ceruleo, voluvel oceano  
Em fófos escarcéos o mar branqueje,  
Fremam de um lado e d'outro as negras ondas  
    Dos euros açoitadas.

Na apinhoadá enxarcia o rijo noto  
Sílve desenfreado, horrivel brama  
O misero baixel conduza e leve  
    Às regiões ethereas.

«De horrenda cerração c'roada a noite,»  
Vôe o rouco trovão de pólo a pólo;  
Inflammada nos ares relampeje  
    Electrica faisca.

---

Nada assusta, meu Gama, nada affronta  
A constancia do Gama e do Colombo;  
E nem d'outros heroes, que em toda a idade  
Ao tempo se esquivaram.

Mas de um vate, meu Gama, acostumado  
Só do Permésio á placida corrente,  
Do gnidio nume ás magicas delicias  
Affronta, abate e doma.

Á vista do comicio atheniense  
Mostra o grego orador constancia rara,  
Foge no campo á vista das phalanges  
Do perfido Felipe.

Todos não são Tircéos, Camões, Bernardes,  
Que a espada n'uma mão, e n'outra a penna,  
Triumphando no campo de Mavorte  
Cantavam seu triumpho.

Tanto exaltou a Grecia o divo Homero,  
O filho de Peléo ao céo levando,  
Como o grande Alcibiades affeito  
Á testa dos combates.

Por diversas veredas se encaminham  
Ao templo da Memoria os Genios claros;  
Segue Paulo os vestigios de Mavorte  
Camões os de Virgilio.

Si em mim não ha valor, não ha constancia  
Para em fraco baixel, tosco madeiro,  
Domar do oceano as rispidas procellas,  
As carrancudas vagas:

Posso adornar de loiro a nivea fronte,  
E, ferindo gostoso a branda lyra,  
Roubar teu nome illustre, ó caro Gama  
Ás mãos do esquecimento.

## ODE

Tradução da Ode 3.<sup>a</sup> do livro 4.<sup>o</sup> de Horácio

Aquelle a quem, Melpomene, tu vires!  
Uma só vez, co'os olhos teus benignos,  
Não se fará illustre nos combates,  
Nos jogos de Corintho.

Nem o veloz ginete em leve carro,  
Mais ligeiro, que o mesmo pensamento,  
Pelas praças da Achaia venturosa  
O levarão triumphante;

Nem de loiro cingido ao Capitolio  
Subirá vencedor tendo sujeito  
O orgulho ameaçador dos reis soberbos  
No campo de Mavorte;

Porém nas margens de sonora fonte  
Á sombra fresca de alamos copados,  
Fará seu nome aos évos sobranceiro  
Nos lyricos poemas.

Senhora do universo a Augusta Roma  
Entre os lyricos vates me numera :  
Já debalde morder-me agora intenta  
A desditosa inveja.

Ó musa, que temperas os acordes  
Da branda lyra, em que Orion pulsava!  
Que podes dar, querendo, aos mudos peixes  
A grata voz do cysne!

Tu fazes que os Romanos me decantem  
Feliz imitador do argivo cysne;  
Si ainda vivo, si agrada a minha lyra  
Tudo é dadiva tua.



## ODE

Ao Sr. José Francisco Toledo

Toledo caro, o despidor inverno,  
Filho da noite, pavoroso chega;  
Sacode as azas, calvejar começam  
Os altos montes.

Trovão medonho, que as montanhas move,  
De quando em quando repentino sôa;  
Fendendo os cumes, derrubando as faias,  
Fusila o raio.

Transcende o rio as dilatadas margens;  
O mocho pía no escondido choupo;  
D'altas montanhas sussurrando descem  
Largas torrentes.

Balando afflicto o temeroso gado,  
Todo se encolhe, se arripia todo;  
Geme saúdosa no intrincado bosque  
Timida rola.

Fiel Toledo, que estação penosa!  
Comigo geme a natureza em lucto:  
Longe da patria dos amigos longe,  
Que presta a vida.

N'este sepulchro da existencia triste  
Onde me falta até do céu o abrigo,  
Sómente espero ter praser um dia  
Na sepultura.

## ODE

Ao Sr. Manoel Carlos Velloso

Nem sempre dura o carrancudo inverno,  
Nem os alpinos montes  
Se vêem cobertos do crestante gêlo ;  
Nem sempre a estação bella  
Disparge flores, avigora os entes,  
E o pomifero outomno  
Mimosos fructos nos arbustos cria ;  
Nem sempre das eolias  
Cavernas, soltos aquilões e nótos  
Aos tristes navegantes  
Sustos motivam, tempestades causam.  
Só tu, caro Velloso,  
Has de sempre chorar a infausta morte  
De teu pae estimavel,  
Teu amigo fiel, que desatado  
Da materia corrupta  
Além dos astros glorioso vive ?  
Basta de pranto, amigo,  
Para morrer sómente é que se vive,  
Que se gosa da vida ;  
Sem morrer se não vive eternamente.

Tudo o que existe morre;  
Havemos todos nós na immunda barca,  
Na barca de Charonte,  
Sulcar o lago placido e limoso :  
Todos nós igualmente  
Havemos supportar o golpe duro  
Do ensanguentado alfange.  
O monarca no throno sublimado,  
O pastor na choupana,  
Ao mesmo tempo o negro braço corta.  
Basta de pranto, amigo;  
Alegra-te, Velloso, e com a lyra,  
Que te cedeu Apollo,  
Eternisa os heroes, que sepultados  
No esquecimento jazem.

---

ODES ANACREONTICAS

I

O gallo de campina

Sigo teus vãos  
Genio divino,  
Cantor da gloria,  
Sonoro Elpino.

Campino gallo  
De garbo cheio,  
No prado vóa  
De amar contente;  
Orna-lhe a frente  
Vermelha c'róa

Ave tão bella  
Não viu ninguém.

Colar purpureo  
Lhe adorna o peito;  
Quando elle entóa  
Doces amores,  
Por entre as flores  
A voz resóa.

Ave tão bella  
Não viu ninguém.

## ODE II

## O Chechéo

Chechéo engraçado,  
Gentil mangador  
Das aves brasileiras  
O encanto e a flor.  
Quem póde igualar-te  
Mimoso cantor !

Orpheu sonoro  
Assim não cantava,  
Quando a esposa bella  
Do Erébro chamava,  
E as magoas em cantos  
De amor transformava.

Das aves imitas  
O vario gorgoeio,  
No canto suave  
De harmonia cheio :  
Dos homens, dos numens  
És doce recreio.

---

Adorna teu corpo  
Negra-loira côr,  
Teu canto respira  
Ternura e amor.  
Quem póde igualar-te  
Mimoso cantor.

## ODE III

## O ponche de cajú

Do loiro cajú,  
Analia, bebamos  
O ponche gostoso,  
Que aviva o praser;  
Mais grato, que a ambrosia,  
Que Jove no Olympo  
Se apraz de beber.

Oh! como é formoso  
O pomo suave  
Ao cheiro, ao padar! .  
Si pomos tão bellos  
Atlanta gosára  
Os d'oiro deixando,  
Nem quizera vel-os.

Triumphe Alexandre  
No roxo oriente,  
Que Bacho domou:  
Deixal-o vencer;  
Analia, eu só quero  
O ponche agridoce  
Comtigo beber.



## ODE IV

Nada tenho, nada quero ;  
Vivo alegre, e satisfeito ;  
A ambição, Marília bella,  
Jámais entrou no meu peito,  
Um poeta não deseja  
Ir buscar em cavo lenho,  
Afanoso e diligente  
As perolas do oriente.

Tenho a lyra encantadora  
Do sonoro Anacreonte,  
Com ella teu nome canto  
Quer no prado, quer no monte ;  
Em teu seio reclinado  
Passo a noite, passo o dia.  
Quem tanto póde alcançar  
Que mais tem que desejar ?



# **PARTE III**

**POESIAS DIVERSAS**

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for transparency and accountability, particularly in the context of public administration and financial management.

2. The second part of the document outlines the various methods and tools used to collect, store, and analyze data. It highlights the need for robust systems that can handle large volumes of information while ensuring data integrity and security. The text also mentions the importance of regular audits and reviews to verify the accuracy of the records.

3. The third part of the document focuses on the role of technology in modern record-keeping. It discusses how digital solutions, such as cloud storage and data management software, have revolutionized the way organizations handle their records. It notes that while technology offers significant advantages, it also introduces new challenges, such as data privacy and cybersecurity, which must be carefully managed.

4. The fourth part of the document addresses the human element of record-keeping. It stresses that even the most advanced systems are only as good as the people who use them. Therefore, it is crucial to provide comprehensive training and support to staff to ensure they can effectively utilize the available tools and maintain high standards of accuracy.

5. Finally, the document concludes by reiterating the overall goal of the record-keeping process: to provide a clear, reliable, and accessible history of all activities. It suggests that this not only helps in identifying trends and improving performance but also serves as a valuable resource for decision-making and strategic planning.

## ELEGIA 26

los seus amigos compromettidos na revolução de 1824

Nymphas, que outr'ora, em dias venturosos,  
Me ouvistes celebrar com voz sonora  
Dos brasileiros heroes feitos famosos:

As tranças desgrenhae, ouvi-me agora  
Carpir magoados males que a desgraça  
Alçou com mão tyranna e mão traidora.

Tudo no mundo foge, tudo passa,  
Ninguem feliz se julgue, ou a ventura  
Lhe seja liberal ou seja escassa;

Iturbide subiu á summa' altura,  
E, do solio brilhante despenhado,  
Soffre em triste silencio a sorte escura:

D'Allemanha um monarcha celebrado  
Viveu já de ensinar pobres meninos,  
Depois que de um throno foi privado:

---

Tudo é sujeito á força dos destinos;  
Nada foge ao que o fado duro ou brando  
Tem escripto nos livros sybillinos.

Eu que d'antes vivia em paz gosando  
Dos amigos suave companhia,  
Sem elles hoje vivo aqui, pensando!

Todos roubou-me a sorte n'um só dia,  
E, por mais augmentar meus longos males,  
Não os póde esquecer a fantasia!

Silva, meu Silva, que um Orestes vales,  
Teu nome, ensino submergido em pranto  
Aos densos bosques, aos profundos valles:

Ou a noite desdobre o negro manto,  
Ou no carro de lucido diamante  
Surja o Numen que Delos ama tanto,

Recordando-me estou a cada instante  
Dos momentos felizes que passára  
Contigo ao som do rio murmurante.

Quanto não m'era então a vida cara!  
Quanto não desejára que um momento  
Em seculos eternos se tornára!

## CORRECÇÕES ESSENCIAES

linhas	onde se lê	leia-se
13	Essas linhas	Estas linhas
1	trinta annos	vinte e quatro
12	E	É
21	esperava	esperavam
6	salvo	salvos
16	Paulita	Paulista
8	<i>Nota</i> — se repetiam	repetia-se
16	praticavam	executavam
1	omnipotente	omnipatente
12	ao Doiro	do Doiro
10	ao padar	ao paladar
	Flora mimosa	Flor mimosa

Dat. 11. 11. 31

Victoria Riba

9-XII-31 a



---

rém tudo fugiu, qual foge o vento,  
de quanto passei resta a memoria,  
or que aggrave inda mais o meu tormento.

oram-se os dias da passada gloria;  
oram-se os dias em que eu julguei (insano!)  
ie era um bem esta vida transitoria.

ctima já de fado deshumano,  
i vivo em densos bosques escondido,  
i soffres das prisões horror tyranno.

e que te serve o loiro conseguido  
os campos onde os filhos de Ulyssea  
seu orgulho viram abatido?

desgraça os malvados não golpêa,  
innocencia sómente é que padece:  
fiz quem nada teme nem receia!

qual de vós, ó Nymphas, não conhece  
valente Mendanha, o bom Carneiro,  
e lagrimas saudosas nos merece?

joven Mello, amigo verdadeiro,  
Rangel infeliz, e tu, Fragozo,  
genio marcial, genio guerreiro:

---

O bravo Casumbá, o valoroso  
Agostinho, de Dias descendente,  
Carapeba nos feitos tão famoso:

O Caneca erudito e eloquente,  
O fiel Wenceslau que não cedia  
No brio e no valor á grega gente:

O audaz Tavares que a ninguém temia,  
Bazilio sem temor, Ferreira forte,  
Que aos mais guerreiros era norte e guia:

Santiago que escapa ao ferreo córte,  
O Monte, o Parahiba, o Tiburtino, <sup>27</sup>  
E outros em quem poder não tem a morte?

Todos credores de melhor destino,  
Ou arrastam agora duros ferros,  
Ou vagam pelos bosques de continuo!

Misera sorte! lamentaveis erros!  
A flôr da patriã, nossa mocidade,  
Vive em cadeias, vive nos desterros!

Que males nos opprimem n'esta idade!  
Parece contra nós se conjuraram  
Do averno o rei, do céo a Divindade...

---

Os guerreiros que ha pouco s'enramaram  
De loiro, prosperando a patria amada,  
Os Deuses com seus raios fulminaram.

E onde uma alma haverá desnaturada  
Que possa suffocar a dôr comsigo,  
Vendo a patria gemer attribulada?

Amigos, que vivestes já comigo,  
Recebei minha dôr, meus ais, meu pranto.  
Oh! feliz, se abraçar-vos eu consigo!

E vós, que hoje escutaes meu triste canto,  
Tomae parte na dôr que me consterna.  
E o echo nos escute, e sõe tanto,  
Que inda a sua memoria seja eterna.

## CANTATAS

## I

## Ao Natal

A estrella do oriente,  
Dos astros flammejantes o luseiro,  
Rompe da noite o denegrido manto.  
    Dos alamos copados  
    Alticadentes aves.  
Cheias de gosto, de alegria cheias,  
Sonoros cantos de praser entoam.  
Rompem os ares as cadentes vozes,  
    E ao claro firmamento  
Qual fumo sobem de cheiroso incenso.  
As pastoras gentis, gentis serranas,  
Com mimosos festões de brancas flores  
    E vermelhas tecidos,  
Os arbustos enlaçam, que florescem;  
    E co'as bellas nereides,  
Que adornadas de conchas diferentes  
    Na côr e na belleza,  
Do argento salso a habitação deixaram,  
O dia festejando, alegres cantam.

---

Das ovelhas os candidos rebanhos  
Alegres brincam pelo prado ameno  
    Co'os lobos sequiosos.  
Tudo annuncia já, que tem chegado  
    O appetecido infante  
Que vem quebrar os ferros, que nos prendem  
    À escravidão da culpa;  
Ter já nascido o Principe da Gloria  
    Das nações desejado,  
O rei dos reis, libertador do mundo.  
Glorias a Deus no ceo, o ceo tribute;  
A paz seja na terra aos homens dada.  
Chegou a luz, que as trevas illumina  
    Que o ceo aformosêa;  
O infante promettido aos Patriarchas  
    Desde os primeiros tempos.  
O cordeiro de Deus, verbo divino,  
De uma Virgem nasceu, comnosco habita;  
Nós sua gloria vimos semelhante  
    Do Eterno Padre á gloria.  
Brilhantes legiões de alados genios,  
    Em quanto além dos astros  
Uns decantam o Pae, na terra o Filho  
    Outras alegres cantam;  
    E ao som melodioso  
    Dos tympanos e córos

- 
- D'este modo aos pastores annunciam  
Do seu rei a chegada.
- Vinde, ó pastores, a Belem ditosa
    - Ver em tosco presepe
  - O Deus, a cujo aceno o mundo treme,
    - Para os homens nascidos.
    - Hoje principio teve
  - A magoa de Satan, a gloria vossa,
  - A magoa de Satan, que sobre o throno,
  - A que servem de base os vicios torpes,
  - Cingida a fronte de feroz soberba,
    - Irado, enfurecido,
  - Freme, aneia, delira, espuma e brame,
    - E viboras de fogo
  - Lança da boca de veneno farta.
    - O throno balanceia
    - E o averno preságo
  - Da inevitavel proxima ruina,
    - Treme todo assustado :
  - Brame do averno a réproba caterva,
    - E os medonhos bramidos
  - Pelas cavernas horridas retumbam.
  - Vinde, ó pastores, hymnos modulando
    - Ao desejado infante,
    - Prole do Deus eterno.
  - Chegou enfim o dia abençoado,

«Por quem tanto os antigos suspiravam :  
«Cantemos ao Senhor um novo cantico  
«E além dos astros nossos cantos vôem.  
«Sejas festivo dia em todo tempo  
«Dos felizes mortaes bemdito sempre.  
    Oh felizes humanos !  
«Oh bondade sem par de um Deos immenso !»  
E tu, Jerusalem ditosa e bella,  
    Que gemes opprimida  
Com as correntes vis que te subjugam,  
    Que o collo te comprimem,  
Acorda, acorda do pesado somno,  
    Em que estás sepultada ;  
É tempo de romper essas cadeias  
    De injuria e de desdoiro.  
Levanta-te do pó, que te ennegrece ;  
Toma os teus ornamentos de alegria,  
    E do teu peito afflicto  
Em jubilo se mude a magoa, a pena.  
É chegado o teu rei, o Deus eterno,  
    Que vem a libertar-te.  
Vem de candidas vestes adornada  
A engraçada Belem, onde nascido  
    Respira o doce infante.  
    Arabicos incensos  
Queima em torno ao presepe, e o denso fumo

Do eterno Pae ao solio flammejante,  
Rompendo os ares, chegue.  
O teu Libertador applaude e canta,  
Ao canto angelical teu canto unindo;  
E de jasmims e rosas,  
O ditoso presepe enfeita, esmalta,  
Emquanto ao som da lyra  
Este hymno alegre canto:

O Deus do universo  
Potente Senhor  
Nasceu hoje humano  
Pelo nosso amor

Tomando de servo  
Humilde figura,  
Vem da creatura  
Ser Libertador.



## II

## A Resurreição

Surrexit.

MARC. C. 16. v. 6.

Que alegria, que gloria te reveste  
Jerusalem formosa ! Que brilhante  
Rompendo as densas nuvens congregadas,  
Em rosea nuvem, que seu carro doira,  
A aurora, percorrendo ao sol nitente,  
Se mostra alegre e bella !  
A meiga natureza,  
Té 'gora em lucto envolta,  
Risonha me apparece.  
Porém, oh ceos, que vejo ! que mancebo  
Em nuvem matutina  
Se apresenta a meus olhos ! A madeixa  
É como a lâ nevada : (p) chammejantes  
São os olhos formosos : (q)  
O seu rosto de gloria radiante  
Fulge, qual no apogeu resplandescente  
O intonso Delio brilha. (r)  
Igualam ao metal seus pés lusidos : (s)

Um luminoso veu seu corpo encobre :  
« De alados genios candida falange »

Incensos lhe offerece.

És tu, Jesus, tu és o triumphante  
Que levando captivo o captiveiro  
Venceste a negra morte.

A morte, que amedronta

Os miseros humanos, que atrevida  
O culto levantara.

Triumphaste, Jesus, d'esse tyranno,  
Que em medonhas estridulas correntes  
Prendia os filhos de Eva enganadora,  
Salve, dia de paz, dia de gosto,  
Pelos antigos vates promettido !  
Dia, em que as antigas profecias  
Tiveram cumprimento ; alegre dia  
Dos velhos patriarchas suspirado.

Curvemo-nos, mortaes, ouçamos todos  
Os versos, que modulam

Os anjos, que do ceo em turma descem.

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jesus, nosso encanto  
Ficou vencedor.

---

Venceu com a força  
Do braço potente  
A Parca insolente  
Que infunde pavor.

Alcançou victoria  
Do cruel tyranno,  
Que chora seu damno  
No cahos de horror.

Levando captivo  
O vil captiveiro,  
Foi do mundo inteiro  
O Libertador.

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jesus, nosso encanto  
Ficou vencedor.

## METHAMORPHOSE 28

## Milesio e Bogari

Deusa do prado, que aos jardins presides,  
Flora mimosa, que ao lascivo amante  
Foges esquiva, endurecida foges,  
Permitte ao vate, ao brasileiro vate  
Cantar um pouco a deploravel sorte  
Do bom Milesio e Bogari formosa,  
Das nymphas brilho, dos mortaes encanto,  
Que hoje entre as flôres branquejar consentes.  
E tu, Carneiro, ó meu fiel Carneiro,  
Que o prado habitas e que vês de perto  
Os dois amantes que eu cantar pretendo,  
Recebe affavel meu sonoro canto.  
No prisco tempo em que o brasilio povo,  
E tu, Colombo, genovez preclaro,  
Ignotos mares não sulcado tinheis,  
Inda imperava no Brasil ditoso  
A idade de oiro em que reinou Saturno:  
Eram communs os bens, communs os males,  
Era a vida de um só vida de todos.

N'esse tempo feliz, que os ceus já deram,  
Que a bem dos homens outhorgara Jove,  
Nas verdes margens do Jordão vistoso, <sup>28</sup>  
Nos brandos laços, com que amor nos prende,  
Juntos viviam Bogari, Milesio,  
Ella das nymphas a mais bella e pura  
Elle o mais bello entre os pastores bellos:  
Ambos se amavam, adoravam-se ambos,  
E em doces beijos, candidos abraços  
Faziam breves, dilatadas horas;  
No doce frauta do pastor Milesio  
Da casta nymphã se escutava o nome,  
Chegava aos astros de seu nome o canto,  
Que além saudoso repetia o bosque.  
Na tarde amena da estação de Flora,  
Quando engraçado se reveste o campo  
Da fresca relva, que matizam flores  
Ora o pastor lhe engrinaldava a fronte,  
Outr'ora á margem da corrente pura,  
Á fresca sombra de ingazeiros <sup>29</sup> densos,  
Brandos gorgeios alternavam ledos  
Emquanto sobre os tremulos raminhos  
Mimosos passaros, festivaes cantores  
Filhos das selvas que das selvas vivem  
Na paz amavel, que das turbas foge, <sup>30</sup>  
E tantas aves louças de que se adornam

Os verdes campos do Brasil formoso <sup>31</sup>

Reclinado o pastor no amante seio

Da fiel Bogari passava o dia.

\* Quantas vezes Miliesio temeroso

\* Que a nympha a quem seus cultos dedicava,

\* Do amado, que a adorava, se esquecesse

\* Entre suspiros mil assim dizia: <sup>32</sup>

«Que setta, amado bem, me fere o peito

«Quando me occorre, oh nympha, que outro amante

«Á meu pezar desfructará teus mimos!?

«Antes permitta o céo, que eu n'essa hora

«Tristonho exhale o derradeiro alento,

«Antes mil mortes, mil infernos antes;

E a meiga Bogari tendo-lhe ouvido

\* A queixa amarga em aziago dia

Afflicta supplicando assim tornou:

«Ah Miliesio, Miliesio, si é verdade,

«Que présas Bogari, si tu me adoras,

«Não presumas de mim tão feio crime:

«Eu sou fiel de amor á lei divina,

«Inconstante não sou, não sou perjura!

«Eu... porém n'esse instante o casto pejo

«As vozes lhe impedia, e desmaiada

«No seio do pastor se reclinava.» <sup>33</sup>

Em tanto o rei dos céos, o excelso Jove,

Baixando á terra os soberanos olhos,

Viu Bogari nos braços de Mlesio:  
Foi vel-a o mesmo que render-lhe culto,  
Já se esquece da esposa, já lhe fogem  
Europa, Leda e Venus da lembrança;  
E a viva phantasia em qualquer parte  
Da virgem lhe figura o rosto caro;  
Abasado em paixão, de amor ferido  
Não hesita deixar o excelso throno:  
A' quanto, oh cego amor, não nos obrigas!  
Procura Jove a nympha, mas debalde,  
Resiste a nympha candida, innocente;  
Despe de humano a forma, a taurea veste,  
Mas Bogari mais discreta e sabia  
Que a filha de Agenor, Europa bella,  
O touro não affaga, e não consente  
A mão lhe bafejar, que o nume encanta.  
Vendo Jove por fim que em vão trabalha,  
Que não póde alcançar, que não consegue  
O carinho menor, menor affago,  
Aos astros se abalança e assim se exprime:  
«Já que despresas de meu peito as chammas,  
«E um nume, que te adora, em vão te busca,  
«Serás em flôr, ó nympha, transformada,  
«Conservando sómente a côr de neve,  
«De purpura depondo a côr brilhante;  
«E o mortal mais feliz por quem me deixas,

- «Por quem zombas do rei, que o céu domina,
- «Das aves á mansão tornando em pouco
- «Não mais ha de gosar do que eu não goso:
- «Assim castiga Jove a quem se atreve
- «Um momento siquer baldar-lhe o mando.

D'esta arte apenas o Tonante brada,  
Á terra òs pés mimosos se lhe afferram,  
E os dedos em raiz o centro buscam:  
Quer a nympha mover-se e já não póde,  
As pernas se juntando o tronco formam,  
Os niveos peitos são botões de flôres,  
Os braços ramos são e os dedos galhos;  
Os cabellos são folhas, e o seu rosto  
Do seu nome na flôr se muda e torna.  
Inda a face de humana a forma tinha,  
Quando Milesio, que deixára o gado,  
Vinha buscando a carinhosa nympha,  
E toda quasi já mudada vendo-a  
Nem póde articular!... eis corre afflicto  
Pensando que siquer podia um beijo  
Na boca inda imprimir de rosa outr'ora;  
Porém, fraco mortal, que illuso vives!  
Encurtam-se-lhe os pés, no chão não poisa,  
Os braços azas são, pennas lhe nascem,  
Cresce-lhe o bico: e quando mal tocava  
Da triste amante os inda humanos labios,



---

Ella de toda é flôr, elle ave é todo !  
E querendo assim ~~mesmo~~ transformado  
Libar o nectar, que as paixões aviva,  
Vaga de flôr em flôr, de ramo em ramo ;  
Porém (assim quizeste, ó rei supremo)  
Si encontra a nympha, conhecer não póde : <sup>34</sup>  
Eis, meu socio fiel, quaes são quaes foram  
A flôr mimosa e o passaro que adornam  
Hoje os vistosos, dilatados campos  
Do formoso Brazil que o céo protege :  
A nympha, sendo flôr conserva o nome ;  
E o pastor, porque amante as flôres beija,  
Beija-flôr entre as aves é chamado.

## DYTHIRAMBOS

## I

Ao Sr. Francisco Carneiro Machado Ries

Nunc est bibendum, nunc pede libero  
Pulsanda tellus...

HORAT.

É tempo de beber, caro Fileno,  
O doce nectar  
Que nos lagares  
Aferrolhado  
Era guardado  
Para este Jia.  
Vem, meu Fileno, bebamos rapidos  
O doce nectar, o místico rubido,  
Que os velhos frigidos  
Avigóra,  
Restaura,  
Córa  
As engelhadas, amarellas faces  
Peian!... Evoé!...  
Teu doce místico  
Licor sagrado  
Venha doirar-nos  
Tão fausto dia.

---

Baccho! Baccho! Evoé!  
Bebamos, Fileno,  
As taças formosas  
De verdes pampanos,  
Da rama bacchica  
Adornadas  
Cheias de ambrosia  
Na mesa estão.

Evoé!

Empina, meu Fileno, as taças d'ouro  
N'este dia a teus annos consagrado.

Que as Parcas fiem  
Sonoros annos.  
Os risos, agrados,  
Mimosos amores  
C'roados de flores  
Em torno das taças  
Estão adejando,  
E o nectar libando  
Que eu libo tambem.

Evoé!

Bebamos, Fileno,  
O licor saúdavel  
Que os corações

Alegra ;

Que soffoca a tristeza, que os opprime ;

O rubi gostoso  
Que graças inspira.  
Bebamos, Fileno ;  
«O nosso universo  
«Não passa d'aqui.»  
Mas, Fileno, que sinto !  
Falta-me a terra !...  
O tecto dança !... dançam as paredes !...  
Minha cabeça rodeia !...  
Cambaleio !... Liêo, Liêo, acode  
Ao candido vate  
Que afflicto baqueia  
Na rubida veia  
Do grato licor.

## II

Baccho! é tempo: chegou a primavera  
Remoça a natureza;  
Mas a sua belleza  
O que será sem ti?  
A, ó mancebo, traze-me rapido,  
Lesto, presto e repesto,  
Essa clara botelha,  
In que outr'ora bebeu Anacreonte.  
Como a vista deleita!  
Como embriaga o cheiro!  
Inda ha quem diga, que o suave mósto  
Faz mal á gente?  
Baccho! Baccho! E que fazes?  
Avanta o tirso, enxota esses malvados,  
Que o teu licor desdenham.  
Não se lembram do incauto,  
Que em vão transformaste.  
Mancebo não te esqueças,  
Traz-me c'róas de rosas,  
io d'essas... não sei d'onde; mas d'aquellas  
Que cingiam o velho

O velho... bem me entendes.  
Eia, ó Baccho, lá vae : viva o mancebo  
A quem a velhice cruel, rabujenta,  
    Jámais atacou.  
    Mas que som me souu  
Á dextra orelha?... Elle parece guerra ;  
    Parece... lá se avenham.  
Baccho é meu nume, Baccho me defende  
    Vá mais esta botelha  
    Ora a saúde d'isto  
Nossa vida é tão curta, que me importa  
    Com o que vae no mundo ?  
Eu não sou rei, nem duque, nem morgado,  
    Nem Geral dos Bernardos.  
Vem, meu Baccho, embriaga-me este peito.  
    Bello ! estou já contente.  
Venha agora quem fór, nem Carlos Magno,  
Com essa caterva de Pares famosos,  
Nem Ferragús, nem Ferrabraz, nem D. Quixote,  
    Nem o diabo mesmo  
    Póde agora comigo.  
Baccho quanto te devo  
Baccho ! Baccho ! Evoé  
Liêo ! Liêo ! Litileo !  
Evan ! Evan ! Bassarêu !  
Peian ! Peian ! Saboé !

Que doce, que grato  
Não é a um poeta  
Ter a Baccho por socio e por amigo !  
Diga-o por mim Elpino.  
Eu não quero mais nada ;  
Seja rei quem quizer : eu tenho c'róas  
De rosas e de parras : tenho sceptro  
De frondifero tirso.  
Tudo o mais não me importa, eu sou quem sou ;  
Sou eu mesmo.  
Graças a ti, ó Baccho !  
Mancebo, ainda é preciso que eu te diga ?  
Tu não vês as botelhas esgotadas ?  
Trazo do generoso  
Saltante, espumoso ;  
Quero fartar esta alma bacchicúpida ;  
Quero morrer bebendo ;  
Antes assim morrer que de uma bala  
Como morreu Turenne ;  
Foi heroe, foi guerreiro muito embora,  
Que pela alma lhe preste.  
Quanto a mim mais feliz, mais venerando  
Foste, illustre Valverde, ó genio raro,  
Que acabaste entre copos e botelhas ;  
Que viveste contente e após a morte  
Das petas o cantor cantou-te a vida. (t)

## IDYLLIO

Vem, minha lyra, vem carpir os males  
De um triste, que suspira desterrado ;  
Vem, sonóro instrumento, já que a sorte  
Inda me deixa a tua companhia  
No abysmo da desgraça, em que baqueio:  
Tu cantavas tambem quando eu cantava,  
Agora gemerás que eu triste gemo ;  
É tempo de gemer, geme comigo.

Agora, que o seu manto desdobrando,  
A negra noite a escuridão derrama,  
E os pastores alegres nas cabanas  
Sobre as ramas virentes se reclinam:  
Agora que o silencio cuidadoso  
Passeia a pé descalço os fundos valles  
Com o dedo na bôca; é tempo, oh lyra!  
É tempo de gemer, geme comigo.



---

Os noitibós nos bosques escondidos  
De quando em quando solitarios piam ;  
A nocturna coruja, que adejando  
Inda mais com seu canto me entristece ;  
A agoureira peitica solitaria,  
Que do velho ingazeiro afflicta geme ;  
Tudo a gemer, ó lyra me convida :  
E tempo de gemer, geme comigo.

Esses dias, oh dias venturosos !  
Em que á sombra do basto cajueiro  
Sonoros hymnos, canticos suaves  
Modulamos oh lyra ! (quem dissera !)  
Já fugiram de nós, já se passaram  
•Mais depressa, que o lume fusilado ;•  
O tempo de gemer só resta agora :  
É tempo de gemer, geme comigo.

Que importa, que no carro diamantino  
Tão formoso amanheça o claro dia ?  
Que importa vêr as nuvens engraçadas,  
Com quem reparte Phebo o seu luseiro ?  
Que importa ouvir o canto sonoro  
Do meigo rouxinol, do bom canario ?  
Nada, oh lyra ! já póde consolar-nos :  
É tempo de gemer, geme comigo.

Este bosque saúdoso em que vivemos,  
Regarei com meu pranto, na esperança  
De que breve hei de estar na sepultura.  
Mas, oh lyra! já brilha o claro Phebo;  
Suspendamos um pouco este lamento,  
Até que volte a pavorosa noite.  
Eu emmudeço, oh lyra! eu não suspiro...  
Emmudece também geme comigo.

## IDYLLIO

## JOSINO E CLOÉ

—  
Josino

Cloé! para que colhes com tanto cuidado estas res ainda orvalhadas do fresco rocío da madrugada?—Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão do a cabana, que quando o gallo velador despertava o seu rebanho, já tu havias saído?—Mas, oé! tu choras?...

Cloé

Josino, meu caro irmão! tu ignoras por ventura e hoje fazem dois annos, que o céu nos roubou essa mãe?—Ah! e que mãe, meu caro irmão!—Eu n colher estas flôres para cobrir a sua sepultura.

Josino

Ah minha amada Cloé! e quando virá um dia que eu me não recorde d'essa mãe, que tanto

me amava e que só se alegrava quando tambem nos via alegres? Não te lembras, Cloé, d'aquelle dia, em que eu vim triste para a cabana, por ter perdido o premio na contenda do canto com Tityrol! Quanto se affligiu ella! — quantos meios buscou para me alegrar! — E haverá no mundo uma coisa tão doce como uma mãe, ó minha Cloé! — Não é por certo tão agradavel a fresca sombra ao caminhante fatigado, nem a pura fonte ao segador sequioso na maior calma do estio. Eu tambem saí mais cedo por vir derramar sobre a sua sepultura um tarro de branco leite.

Cloé

*Eia, Josino, vamos (Caminham ambos mudos, e chegando ao sepulchro se prostram banhados em lagrimas e passado algum tempo diz:)*

Josino

Eu vos saúdo, ó caras cinzas da melhor das mães! Eu vos saúdo, preciosos restos de uma creatura a quem depois da Suprema Divindade, eu mais amei sobre a terra! Ah! se ainda assim podeis ouvir-me, ó minha mãe! acceitae estas lagrimas, que derrama sobre a vossa sepultura um filho saúdoso e reconhecido.

---

**Cloé**

Ó minha mãe! ó minha melhor amiga! recebei as lagrimas e ternos suspiros da vossa Cloé! Ah! si ainda me amais, não as despresareis por certo.

**Josino**

Verdes álamos, tristes e sombrios cyprestes, que rodeiaes este logar sagrado, ah! quanto sois felizes, pois que daes sombra ás cinzas do justo! O inverno não possa despojar-vos da verde ramagem que vos adorna; o raio não se atreva a ferir-vos.

**Cloé**

Cedros, cedros ditosos! o fresco orvalho da aurora penetre as vossas raizes, para que façaes este logar ainda mais sombrio e respeitavel. Não temaes os golpes do ferro. O céu vos defenderá, porque cobrís a sepultura da melhor das mães.

**Josino**

Quanto é bom ser justo! quanto é feliz a sua vida e quanto é ditosa a sua morte! A sua vida é

---

uma contínua primavera e a sua morte uma bella manhã de estio sem nuvens. nenhuns desgostos perturbam a sua vida, assim como nenhuns sustos horrorisam a sua morte. Este é o teu retrato, ó minha mãe!

Cleó

Como corriam pacificamente os teus dias, enquanto o céo nos quiz dar a consolação de possuir-te, ó minha mãe! O céo abençoava o teu pequeno rebanho e jámais te faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós, e ainda o que era o teu maior praser, para socorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramavas depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

Jesino

Como tenho ainda presente o dia em que, para socorrer a Philis, tu déste os mesmos fructos que estavam reservados para o teu alimento! Quantas lagrimas derramaste ouvindo os suspiros d'aquella pobre mãe, que gemia opprimida de dôr, por não ter que dar aos innocentes filhinhos, que lhe pediam tambem com lagrimas o sustento! quanto é doce o fazer bem! Possam teus filhos imitar-te, ó minha mãe!

## Clóé

Quão triste foi para a nossa aldeia o dia em que tu morreste, ó minha mãe! Como um grande numero de infelizes gemia em torno ao teu leito, e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento e saúde! Como abençoavam o teu nome, e ainda hoje abençoam a tua memoria! O teu sepulchro é respeitado e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas: eis o logar onde repoisam as cinzas de um justo: abençoe a sua memoria, ó meus filhos!

## Josino

Recebe, ó minha mãe! recebe este puro leite mais alvo, que a neve, que eu váso sobre a tua sepultura; e si lá na morada do Eterno, ainda te movem as affeições terrenas recebe as minhas lagrimas e digna-te de abençoar-me.

## Clóé

Estas brancas flôres, ó minha mãe! colhidas ao nascer da aurora, acceita em penhor da minha ter-

---

nura, e lá d'essa morada dos justos lança os olhos sobre a tua Cloé. <sup>35</sup>

Assim fallaram os dois innocentes pastores e derramando com lagrimas o leite e as fiôres sobre o humilde sepulchro se retiraram ainda chorando.

Possam todos os filhos assemelhar-te, ó par bemaventurado!



**NOTE 16**

*A um succede outro dia,  
A uma outra estação,  
Só para mim se não muda  
Do meu mal a condição.*

**GLOSA**

Santas leis do movimento,  
Que animaes a natureza,  
Vós déstes aos astros belleza,  
Vós daes ao praser augmento;  
Vós regeis no firmamento  
Dos planetas a harmonia;  
Giram todos á porfia,  
Sendo vós causa primeira;  
Não pára o sol na carreira,  
*A um succede outro dia.*

Por vós o tempo assim volve  
A roda que nunca pára;  
Por vós a verde seara,  
Tenro fructo desenvolve;  
Saturno, que até dissolve  
Das pedras o coração,

Vos respeita a successão,  
Pois se um ente é destruido  
Succede ao morto o nascido,  
*A uma outra estação.*

Si uma só attitude  
Só tivesse o mundo inteiro,  
Tornaria ao cahos primeiro  
Massa inerte, informe e rude ;  
Havendo vicissitude  
A noite triste. sisuda  
Volve a face carrancuda,  
Succede-lhe o claro dia  
Mas ai ! que minha agonia  
*Só para mim se não muda!*

Que digo, ó moto divino,  
A quem tudo está sugeito !  
Emquanto me pula o peito  
Mudar póde o meu destino :  
A cabeça a elle inclino  
Como auctor do ser e acção,  
Pois quem rege a duração  
Que para tudo é mister,  
Mudará quando quizer  
*Do meu mal a condição.*

**MOTE** 37

*Sou dos que não querem vida,  
Sou dos mais exasperados,  
Valei-me instantes da morte  
Instantes afortunados !...*

**GLOSA**

Não posso mais escutar  
Da patria os tristes gemidos ;  
Nem dos patricios infidos  
Turvos semblantes olhar ;  
Hoje só me apraz vingar  
A liberdade invadida  
Da patria já succumbida ;  
E como o não possa fazer  
Não desejo mais viver,  
*Sou dos que não querem vida.*

O tigre posto em corrente,  
Tratado com vil despreso,  
Lambe o ferro em que está preso,  
Come, e bebe, e jaz contente ;  
Preso o passaro innocente,  
Na gaiola dá trinados ;

Brutos ha mais conformados  
Do que eu da sua sorte ;  
Eu porém desejo a morte  
*Sou dos mais exasperados.*

Não acho conformidade  
Em arrastar vis cadeias,  
Supprimir livres idéas,  
Sem patria, sem liberdade ;  
Ter a razão e vontade  
Sugeito sempre ao mais forte ;  
Não posso a tão dura sorte  
Submetter um peito terno !  
Valei-me parcas do Averno  
*Valei-me instantes da morte!*

Findem-se os dias de dôr  
No asylo da sepultura,  
Comece a minha ventura  
Onde os mais a vão depôr :  
N'essa habitação de horror  
Que tanto assusta os malvados  
Submetterei os meus cuidados.  
Fugindo d'entre os mortaes.  
Ai ! vinde instantes finaes  
*Instantes afortunados!*

A Mr. Le Comte d'Argental 38

EN LUI ENVOYANT UNE VIEILLE PLUME  
DE MR. DE VOLTAIRE

*Elle acquit à son maitre une immortelle vie  
Elle fut la terreur des sots, et du mechant,  
Elle éclaira son siècle, elle punit l'envie,  
Peignit l'amour, et t'écrivit souvent.*

TRADUCÇÃO

Ao Sr. Conde d'Argental

ENVIANDO-LHE UMA PENNA DO USO VELHO  
DE VOLTAIRE

Esta penna a Voltaire deu vida eterna,  
Foi dos nescios terror, dos maus espanto,  
Sua idade illustrou, puniu a inveja  
Pintou o amor e dirigiu-te o canto.

---

Inscrição no pedestal de uma estatua  
de Cupido <sup>39</sup>

*Quoique tu sois, voilà ton Maître :*  
*Il l'est, le fût, ou le doit être.*

TRADUÇÃO

Sejas quem fôr, eis teu senhor Cupido  
Elle ou é, ou será, ou já tem sido.

## QUADRAS 40

Não só parece imprudencia  
Porém já descortezia  
O selvagem tratamento  
Que me daes de dia em dia.

Ha quanto tempo me enganas  
Ha quanto tempo me dizes  
Que has de imitar-me, e tirar-me  
Da classe dos infelizes !

Si tu caprichas de exacta  
De seres mulher de bem  
P'ra que faltas ao que dizes,  
Para que me enganas, meu bem ?

Vê minha F... o que fazes  
Basta já de ingratidão  
Ou cumpre o que prometteste  
Ou dize logo — que não.

## EPIGRAMMAS

## I

Tua mãe veiu a Roma? (Augusto disse  
A um mancebo com quem se parecia :)  
Não, minha mãe não veiu (o joven torna),  
Porem meu pae viria.

## II

## Traducção de Marcial

Os versos que tu recitas,  
São, ó Fidentino, meus;  
Mas, como os recitas mal,  
Principiam a ser teus.

## III

Elmiro si é fraco n'uma  
É valente n'outra parte :  
No campo de Marte é Venus,  
No campo de Venus é Marte.



## IV

Tu dizes que o meu poema  
Não podia ser peor ;  
Elle é mau ; eu digo o mesmo ;  
Porém não fazes melhor.

## EPILOGO

À patria e aos meus amigos

Patria minha e de heroes ! eis meus poemas  
Vão buscar em teu seio acolho, abrigo ;  
No seio em que os cantei, bem que debalde  
Roubar-mos pretendera infame despota “.  
Acceita-os, patria ! e n’elles vê pintado  
O amor de um filho, que de o ser tem gloria :  
Recebe cultos : para mim és nume.  
Qual fui outr’ora, sou ainda o mesmo.  
E vós amigos, que lérdes meus versos,  
Acceitae-os tambem : a vós patria,  
Meus disvelllos, meus dias hei votado.  
Vêde : nos versos meus, heroes já vivem,  
Heroes, que o tempo submergiu no Lethes.  
Recebei um penhor do eterno laço,  
Amigos, que me honraes, que honraes meus versos.

FIM.

# NOTAS

11

12

13

14

15

16

17

18

NOTAS<sup>1</sup>

## I — Pag. 1

Antes que Vasco da Gama dobrasse o cabo da Boa Esperança á procura do caminho das Indias, Bartholomeu Dias ha-a-o dobrado no reinado de D. João II.

Esse intrepido marinheiro visando a gloria da patria tentára n empreendimento tão ousado qual era então esse, e que u successor Vasco da Gama, mais feliz, pôde levar a effeito, ndo a Portugal um outro mundo.

Partira B. Dias de Lisboa em 2 de agosto de 1486; depois : larga e tempestuosa travessia nos mares da Africa meridional, foi obrigado pela tripolação das suas naus a retroceder.

Menos feliz que Christovão Colombo, os pouquissimos dias te pediu para que a India fosse dada á Europa, se passaram m que esta apparecesse; então virando de prôa para o seu iz, avistou o cabo das Tormentas, como elle o denominou, que por D. João II foi mudado para o da Boa Esperança afim : afugentar a ideia dos perigos. (Vid. Pinh. Chagas<sup>2</sup>, Hist. : Port. vol. III, pag. 160 a 163.)

<sup>1</sup> Todas as notas marcadas por numeros pertencem-nos; e as de let-s alphabeticas ao poeta.

<sup>2</sup> Nós julgamos dever recomendar muito a obra *Historia de Portugal* Pinheiro Chagas, como riquissima em factos, e observaões. C. Castello

Na segunda expedição ás Indias ás ordens de Pedro A. Cabral, em cuja viagem se descobriu o Brazil, ia Barth. Dias tambem; na altura do Cabo da Boa Esperança a nau d'este e de mais tres se affundara.

É este o facto a que o poeta se refere no soneto cit.—Pinh. Chag. Obr. cit. pag. 240.

### 2 — Pag. 6

Á um kilometro da cidade de Coimbra, á margem esquerda do Mondego, fica situada a *quinta das Lagrimas*, celebre por ter sido ahi o theatro dos amores de D. Ignez de Castro com o infante D. Pedro.

As tradições que se prendem a essa quinta são repassadas de saudades e do mais vivo pesar, e constituem em obrigação o viajante visital-a e traçar, quando curioso, um capitulo de viagem.

### 3 — Pag. 6

*Fonte dos Amores.* É este o nome que tem um olho d'agua que rebenta de debaixo de um rochedo, no oiteiro que fica na extremidade da quinta das Lagrimas.

Junto a esse rochedo em um banco de pedra, diz a tradição, ter sido ali o logar onde Ignez de Castro sentava-se a pensar em seus amores. Proximo á fonte, cujo fio de agua despeja uns doze palmos abaixo, em um tanque de cem metros quadrados, estão dois cedros seculares que, assevera-se, terem sido testemunhas de tão malfadado amor.

Branco, no prologo da edição da Vida de D. Afonso vi, a recommenda igualmente.

Para aquelles que não querem ler as pesadas, indigestas e difficis, mas riquissimas chronicas, é até hoje, a obra de Pinheiro Chagas, a unica que por completa, é digna de leitura.

Ainda o povo diz que umas algas vermelhas adherentes a algumas pedras por onde corre o fio d'agua, é o sangue da infeliz Ignez.

Entretanto é summamente apreciavel ver a religiosa convicção com que essas e outras tradições são conservadas e narradas!

#### 4 — Pag. 8

O poeta occultou o nome dos amores do seu amigo, deixando o verso incompleto; entretanto pela rima parece denunciar alguma «travessa Ulina» e póde bem ser que a mesma a quem elle dedicava seus versos, e que elle para cantar os heroes da patria, na sua ode pindarica, pag. 69, ordenava á sua lyra

.... deixa de parte  
A arrufadiça Ulina.

#### 5 — Pag. 9

Ainda n'este soneto occultou o poeta epithetos que tornam o verso incompleto: não podemos conhecer que motivos levaram-o a isto; de certo que pensamento reservado não foi.

Apesar das ideias democraticas que elle revelou posteriormente, nada podiam actuar para escrupulos, a quem já havia externado todo o seu pensamento, louvando o rei e comparando-o a D. João II, o *principe perfeito* (si bem que a historia o accusa de muitos actos que deslustram o seu reinado), o qual é sempre trazido como um modelo de principes!

Fosse qual fosse a causa d'esse silencio, quizemos ser religiosos para com o auctor, deixando que o verso ficasse como composto, sem o que perderia um tanto de sua originalidade, e mesmo graça.

## 6 — Pag. 13

Este soneto assaz bello e expressivo pela descripção lugubre do sentenciado que marcha para o patibulo, foi sem duvida alguma inspirado pela leitura do soneto de Bocage, que pela verdade, força e colorido da descripção o transcrevemos.

Ao crebro som do lugubre instrumento  
Com tardo pé caminha o delinquente ;  
Um Deos consolador, um Deos clemente,  
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimto.

Duro nó pelas mãos d'algoz cruento  
Estreitar-se no collo o réo já sente ;  
Multiplicada a morte aneeia a mente,  
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á Divindade  
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,  
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar duresa.  
Sabe a alma d'entre o véo da humanidade,  
Folga a justiça, geme a natureza.

## 7 — Pag. 23

Antonio Joaquim de Mello falleceu a 8 de dezembro de 1873 na avançada idade de 79 annos; havia nascido em 2 de fevereiro de 1794.

Tendo assistido ás revoluções de 1817 e 1824 pelas quaes soffreu, tendo de andar foragido pela ultima, principalmente, dedicou os seus ultimos dias a estudar a historia de Pernambuco e de seus filhos illustres pelas armas e pelas lettras.

Tendo exercido, posteriormente, diversos empregos de subida importancia sendo um d'elles o de presidente da Parahyba no



mpo da regencia, e tendo occupado todos os cargos de eleição popular, foi durante quatro legislaturas deputado geral, e or cinco vezes entrou em listas triplices para senador pela na provincia: recolheu-se no ultimo quartel á vida particular.

Velho na idade, porém moço nas idéias e no coração, deixava-se elle arrebatado com verdadeiro ardor de entusiasmo pelas glorias de sua provincia. E a juntal-as para tornal-as publicas, deu elle os laseres que deviam pertencer a um corpo alquebrado e a um espirito trabalhado.

Luctou com as maiores difficuldades para colleccionar os documentos para a sua obra, e com muito maiores ainda para imprimil-a; apesar porém de tudo, publicou tres volumes de «Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco» contendo quatorze biographias e muitos documentos importantes, além de notas eruditissimas <sup>3</sup>.

Colleccionou as obras do fallecido vigario Francisco Ferreira Barreto, conhecido pela antonomasia do «Doutorsinho» e as precedeu de uma biographia; as quaes compradas pela provincia foram publicadas por ordem do governo provincial em 1874.

Igualmente colleccionou todas as obras do fallecido patriota e distincto escriptor, o carmelita fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, que martyr da revolução de 1824, antes preferiu morrer fusilado, como lhe succeden, do que fugir.

Além d'isto deixou manuscriptas diversas Biographias de homens illustres entre as quaes a de J. N. Saldanha, que nunca podemos ver, apesar de nossos esforços. Tambem a

<sup>3</sup> O sr. conego Pinheiro em sua *Historia Litteraria*, vol. II, diz pouca importancia terem similhantes biographias, as mais das quaes são devidas a afeições, si bem que a obra tenha muitos documentos historicos!

Estes e outros muitos pontos da *Historia Litteraria*, acham-se discutidos em uma serie de *Cartas* (ineditas) sobre a litteratura brasileira a proposito da obra do sr. conego, e que em tempo as faremos publicar.

provincia as comprou e se acham no Thesouro provincial.

Deixou tambem escripta a vida do patriota Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente da republica do Equador; essa extensa biographia é a historia d'aquelles tempos de dedicação e amor da patria, mas tão calamitosos e salpicados de sangue. — Compoz diversas poesias, idyllios, cantatas, odes saphicas e anacreonticas.

Prouvesse aos ceos que a assembléa provincial se compenetrasse do valor de suas glorias e auxiliasse aquelles que se dedicassem a revivel-as.

**8— Pag. 27**

Francisco do Rego Barros, foi um dos contemporaneos e amigos do poeta, assim como seu irmão o Dr. Sebastião do Rego Barros.

Tendo provado nobresa para ter o posto de cadete <sup>4</sup> seguiu para Coimbra, logar onde se recebia a instrucção superior e ahi cursou a faculdade de mathematica em cuja sciencia saiu bacharel.

Tendo voltado ao seu paiz onde os seus merecimentos e a influencia de familia lhe facilitavam uma carreira, entregou-se á politica, tendo entrado porém para o quadro dos engenheiros. Deputado geral por sua provincia representou na camara um papel honroso.

Por muitos annos presidente da provincia de Pernambuco em tempos nos quaes as contendas politicas eram tremendas, deixou um nome immorredoiro, legando-lhe grandes melhoramentos.

Foi em sua presideucia que um certo desenvolvimento intellectual e material se apossou da provincia, que tem progredido assombrosamente.

<sup>4</sup> Todo esse processo original de habilitação de nobresa, foi salvo de um *auto de fé*, e existe em mão de um nosso amigo particular. Ainda bem que esses documentos não desapareceram!

---

A todos os grandes projectos de engrandecimento da provincia, ou realisados ou apenas estudados, acha-se ligado o seu nome.

A este cidadão prestante e benemerito deve a provincia uma memoria de eterna gratidão como o melhor de seus filhos.

A presente geração eivada de um indifferentismo sobre todos os negocios do seu paiz, ainda não apreciou devidamente o merecimento de tão prestimoso cidadão; porém quando mais longe do rumor da politica, e do tempo, e dos homens em que viveu Francisco do Rego Barros, tiver de se estudar a historia, a posteridade o apontará como um bom patriota, e a provincia lhe pagará o tributo de dever e gratidão a que é obrigada.

Morreu com o titulo de conde da Boa Vista e era senador do imperio.

— Sebastião do Rego Barros, amigo tambem do poeta e ao qual este se refere no soneto xv pag. 15 era irmão do conde da Boa Vista; exerceu cargos importante; morreu senador do imperio, tendo sido por diversas vezes ministro de Estado.

### ● — Pag. 28

O padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro era um distincto orador da trihuna sagrada e homem de variados conhecimentos, e ao mesmo tempo modesto.

O bispo Azeredo Coutinho quando na diocese Olindense apreciando o seu talento o nomeou para a cadeira de rethorica do Seminario.

Era conhecido pela antonomasia do padre «rethorico.»

Fazendo parte dos clubs que em 1817 existiam em Pernambuco, foi um dos principaes personagens d'esse desafogo patriotico, que se tornou em drama lutuoso.

Foi eleito secretario do governo republicano, do qual era a alma. Na queda d'esse governo retirou-se para Olinda; e

assim como o padre Roma, na Bahia, salvava os implicados, tratou o padre Miguelinho (por cujo nome tambem era conhecido) de queimar todos os papeis da secretaria que podiam servir de provas condemnatorias contra as pessoas que haviam adherido ao movimento revolucionario.

Preso pelas forças do brutal Rodrigo Lobo, foi enviado para a Bahia, em cujos carceres foi encerrado, emquanto a commissão militar o processou e pronunciou em *morrer morte cruelmente* : tarefa que ella realisou em dois dias ! !...

Conservando-se sempre calado aos interrogatorios, como quem despresava a justiça dos homens, e repassado de uma resignação assombrosa, só fallou quando o conde de Arcos procurando salvá-o e mesmo, como que lhe insinuando os meios de defesa disse : « padre, você não se defende, mas bem poderá ser que esses documentos que servem de prova contra o padre tenham sido assignados por alguém que falsificando a sua firma o tenha querido comprometter, — então pela primeira vez quebrou o silencio para declarar que aquellas firmas eram suas, e os papeis tambem !

Ante uma confissão d'estas, a commissão militar lavrou uma sentença toda cheia de sangue, e que apenas serviu para que a historia um dia desapaixonada tivesse de hemdizer um patriota e marcar com o seu ferrete indelevel o tyranno.

As virtudes civicas d'esse benemerito cidadão eram acompanhadas da maior imperturbabilidade e resignação como se evidenciava do seu comportamento ante as imprecações do infeliz advogado José Luiz de Mendonça contra os seus juizes, aconselhando a bem morrer, como realmente o fez este.

Foi arcabusado no campo da Polvora, logar tão celebre na Bahia e ao qual se prendem as mais pesadas e lugubres recordações dos pernambucanos, pelos seus comprovincianos ahi executados ; assim como as muralhas dos carceres da Bahia ainda dizem o muito que os patriotas do norte soffreram.

---

Recolha a historia em seu sacrario os tantos nomes memoriaes que com o baptismo de sangue accordaram os brios do povo que em breve tinha de formar o imperio.

Poder-se-ha vêr a sentença que a transcrevemos no fim da introduccão.

**10 — Pag. 30**

Manoel Ferreira Portugal. O auctor celebra-o aqui como distincto poeta : nós não conhecemos producção alguma sua, nem mesmo a sua familia ou descendentes possuem, como tivemos occasião de verificar em nossas indagações.

É elle sem duvida pae ou parente do celebre deão Luiz Bernardo Ferreira Portugal, que tanto representou na revolução de 1817 e que condemnado tão bem se houve para alcançar o perdão.

O desleixo, a incuria de uns e a ignorancia de outros tem concorrido para que muitos escriptores e poetas nossos sejam desconhecidos.

A provincia de Pernambuco que tem tido tantos oradores distinctos, e homens em letras classicas e sciencias, tem-se esquecido de seus nomes e só um ou outro ainda conserva um fraco conhecimento obtido em conversações ou tradições.

Si é o nosso genio esquecermos as nossas glorias quer nas letras quer nas armas!

O exemplo do quanto mal apreciamos-nos a nós está n'essa guerra do Paraguay, cujos feitos gloriosos deviam ser conservados na memoria!

A batalha de Riachuelo, que qualquer povo guerreiro accetaria com subida honra para adornar as paginas da sua historia, passa-nos desapercibido!

Praza a Deos que a geração futura acalente em seu peito um amor da patria mais acrisolado, que o nosso.

---

**11. — Pag. 32**

José Francisco Toledo. — O poeta o canta como distincto poeta; para muitos é elle desconhecido. Natural da Parahyba, não nos lembra quem, nos asseverou ter sido elle professor de latim em sua provincia.

Além d'esse soneto dedicou-lhe Saldanha a ode que se acha a pag. 101, na qual lamenta a ausencia da patria.

Saldanha era muito amigo de Toledo a quem enviava seus versos como a mestre, para que este lhe dêsse o seu parecer; e foi entre os papeis de Toledo que se encontrou a metamorphose de Bogari, conforme o diz o sr. Olyntho Meira na sua *Castalia*.

Na mesma *Castalia* a pag. 245 vem publicado um soneto de Toledo pelo qual se evidencia o seu subido merecimento poetico.

Pena é que a pessoa que alcançou esses papeis os tenha conservado ineditos e em silencio, para, sabe Deus, que triste destino ter em prejuizo das letras!

Quantas coisas se perdem!

Tambem do nosso minoso poeta — Maciel Monteiro (barão de Itamaracá) que honrou a provincia, dando as mais patentes provas de talento, tambem d'elle foram-se um bom numero de poesias que confiadas pelo poeta ao dr. Costa Motta que era então da legação em Lisboa, e que morreu na Italia, nunca mais as restituiu!

Aonde terão ellas ido parar?...

**12. — Pag. 40**

Diz Saldanha que fôra inspirado a compor este soneto após a leitura do mimoso Bernardin S. Pierre, em sua novella Paulo e Virginia.

**13. — Pag. 43**

Nós alcançámos este soneto de uma pessoa que amiga e companheira dos infortúnios de Saldanha nos repetiu como sendo a verdadeira lição.

Entretanto o sr. Wolf, no seu *Brésil litteraire*, segue uma outra lição bebida no sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva em suas *Modulações* que temos á vista, e que é a seguinte :

O teu sangue correndo em dura guerra,  
*Levantaste* o cutello refulgente,  
 Porém cedeste, *baqueando* em terra !...

*E esse que amor teu no peito ingente*  
*E terno e meigo e docemente* encerra  
 Vae teus males carpir eternamente !...

Nós não tivemos duvida em preferir a lição que adoptamos, porquanto achamos mais proprio do auctor em seu genio ardente de poeta, em sua expansão dolorida pelos males da patria dizer que Jove (o poeta pertencia á escola antiga e sempre está a usar das figuras da mythologia) tinha feito cair sobre a sua provincia a sua ira.

É essa linguagem mais propria do poeta do que a doçura dos dois versos primeiros do ultimo terceto, que mais suave se torna pelo *terno e meigo e docemente*.

A phrase forte e vigorosa de que se compõe todo o soneto parece pedir a versão que seguimos.

O «esse» que aqui é summamente fraco para exprimir o sentimento do poeta substituido por «e aquelle» parece-nos revelar toda a força de seu pesar.

**14 — Pag. 44**

Este soneto enviou o auctor do logar de seu exilio aos juizes que o condemnaram á morte. Foi n'essa occasião que elle

remettem uma carta ao dr. Moraes Mayer e a procuração ao dr. Garcia de Almeida que vae transcripta na sua biographia.

São datados de 3 de agosto de 1825, quer o soneto quer os outros dois papeis.

**15 — Pag. 44**

Como se terá visto da biographia de Saldanha depois de passar por soffrimentos extraordinarios recolheu-se a Columbia, onde morreu. De Caracas (capital de Venezuela) é que elle escreveu este soneto e as cartas aos seus juizes.

**16 — Pag. 51**

Tão rapida não é nem tão ligeira como o nosso Camillo.

Nenhum brasileiro ha por certo que desconheça as paginas gloriosas dos trinta annos da lucta hollandeza.

Nomes tão gloriosos e tão populares se acham a ella presos, que os relembrar seria impropicio si se ligassem os factos a esses nomes: entretanto n'essa guerra só e sómente, pôde dizer-se, os brasileiros, elemento natural, foram os unicos que resistiram ao estrangeiro. A metropole receiosa de peiorar sua restauração com a guerra da Hespanha e um rompimento com a Hollanda, deixava correr á revelia a guerra colonial e até a condemnava, não recuando mesmo ante uma cessão á Hollanda! (*V. Portugal Restaurado* do conde de Ericeira.)

Ella só se lembrou n'esse tempo do Brasil para fazer substituir por generaes seus aquelles que se achavam á frente dos brasileiros.

Pernamhuco, que bateu-se com o maior valor e galhardia, o que diz hoje d'essas guerras é apenas os nomes tradicionaes dos homens e logares sem mesmo prenderem-se circumstancias aos factos.

Si fôramos hollandezes, si tivessesmos herdado o genio in-



dustrioso e intelligente d'esse povo, ha quanto tempo não se teria antecipado a nossa emancipação e que bases bem preparadas não teriamos encontrado para se elevar mais tarde esse imperio ao qual um dia ha de pertencer os destinos humanos.

Entre os heroes que se distinguiram na guerra pernambucana sobresaem Camarão e sua mulher D. Clara, cujos descendentes existem na provincia, sendo para sentir que até hoje si não tenha procurado entrar n'estas indagações.

O poeta compara aqui Camarão áquelle distincto romano Camillo, que achando-se exilado no principio da republica, acudiu aos reclamos da patria, quando os gaulezes se apoderaram de Roma. Tendo levantado o cerco de Veios, foi expulsar da cidade, cabeça da Italia, Brenno que com a sua espada na balança, mais aggravava as condições dos *væ victis*.

#### 17 — Pag. 58

Cunhatú, povoação da Parahyba, celebre por ter sido ahi em 1640 os seus habitantes mortos quando se achavam no sacrificio da missa, pelos indios, e por insinuação dos generaes hollandezes, não escapando o mesmo sacerdote.

Em 1645 foi salvo por Camarão que ahi derrotou os hollandezes, depois de uma porfiada lucta, fugindo elles em debandada, depois de o terem ido investir em suas fortificações. (*Cas-trioto Lusit. Raph. de Jes. Liv. vi—14—Liv. vii—26—32. Edic. 1679—Liv. viii—44. Val. Luc. Liv. v.*)

#### 18 — Pag. 61

Ophiro. — O exemplar das poesias de Saldanha, que não tem erratas, diz efiro, mas nós emendamos para *Ophiro* por julgarmos ser o pensamento do poeta.

*Efiro* não encontramos na lingua, ao passo que essa palavra

adjectivada de Ophir, monte tão celebre pela sua riqueza ~~su~~ rífera, é bem conhecido dos poetas.

O conego Januario em o caderno 6.º do seu «Parnaso» conserva a palavra Ephiro, assim como o sr. Varnhagen no seu «Florilegio.»

#### 19 — Pag. 64

Estancia. A menos de um kilometro para o poente da cidade de Recife fica o lugar bem conhecido da Estancia, celebre na guerra hollandeza.

Ahi se edificou uma capella real de Nossa Senhora da Frou-teira, hoje na maior decadencia, e entregue ao completo abandono, pelos creoulos. O seu patrimonio já desapareceu, usurpado, assim como as bem conhecidas e esplendidas festas que annualmente se celebravam ahi, tambem se acabaram.

Si alguém a não salvar, em poucos annos desaparecerá mais uma recordação da provincia.

#### 20 — Pag. 65

A nove leguas para o poente do Recife fica o monte das Tabocas, que tão celebre ficou sendo nos annaes da nossa historia pela brilhante e renhida victoria alcançada por Henrique Dias e Camarão sobre os hollandezes. Recommendamos a sua leitura no Castrioto Lusitano, Liv. vi 16-33, por não caber em uma nota a narrativa d'este facto glorioso para os pernambucanos.

Guararapes. — A quatro leguas do Recife para o sul fica este monte celebre na lucta hollandeza pela victoria por nós alcançada. N'essa batalha distinguiu-se muito Camarão. (V. Castr. Lusit. Liv. ix § 16 a 36 e Valer. Luc. e Roch. Pitta America Portugueza)

---

**20 — Pag. 69**

Lethes, rio da mythologia que tinha a propriedade de fazer esquecer o passado.

**21 — Pag. 75**

Monsenhor Francisco Moniz Tavares, venerando ancião que arrasta os seus pesados dias para um fim proximo. Hoje presidindo o instituto archeologico pernambucano é a sua vida e alma.

Esse ancião em cujo coração sob as cinzas da velhice ainda crepita o fogo ardente do patriota cioso das glorias de sua provincia, procura animar essa sociedade que tanto lhe deve, e que tende para a sua queda, com a porta que abriu ás mil nullidades que compõem o seu gremio, sem interesse e instrucção.

Vive hoje das recordações do passado.

Moço e já sacerdote foi por occasião da revolução de 1817 preso pelo brutal Rodrigo Lobo, quando vencido o governo revolucionario, e foi uma das trinta victimas da corveta *Mercurio* para o conde d'Arcos, o qual os fez entrar para os horriveis carceres da Bahia, d'onde saíram sómente por occasião da revolução de Portugal em 1820, e em virtude da amnistia das côrtes de Lisboa de 1821.

De volta á sua provincia foi nomeado professor de latim na Villa do Cabo. Logo depois foi eleito deputado ás côrtes de Lisboa, onde pugnou sempre pela liberdade de sua provincia. Ahi com outros deputados brasileiros abriu lucta com as côrtes, e alvó, ~~to~~ de desacatos e ameaças tiveram de fugir escondidamente para Inglaterra. (V. Pereira da Silva *Fund. do Imp. Bras. e Diario das Côrtes.*)

Foi ainda Moniz Tavares quem requerem a formação de uma Universidade no Brasil, ao qual responderam bastar algumas

escolas primarias! (V. John. Armitage. Hist. do Brasil. Cap. vi.)

Moniz Tavares, foi escolhido deputado ás constituintes, e ali mereceu a consideração de que era digno, sendo contemplado entre os sete membros do projecto da constituição.

Dissolvida a constituinte continuou a merecer a confiança de seus concidadãos por muitas legislaturas.

Foi vice-presidente da camara dos deputados e retirando-se posteriormente á vida privada pelos desgostos da politica deixou o nome de orador e patriota bem firmado.

Tinha estado alguns annos na Italia como secretario de legação com o distincto Monsenhor Vidigal.

A sua provincia lhe deve — a Historia da Revolução de 1817, a qual sem ter todo o desenvolvimento que poderia ter recebido de mão do auctor, é comtudo o unico escripto que pôde ser consultado com proveito; e não as obras de Varnhagen e João Manuel P. da Silva que infelizmente deturparam e calumniaram acrememente essa epocha memoravel.

### 22 — Pag. 76

Flôres européas, assaz conhecidas de nome entre nós. — No Brasil, isto é, nas provincias do Norte não se encontram essas flôres embora algumas outras já se achem aclimadas.

### 23 — Pag. 76

*Faixas*; arvores elevadas, e copadas, cujas folhas e troncos e ramos são esbranquiçados, crescem muito ás margens dos rios aos quaes costuma bordar como os salgueiros.

O poeta, pouco lembrado, as transplanta para as margens do nosso crystallino Beberibe!

**24 — Pag. 77**

Guilherme Penn, que partindo da Inglaterra por causa de luctas religiosas, começou a colonisar a Pensylvaria, em 1681 que lhe tomou o nome.

**Pag. 79**

(a) Alguns escriptores dizem que o mundo foi creado na primavera. Esta idéa por ser mais poetica, a adoptaram os poetas, por cujo motivo se compára á primavera a primeira idade do homem. *Milton*, Paraizo Perd. Cant. 7 e *Virgil*. *Georg.* 2 Vers. 336 e seg.

(b) *Thompson*. Poema das Estações. Cant. 1.

(c) *Gessner* chama á primavera manhã formosa do anno.

(d) O mesmo *Gessner*, inimitavel pintor da natureza.

**Pag. 80**

(e) *Horac.* Liv. 2. Od. xiii. Ver. 4-5.

(f) *Horac.* Liv. 2. Od. 2. vi. Ver. 3-4.

(g) *Diogo Bernardes*, excellente poeta, natural de Ponte de Lima.

**Pag. 81**

(h) *Endymião*, pastor a quem *Diana* amava e procurava entre as sombras da noite.

**Pag. 82**

(i) Mr. Thomás. Od. sur le temps. Stroph. 6.

De la destruction tout m'offre des images ;  
 Mon œil épouvanté ne voit que de nuages ;  
 Ici, de vieux tombeaux que la mousse a couverts ;  
 Là, des murs abattus, des colonnes brisées,  
 Des villes embrasées ;  
 «Partout, les pas du Temps empreints sur l'univers.»  
 (Tom. v. Pag. 340)

(j) Certo viajante sendo perguntado por Marmontel a respeito do que vira na Grecia dos seus antigos monumentos: —  
 «Eu vi o tempo, que demolia tudo em silencio.»

(l) Horac. Liv. 2. Od. II. Vers. 1—2.

(m) Horac. Liv. I. Od. IV. Vers. 13-14.

**Pag. 83**

(n) Quantos pomos colheres precavido  
 Na florente estação, terás de menos,  
 Que lastimar roubados no avarento  
 Quartel da extrema vida.

(o) Suppositum stellis unquam tangentibus equora. Ovid. Trist. Liv. 4.

(p) Expressão de La Bruyère, fallando d'arte da escripta.

**24 — Pag. 88**

Manoel Odorico Mendes, contemporaneo do poeta na Universidade de Coimbra, fazia o curso de philosophia natural, que não completou por fallecimento de seu pae.

---

Tendo-se entregue ás lides da imprensa, revelou-se talento profundo pelos seus artigos nos «Argos da Lei», «Pharol Paulistano», «Sete de abril», «Liga Americana» e outros jornaes.

Eleito deputado no tempo da independencia, pelo Maranhão, deixou na camara, firmado com o seu nome muitos projectos de leis importantes.

Na segunda legislatura, eleito deputado, rompeu uma brilhante opposição ao governo, a ponto de chamar a attenção do imperador.

Prestou relevantes serviços ao paiz, por occasião da abdicção de D. Pedro I, pro novendo a regencia provisoria, mas recusando um logar n'ella.

Cançado dos fructos ingratos da politica entregou-se ás letras, dando á patria a traducção da Eneida de Virgilio, e deixando tambem traduzidas a Illiada e Odysseá de Homero, em versos portuguezes.

Deixou O. Mendes uma autobiographia summamente importante pela historia da epocha em que representou.

O conselheiro João Francisco Lisboa que a possuia, deu-a antes do seu fallecimento a um nosso distincto poeta e amigo.

Até hoje só se publicou Virgilio e a Illiada, sendo esta ultima, posteriormente á sua morte.

Não devemos furtar-nos aqui a uma grave censura em nome das letras sobre um facto, que, talvez muitos ignorem, e pelo qual até levantam-se accusações contra a magnanima pessoa que pretendia honrar o seu paiz e a memoria do distincto poeta maranhense.

Em tempo os jornaes annunciaram que S. M. o Imperador tinha tomado a si fazer a publicação do Homero brasileiro, e depois verificou-se a publicação tão sómente da Illiada, em tão ruim papel e tão pessima edição, que deixou esta de ter extracção, pelos typos excessivamente pequenos em que foi a obra impressa.

Para muitos passou desapercibido este facto e para outros serviu elle de graves increpações a S. M. o Sr. D. Pedro II, sem entretanto se darem ao trabalho de indagar as causas.

Em a nossa estada no Rio, tratámos de saber a causa, além de outras, uma pessoa altamente collocada e que de tudo sabia, nos declarou: «que tendo S. M. o Imperador em mão os manuscritos, com diversas pessoas quizera confrontar e comparar a traducção com o texto, o que certamente não é trabalho para pouco tempo; feito isto mandára-se extrahir uma copia do autographo para ir a imprimir.

S. M. pretendia que essa obra enriquecida de notas<sup>5</sup> respondesse pela nitidez da edição, a gloria de ter sido pela primeira vez este poema trasladado para o nosso idioma por um brasileiro<sup>6</sup>.

Demorando-se pelo cuidado com que se procedia ao exame, os manuscritos em poder de S. M. o sr. D. Pedro II, pôde um typographo, julgamos, fazer crer aos filhos de Odorico Mendes, que a projectada edição nunca se realisaria e que havia o proposito, de que os autographos de seu pae nunca mais voltassem a seu poder.

Devido a essas insinuações, e talvez, a impulso proprio, por diversas vezes exigiram elles das pessoas do paço, que se lhes fizesse entrega dos manuscritos de seu fallecido

<sup>5</sup> Consta-nos que seria encarregado das notas o sr. conselheiro Joaquim Caetano da Silva, distincto hellenista, talento de subido quilate, honra do paiz e o unico brasileiro formado em letras pela academia de Montpellier. Grau tão honroso a um homem que na propria França ensinava a lingua do paiz, geometria e sciencias, assim como escrevia theses para os doutorandos.

Deixou-nos a monumental obra em francez — *L'Oyapock et L'Amazon*, na qual é discutida á luz da mais rigorosa critica, o direito que nos assiste na questão dos limites com a Guyana Franceza.

<sup>6</sup> Os srs. Costa e Silva e A. Vialle tradusiram apenas o 1.º canto da Illiada aquelle, e este o 6.º do mesmo poema e o 1.º da Odysseá.



pae; ao principio foram esses pedidos desattendidos, avaliando-se que não sabiam por certo esses moços o mal que praticavam; mas redobrando as suas instancias com uma exigencia mais formal, e conhecedor S. M. da pertinacia de moços inconscientes, deixou de mão a empresa de honrar a memoria do distincto poeta e de dotar a litteratura com uma obra de tal ordem, cuja edição de certo em nada seria inferior a edição *princeps* da *Confederação dos Tamoyos*, do distincto poeta Gonçalves Magalhães (visconde de Araguaya) cujas despesas todas correram por conta de S. M.

Mas seria tão sómente o desejo patriotico de tornar publica a obra de O. Mendes, prestando homenagem ao seu talento, que fizera o editor aventurar-se aos riscos de uma impressão?

Certamente que não, por quanto então ter-se-ia procurado corresponder pela belleza da edição a memoria que se queria honrar. Outra foi a causa, e para que no futuro a historia bibliographica tenha os seus elementos, aqui a declaramos. A Assembléa provincial do Maranhão havia votado quantia sufficiente para que se podesse levar a effeito a publicação d'essas obras; o editor pretendendo fazer jus á quantia votada, e vendo que a edição feita por conta de S. M. preteria-o nos calculos, de accordo com os filhos de O. Mendes, que puderam haver os manuscriptos de seu pae, fez a miseravel impressão da *Illiada*, que por sua inferioridade excessiva quanto ao papel, typos e correcção não ousa correr mundo, e que só revelou o interesse de se fazer direito a receber o dinheiro votado, esquecendo-se do respeito devido à memoria do poeta, em prejuizo das letras; sendo mais para sentir que esta edição só tenha le servir de envergonhar a historia da imprensa entre nós.

Quasi que se pôde ter por inedito o Homero de O. Mendes, em quanto outra edição se não fizer. E a prova é que ainda dos homens mais dedicados ás letras poucos a possuem e o

editor ainda não pôde vender um pequeno numero de exemplares da tão pequena edição que fez.

A cubiça é devido este mal as letras patrias !

Quando poderemos nós possuir uma edição d'essas obras?...

Não queremos nem podemos avaliar do merecimento da traducção, a qual contra a regra seguida, não só não alargou o numero de versos, como se faz sempre preciso em taes trabalhos, para poder exprimir-se o pensamento; como pôde o traductor cortar, sem quebra de sentido e da belleza, mais de mil e quinhentos versos, como se declara na mesma traducção.

### 25 — Pag. 26

Francisco José Tavares da Gama, era natural de Portugal, porém tendo partido da idade de dez annos para Pernambuco, com seus paes, acabou por dedicar-se á vida ecclesiastica.

Gosando do mais subido conceito em todos os sentidos, exerceu varios cargos da curia episcopal e regem a diocese, por morte do bispo João, do qual era amigo sincero, fallando-lhe sempre a linguagem da verdade.

De costumes e character severissimos era o padre Gama o modelo do sacerdote. Nos cargos de funcionario as suas deliberações e proceder eram da mais inteira e inquebrantavel justiça.

Apreciador dos talentos auxiliava-os e fazia o fallecido bispo D. João dar-lhes valor e até mandal-os educar.

Foi o padre Gama alheio as ambições humanas: recusou por duas vezes bispados e mais por deferencia do que por outro motivo qualquer acceitou a honra de conego da capella imperial.

Os cargos da curia não só não os desejava como até os recusava, e si n'elles serviu foi a pedido do bispo D. João que n'elle depositando plena confiança pelo seu talento e inteireza não o queria um só momento longe de si.

---

Quando falleceu em 1871, exercia o logar de provisor do bispado de Pernambuco.

Homem de variadissima instrucção, conhecia a fundo a sua lingua e tinha uma grande lição dos prosadores e poetas classicos, quer estrangeiros, quer da lingua vernacula.

Era summamente lido em materias canonicas, seu estudo particular.

Como prégador foi muito distincto, sendo para sentir que tivesse deixado-se ouvir pouco na tribuna sagrada, não deixando senão pouquissimos sermões.

Pessoas que privavam com elle, e mesmo nós fomos testemunha da facilidade com que manejava a lingua : tinha-se habituado de tal maneira a escrever, que um seu escripto não soffria correcção de uma só palavra sequer !

Tendo de escrever qualquer coisa pensava e depois lançava-o ao papel com a maior facilidade possivel.

Nas largas conversações com que nos honrava sobre os diversos assumptos, e especialmente sobre a religião, e a igreja, revelava as idéas as mais sãs e despidas de certos refolhos tanto em uso.

Tinha uma maxima a respeito dos bispos e era que «aquelles que não prégavam por muito bons que fossem, eram meio-bispos. »

Morreu quasi desaperebidamente na avançada idade de 74 annos, alquebrado de forças e após um longo martyrio onde mostrou a maior resignação do bom sacerdote christão.

Estas poucas palavras, que deixamos exaradas n'esta nota sejam um tributo de amizade e veneração á sua memoria.

Esta Elegia saiu publicada pela primeira vez na *Opinião Nacional* de 7 de julho de 1869, jornal litterario e politico

que era redigido por um distincto talento nosso o dr. Aprigio Guimarães.

Precedia essa Elegia algumas palavras do fallecido escritor e poeta, o dr. Antonio Rangel Torres Bandeira. Nos juizos sobre J. N. Saldanha reproduzimos as palavras do dr. Bandeira.

**37 — Pag. 113 — 116**

Com muito custo podemos alcançar os nomes das pessoas que o poeta celebrou n'esta Elegia, á excepção do Parahyba que não temos o nome todo.

Silva — Francisco Leite da Silva.

Mendanha — Antonio Gabriel Pires de Franco Mendanha.

• Carneiro — Francisco Carneiro Machado Rios.

Mello — Manuel Ignacio Beserra de Mello.

\* Rangel — Francisco de Sousa Rangel.

\* Fragoso — Francisco Antonio Fragoso.

Casumbá — José Gomes do Rego Casumbá.

\* Agostinho — Major Agostinho Beserra.

Carapeba — José Francisco Vaz Pinto Carapeba.

\* Caneca — Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.

Wenceslau — Miguel Soares Carneiva.

Basilio — Basilio Quaresma Torreão.

Ferreira — Tenente coronel José Antonio Ferreira.

\* Monte — Capitão Antonio do Monte Oliveira.

Parahyba —

Tiburtino — Tiburtino Pinto de Almeida.

Tavares — Manoel Joaquim Tavares de Mello.

Filippe — Emiliano Filippe Benicio Manducurú.

\* Todos estes foram victimas da revolução, pagando com seu sangue a sua tentativa.

(g) Apocalyp. cap. I vers. 14.

(r) Id. ibid. ibid.

(s) Id. ibid. vers. 16.

(t) Id. ibid. vers. 15.

(u) Das petas o cantor cantou-te a vida.

José Daniel R. C. assim chamado por Bocage.

28 — Pag. 126

Esta methamorphose foi publicada pela primeira vez na *Castalia Brasileira*, excellente collecção de poesias, arranjasdas pelo sr. dr. Olyntho José Meira, quando estudante do 4.º anno de direito em 1850. É para sentir-se que não passasse do 1 tomo.

Como já ficou dito a nota 11 foi esta peça poetica encontrada entre os papeis do fallecido poeta parahybano José Francisco Toledo.

Uma nota assás desenvolvida que o mesmo sr. O. Meira faz a esta peça nos mostra que diversas correcções foram-lhe feitas, nós transcrevemol-a em seguida declarando que nos pontos onde podemos restaurar o pensamento do poeta o fizemos, limitando-nos a dar as correcções do sr. O. M. em outras notas.

A questão sobre esta methamorphose enunciada pelo mesmo sr. tem interesse para que nós a cortemos:

Eis a nota:

«A sua leitura (da methamorphose) que nos insinuou tão favoravel idéa, convenceu-nos de que importantes correcções lhe eram indispensaveis, ou porque fosse talvez filha da primeira idade ou porque si o contrario succedeu, não lhe houvesse sido prestado o necessario polimento.

«Começou o auctor a sua narrativa collocando os dois amantes á margem do Jordão.

«Nas verdes margens do Jordão vistoso

«e depois figurava-os á borda de uma corrente, á sombra de  
«ingazeiros (assim dizia o original), sob cujos ramos se des-  
«faziam em doces requebros taes e taes passaros do nosso pair,  
«indo a rematar o quadro da maneira seguinte

E outras aves louças, de que se adornam  
Os verdes campos do Brasil formoso.

(Versos que substituímos com outros).

«Pareceu-nos e não sem motivo, que se havia o poeta des-  
«vairado apresentando essa defeituosa mobilidade de scena;  
«mas vacillando a' respeito, e procurando informar-nos soube-  
«mos que ha n'esta provincia (de Pernambuco) um rio do  
«mesmo nome<sup>2</sup> ao qual se referira; todavia suppomos ainda  
«que um pouco houvera dormitado: figurar uma *nympha bra-*  
«sileira metamorphoseando-se em nossa terra n'uma flor asiatica  
«como é a rosa *mogorim* (nome que lhe provindo de Mogor,  
«d'onde é oriunda, tem sido vulgarmente alterado para *bogari*,  
«como entre nós se chama) parece-nos circumstancia adversa  
«a uma lei muito importante, com que se deve conformar esse  
«genero de poesia, a que preside quasi exclusivamente o in-  
«fluxo da imaginação: esta lei é a verosimilhança que consis-  
«tindo sobretudo na maneira plausivel de transfigurar-se o  
«objecto, depende ainda dos logares e tempos.

«A alguém parecerá que o facto de haver sido aquella flor  
«transplantada para entre nós serve de fundamento contra o  
«nosso reparo; mas além de que a idéa de transplantação des-

<sup>2</sup> A uma milha ou pouco mais ao poente do povoado da Boa Viagem, fica o rio Jordão, cujas aguas são crystallinas e amenizam o logar que toma do rio e nome e é um poente de recreio no verão.

«troe por si só toda a verosimilhança, varrendo essa magica illusão, que com a roupa da verdade nos fascina, e é uma belleza, digamol-o, essencial a similhaes composições claro está que não se firmou o auctor n'essa talvez pretendida razão, pois lhe servem de absoluta negativa aquelles versos :

«No, prisco tempo em que o brasilio povo  
E tu, Colombo, genovez preclaro  
Ignotos mares não sulcado tinheis

«E outrosim, haveria não menos claudicado, si por caminhos taes se houvera conduzido, que fosse admissivel essa idéa; por quanto as methamorphoses devem por sua mesma natureza ser sempre figuradas em épocas remotas, tanto mais relativamente ao conhecimento d'aquellas coisas que se phantasiavam seu resultado : assim, vemos que obrou com discernimento o bardo do Sado (Bocage) quando querendo apresentar Areneu se transformando em môcho e Argira em rã, figurou o caso em tempos de obscura antiguidade; pois seria irrisorio suppol-o em um dos annos ou seculos proximamente passados, quando ninguem haveria, que os não tivesse com antecedencia visto ou tradicionalmente conhecido. «A força pois do que fica expendido resolvemo-nos a fixar a scena no logar que nos pareceu mais adequado, e foi de nossa primeira intuição, modificando, supprimindo e accrescentando, quanto fosse tendente ao nosso proposito.

«Ainda assim poder-se-ha notar, que seja figurada á margem de um rio estranho uma entidade brasileira, a qual se chavia de transformar em um passaro, que é tido como o filho dos nossos climas; porém dada a necessidade de ser o assumpto desenvolvido debaixo de um dos dois pontos de vista preferimos o ultimo a cujo favor ha uma differença bem atten-

«divel, pois é de não esquecer que no primeiro tinhamos de  
 «imaginar no Brasil a transfiguração para uma flôr, cujo beryp  
 «é a Asia, onde de tempos immemoriaes é conhecida, ao passo  
 «que no segundo não ha mais que suppôr na Asta, em remo-  
 «tissima idade, o methamorphoseamento em um passaro,  
 «que si nos pertence originariamente, só é conhecido de uma  
 «epoca posterior á do fabuloso acontecimento de sua transfi-  
 «guração, do que entre outras é uma prova a novidade do  
 «nosso paiz; si porém não é exclusivamente brasileira a sua  
 «naturalidade, nada ha que oppôr. Bem sabemos que Virgilio  
 «deslocou a chronologia, para melhormente desenvolvendo o  
 «seu poema enriqueceu-o de mais a mais com os amores de  
 «Dido e Eneas; bem sabemos, que o seu douto imitador, o  
 «immortal Camões, valeu-se do maravilhoso mythologico, de  
 «uma maneira impropria do seu seculo; mas fugindo ás in-  
 «vestigações, que ultrapassariam o nosso fim, dizemos apenas,  
 «que para igualdade do arbitrio devia militar si quer alguma  
 «similhança de causa.

«Além d'essas alterações fizemos por melhorar copia de  
 «versos, dos quaes alguns eram demasiadamente languidos, e  
 «até imperfeito, outros bem formados, porém não passando  
 «de reproducção de idéas e repetição de termos que muitas  
 «vezes faziam toantes ou consoantes sem opportunidade. Qui-  
 «zeramos indigitar todos os logares alterados, para que pe-  
 «sasse sobre nós o resultado; mas pareceu-nos excessivo fa-  
 «zel-o tão multiplicadamente que trouxesse a confusão. Assim  
 «pois sómente notaremos com o signal † aquelles versos, que  
 «de nossa parte introduzimos em substituição aos do auctor,  
 «apresentando o original nos logares, em que os ampliamos,  
 «os quaes vão assinalados com \* <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Nós rsintegramos na peça poetica os versos de Saldanha, e em notas  
 reproduzimos os do colleccionador.



«Eis quanto tínhamos de reflexionar ; entendemos que essa galanteria poetica, onde se descobre muita invenção, que revela não menos talento, sendo como é de auctor já fallecido, cujo conselho portanto impossivel era ouvir, não devia ser publicada com alterações, cuja existencia e fundamento deixassemos de manifestar. Temos dito com alguma prolixidade o que nos pareceu principal. A isto obrigaram-nos o receio de uma precisão demasiada e falta de espaço : são idéas que nos adejaram pelo pensamento, e pareceu-nos uma necessidade expender.

«Olinda, novembro de 1850.

Apesar das ponderações enunciadas pelo Sr. Meira quanto a verosimilhança despresada n'esta methamorphose julgamos dever substituir os versos e termos do poeta onde conhecemos.

Não desconhecemos as regras poeticas da verosimilhança, mas preferimos acceitar a lição do poeta que em seu paiz quiz collocar a acção da peça poetica, procurando para isso um personagem mimoso como é o beija-flór, embora fosse buscar uma flór a regiões differentes.

Seria muito para desejar que o poeta houvesse procurado em a nossa tão rica flóra a flór que representasse a nympha, e é muito de crer que elle mais tarde o faria, si não se visse obrigado a morrer expatriado e desligado de tudo o que era seu ; mas respeitando (nós não vamos em taes materias a sancionar despropositos ou verdadeiros erros) o poeta preferimos a sua lição na qual ha apenas a quebra de uma das regras poeticas, as quaes muitas vezes são esquecidas.

No caso de que se trata não é um d'esses erros condemnaveis e por isso quizemos conservar a côr local e nacional que lhe dá o auctor.

Elle que tanto deveria ter lido o tão mimoso Ovidio, o creador das methamorphoses, certamente o imitaria em suas regras.

**29 — Pag. 127**

A fresca sombra de *ingazeiros* densos.

N'este verso restauramos o termo empregado pelo poeta — *ingazeiros*. O sr. O. Meira pela correção que havia feito substituiu por *salgueiros*, arvores proprias das regiões europeas e asiaticas e que marginam os rios.

**30 — Pag. 127**

Mimosos passaros etc.

Estes tres versos foram substituidos pelo sr. O. Meira em logar dos do auctor, nos quaes descrevia elle diversas aves nossas.

O mesmo sr. Meira não nos deixou conhecer em nota quaes eram os versos do auctor, e apenas indicou dois.

**31 — Pag. 127**

Estes dois versos são os unicos que no corpo da nota o sr. Meira nos indicou dos que por elle fôra substituido.

**32 — Pag. 128**

O mesmo sr. Meira tinha substituido os versos do auctor pelos seguintes :

Muitas vezes ahi no extremo enlevo  
Sem mais phrases de amor, que a nympha dêsse,  
Nos mares de illusão, vagando a mente,  
Logo após o carinho, á queixa, á magoa  
O extremoso amador assim volvia :

Não podemos conhecer a causa da introdução d'estes versos em lugar dos do poeta, por quanto segundo o nosso gosto têm elles mais doçura e exprime um pensamento que o auctor da Castalia em nada excede.

**33 — Pag. 136**

Eu... «porém n'este instante o casto pejo etc.»

Ainda aqui havia substituido o auctor da Castalia estes tres versos de Saldanha pelos seguintes, bellos é verdade, pela descripção do deliquio de Bogari :

Eu... Mas o pejo, que accendia o rosto,  
As vozes lhe embargou, que o pranto excede ;  
Mimosa ao golpe injusta, eil-a em deliquio,  
Perde as rosas das faces os olhos volve  
Rubis da bocca em marmore se mudam  
O peito do pastor se inclina a triste.

**34 — Pag. 131**

E querendo assim mesmo transformado, etc.

Ainda aqui retiramos os versos introduzidos pelo sr. O. Meira e reproduzimos sómente os do poeta que são os que se lêem na peça poetica, entretanto damos os do sr. O. Meira que são os que se seguem marcados :

«Mas não muda a paixão mudada a fórma,  
«Já sem labios, sem voz, querendo em balde  
«Libar o nectar, que as paixões aviva,  
«Co'as tenues azas sussurrantes vóa,

---

«E afflicto, ancioso arremedando um beijo  
Vaga de flôr em flôr, de roma em ramo :  
Porém (assim quizestes oh rei supremo !)  
Se encontra a nympha conhecer não pôde.

**36 — Pag. 146**

O poeta diz ter composto este Idyllio inspirado pela leitura do inimitavel Gessner, esse cantor suave e arrebatador da natureza e de que com justa rasão a Allemanha tanto se orgulha.

**37, 38 — Pag. 147, 149**

Estes motes e glosas são pela primeira vez publicados aqui. Alcançámos de um companheiro de infortunio de Saldanha, que vive, e o qual depois de muitos esforços nossos pôde achar na memoria estes versos. A essa pessoa devemos outras poesias ineditas de outros poetas nossos.

São elles feitos com os desesperos de coração patriota que vê sua patria sob a oppressão da tyrannia, e que não a pôde salvar.

**39, 40 — Pag. 151, 153**

Estas duas traducções saíram á luz pela primeira vez no *Horizonte*, jornal litterario e politico, redigido por M. S. Amaral, J. A. F. da Costa, J. V. M. Vasconcellos e outros estudantes do segundo anno de direito, em 1867.

Foi offertada á redacção para a imprimir pelo saudoso e illustre commendador Antonio Joaquim de Mello:

**41 — Pag. 153**

Estas quadras foram improvisadas pelo auctor em presença de um amigo que se queixava de um amor mal correspondido.

---

**nr. 156**

...ndera infame despota

...a nota que este verso tem allusão par-

...os sobre este facto, nem tivemos quem nos es-  
...oda a vida do nosso poeta é cheia de peripecias  
só se pisa sobre difficuldades ainda nas minimas coi-  
...bre que elle falla.

---

**APPENDICE AS NOTAS**

Já se achavam impressas as diversas peças poeticas, quando chegámos ao conhecimento de algumas noticias das quaes estavamos desanimados e por isso deixaram nos seus logares devidos de serem numeradas.

No soneto n pag. 2. O tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti, amigo do poeta, era natural de Pernambuco, como se verifica dos livros das matriculas da Universidade de Coimbra.

Antonio Bento Annes Pereira Barreiro a quem o poeta a pag. 78 dedica uma Ode. Era natural de Vianna, como consta das matriculas da Universidade de Coimbra. E pela referencia que faz o poeta ao rio Lima se comprova a sua naturalidade.

José Francisco de Paula, do qual o poeta era amigo e a quem dedica a Ode a pag. 90 era igualmente pernambucano, estudava os cursos de mathematica e philosophia na Universidade; tendo sido reprovado no terceiro anno de seu curso

---

por causas alheias ao seu merecimento, doeu-se tanto injustiça que voltou á sua provincia e deu-se á agricul

Manoel Carlos Velloso, a quem o poeta a pag. 103 uma ode consolando-o na perda de seu pae, era igua amigo seu e frequentava a Universidade.

Abandonou os estudos e recolheu-se á sua provincia gando-se á agricultura.

Francisco Carneiro Machado Rios, fallecido em 187 amigo do poeta, excessivamente patriota, representou nas contendas politicas da sua provincia.

A elle dedica o poeta o dythirambo a pag. 132, assim a elle se dirige a pag. 126, na Methamorphose.

FIM DAS NOTAS

## JUIZOS CRITICOS

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100



## JUIZOS CRITICOS

Joaquim Norberto de Sousa e Silva em suas *Modulaticas*, diz na Intr. pag, 42 — 44.

da Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco, em tembro de 1796, illustrou-se com um volumezinho de que fez publicar em Coimbra, quando alli estudava. lo como Pindaro, patriotico como Esouchard Lebrun, so como Diniz, abalançou-se a elevada e pomposa poe- arica e emparelhou com Pindaro na hardidez, com rd Lebrun no patriotismo, com Diniz na magestade e la versificação e deixou-nos quatro bellas odes pindari- l primeira dirigida a Vidal de Negreiros, brasileiro e laureado pela victoria em algumas batalhas, parece o primeiro v6o do poeta, mas nem por isso lhe falta a nos versos, a nobresa nos pensamentos e essa *bella des- que* requer similhante casta de poesia. — Na segunda le Camarão, tomando azas de agua, mais e mais se — Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pinda- s pensamentos são nobres e seu estro encendeia-se com Na quarta tudo cresce; as acções do immortal Rabel- lamam a mente do Pindaro brasileiro, que com elle

se arroja ao meio dos pelejadores ; — o somido das armas, — o sibilar das ballas, — os gritos dos guerreiros, — os trovões da guerra lhe retinem nos versos !

Elle segue passo a passo ao heroe pernambucano até sua ultima acção, até o derradeiro instante do martyr da patria, que morre honrada morte pugnando pela sua causa !

Não menos para prezar-se são os seus sonetos, suas odes horacianas e anacreonticas, seus dithyrambos e suas cantatas, que encerram grande copia de elegancias e bellas poeticas.

Tomou este nosso auctor mui activa parte na revolução pernambucana de 1824 como secretario do governo da republica do Equador ; d'ahi a necessidade de emigrar para um dos estados da União Americana a fim de subtrair-se á sorte de Ratcliff, Metrowich e Loureiro, e eil-o ahi da popa do *Trweed* olhos cravados nos patrios sitios mandando suas despedidas á patria :

(V. soneto XLIII).

E longe d'ella, carpindo seus males viveu envolto em gloria e miseria e assim terminou existencia tão apreciavel !

— Esse o destino de nossas notabilidades !

Não somos nós os netos de Albuquerque  
Raça de Lusos ?...

O sr. Francisco Adolpho Varnhagen (visconde de Porto Seguro) na introdução do seu — *Florilegio da Poesia Brasileira* pag. 50 se exprime do seguinte modo :

«Mais que estes (o sublime Cordovil e Luiz Paulino) se distinguuiu posteriormente no lyrico elevado o pernambucano Saldanha, cantando os principaes heroes que dirigiram a restauração da sua provincia contra o jugo hollandez. — Infelizmente

---

Saldanha parece não ter tido mais modelo, que as odes pindáricas de Diniz, que já demasiado se parecem umas as outras<sup>1</sup>.

No vol. II á pag. 209 — diz ainda o sr. Varnhagen :

«Foi um pardo de grande talento : distinguuiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios ultra-republicanos.»

---

O sr. J. M. Pereira da Silva exprime-se a respeito de Saldanha nos seus *Varões Illustres o Brasil* vol. 2.º (ed. 1868) pag. 354 da seguinte maneira :

«Foi litterato de gosto fino e poeta brilhante. São geralmente conhecidas e apreciadas as odes, que escreveu em honra dos heroes pernambucanos que combateram os hollandezes no seculo XVII.»

E na sua obra *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil* a pag. 31, diz ainda :

«José da Natividade Saldanha andava exilado e reduzido á miseria, e não achava mais inspirações como as que em maior idade tanto haviam ennobrecido o seu talento lyrico.»

---

O sr. Innocencio Francisco da Silva em seu excellente Diccionario bibliogr. tom. V pag. 81, diz :

O sr. Torres Bandeira parece não ter visto esta parte do juizo quando enas cita as brevissimas palavras do sr. Varnhagen á Ode por elle citada no 2.º vol. do seu *Florilegio*.»

«Veiu para Portugal com destino de formar-se em direito na universidade de Coimbra, e ahi cursava o terceiro anno de leis em 1822, dando provas de grande engenho, e distinguindo-se ainda mais pelo seu talento poetico.»

O distincto poeta Antonio Rangel de Torres Bandeira, hoje fallecido, fazendo publicar na *Opinião Nacional* de 7 de julho de 1869 a Elegia que se acha transcripta a pag. 113, fazia-a preceder das seguintes palavras :

Damos hoje publicidade á bella e sentida saudação, que, sob o titulo de *elegia*, dirigiu o nosso distinctissimo conterraneo, Dr. José da Natividade Saldanha, aos seus mais intimos amigos politicos, envolvidos, como elle, no movimento revolucionario de 1824.

Modelo de verdadeira poesia patriotica, essa notavel peça recommenda-se tanto pela fórma como pelo pensamento substancial que encerra, sendo em si mesma uma das mais eloquentes amostras do brilhante ingenho d'aquelle conspicuo pernambucano, roubado tão cedo á patria, que tinha muito a esperar do seu talento e decidida vocação litteraria.

Pertenceu Saldanha a essa geração eminentemente liberal e generosa, que, a partir de 1817, e ainda de alguns annos antes, inscrevera seu nome illustre no martyrologio do paiz. Era d'essa pleiade de mancebos entusiastas das grandes e auspiciosas idéas, lançadas ao mundo, através das velhas gerações, pelo espirito regenerador de 1789; e si algum excesso acaso lhe notavam os mais exagerados d'entre os inimigos politicos, era o *ultra-liberalismo*, que em todo o caso significava uma nobre paixão, nunca, porém, um defeito sensivel no homem publico.

Soldado das fileiras liberaes, Saldanha esposou a causa de

---

324 : pugnou pela revolução, entrou com os amigos de infancia e de principios nas grandiosas combinações d'aquelle momento, e resignou-se, como todos, ás eventualidades da situação em que se collocava, prompto, como elles, a beber até as fézes o calix do infortunio.

Os horrores do supplicio, as contingencias da adversidade no exilio, as amarguras d'uma emigração para o estrangeiro, eram os quadros que então se desenhavam, após o fatal desenlace da revolução, aos olhos de todos que n'ella haviam figurado.

Spartanos pela tempera, os pernambucanos d'aquella abençoada época souberam responder com a impavidez e o heroismo ao mais desleal e barbaro de todos os governos; e hoje, e por todos os seculos que hão de vir, a historia faz plena justiça aos revolucionarios de 1824.

Bem se vê que não entra em nosso proposito commemorar aquelles feitos de assignalado valor, aquellas vivazes demonstrações de liberalismo, aquelles magnificos rasgos do mais desinteressado e sublime patriotismo. Todas essas lembranças enchem as paginas de nossos fastos historicos, sendo por si sufficientes para elevar a mais esplendida de todas as apotheeses aos extrenuos defensores d'uma tão famosa quão desventurada causa.

A memoria querida de Saldanha leva-nos mui naturalmente para aquelle periodo, em que elle tanto influiu pela posição, como secretario que era da administração d'esta provincia, e ainda mais, si é possivel, pelo seu incontestavel merecimento litterario, do qual déra sobejas provas desde os primeiros annos de sua vida academica em Coimbra.

O pernambucano, em cujo coração se ateavam tantos sentimentos patrioticos, era um insigne poeta, já conhecido da metropole, onde fizera a publicação de suas primeiras inspirações, e onde estava ainda bem viva a impressão exercida

pela escola de Bocage, a que elle irrecusavelmente pertencia.

Era mister dispôr de muito cabedal de ingenho para poder prender attenções então, n'aquelle cyclo litterario, em que se figurava ainda ouvir o echo harmonioso das lyras de Garção, de Diniz, de Semêdo, de Quita e de tantos outros notaveis talentos poeticos. O estro que se abalançava a abrir vãos e a divágar pela Arcadia, em meio de tanta riqueza, pouco após os triumphos de Maximiano Torres e da admiravel Alcippe, já de si mesmo indicava muito e muito promettia para engrandecer o thesoiro das letras brasileiras, tão cuidadosamente guardado por Caldas, Claudio Manuel, Alvarenga e muitos outros afamados poetas. Saldanha pôde dentro em pouco ligar o seu nome aos de todos esses operarios primorosos do saber, que já eram apontados como taes á geração contemporanea no meio mesmo de povos estrangeiros.

As suas *pyndaricas* aos heróes de 1654, aos libertadores de Pernambuco, eram bellos specimens no genero a que se dedicára Elpino Nonacriense; e os seus excellentes sonetos bem demonstravam quanto se approximava elle do numerozo Elmano, o rei do epigramma na litteratura portugueza. Imagnação fecunda, estylo colorido, phrase elegante, apuro e delicadesa nos quadros, constituem os dotes principaes de tão distincto poeta, que mais ainda poderá fazer, se lh'o não tolhesse a serie de acontecimentos a que nos já referimos.

O que resta de Saldanha, no seu voluminho de versos, é um cofre de joias inestimaveis, bem superiores, sem duvida alguma, a muitas *composições poeticas*, a que, em o nosso mundo litterario, se tem querido a *fortiori* emprestar o nome de *inspirações*, e impêr o baptismo de *creações d'arte*.

Pena é que um ingenho de tão elevada plana se houvesse desbaratado ainda em sua florescia e quem o desbaratou foi o governo ferrenho e tyrannico d'aquelle tempo, que, assim

---

como a esse nosso comprovinciano, arrastou muitos outros ao abysmo da infelicidade.

Saldanha emigrou para a America do Norte ; e lá definhou e morreu, victima da ignorancia e do despotismo, acabrunhado ao peso das saudades da patria ! Foi-se toda, n'aquella onda revolucionaria, uma nobilissima geração de patriotas eximios, uma conspicua phalange de apreciaveis e notabilissimos engenhos.

A historia, ao menos (que não é pouco !), vinga a memoria d'esses, em cujo numero está Saldanha, que sempre mantiveram seu posto de honra nas fileiras da liberdade, através de todos os embaraços de situações difficeis, e mau grado ás tentativas reaccionarias do poder.

Essa historia de que fallamos não é, porém, a que por ali escrevem assalariados chronistas do *imperialismo*, historiographos vendidos ás delicias de Capua cesariana, verdadeiros pedantes de *hoje*, que pretendem offuscar as glorias de *hontem*, porque as não alcançariam jámais em sua baixa adulação de aulicos. A historia a que alludimos não é a que de proposito cala os acontecimentos de summa importancia nacional, e não tem, sequer, duas palavras de consideração e de respeito para os dois grandes movimentos revolucionarios, tão generosos, tão patrioticos, d'esta nossa heroica provincia. Referimo-nos, sim, á historia, fiel interprete do passado, ante cujo tribunal incorruptivel pôde elevar-se o merecimento, qualquer que elle seja, certo de que lhe não hão de arrebatat os loiros a que tinha direito.

Si nos sobrasse o tempo incetariamos d'aqui uma serie de considerações critico-litterarias, a proposito de Saldanha ; e o mesmo fariamos, com relação a outros que tambem muito merecem das letras patrias, como Ferreira Barreto, Frei João Baptista da Purificação, Lopes Gama e Marinho. Não tomamos comtudo, nenhum compromisso por esse lado : quanto a Sal-

---

Janha temos a satisfação de pagar-lhe n'estas linhas o preito da admiração que lhe votamos. Pelo menos, não diremos do nosso illustrado patricio, tão notavel como politico e poeta, aquelle *quasi-nada* que o auctor do *Florilegio da poesia brasileira* a proposito d'elle disse: — « Era um pardo de grande talento; distinguio-se em Coimbra onde estudára. Era filho de Pernambuco, e de principios ultra-republicanos. — »

Felizmente, já uma voz eloquente se levantou d'entre os nossos para commemorar a dolorosa *Olysséa* de Saldanha, e para devidamente aquilatal-o. O nosso respeitavel amigo, o sr. commendador Antonio Joaquim de Mello, amigo e collega de trabalhos do mallogrado poeta, que tanto honrou esta nossa provincia, disse a sua competentissima palavra sobre tão importante assumpto.

19 de maio de 1868.

FIM



# INDICE

	Pag.
À memoria do venerando marquez de Sapucahy . . . . .	VII
A s. ex. <sup>a</sup> o sr. visconde de Caravellas . . . . .	IX
A quem ler . . . . .	XI

## Estudo historico-biographico

I — Sobre a descoberta e colonisação do Brazil . . . . .	XIX
II — Guerra hollandeza, 1710, revolução de 1817, 1821 1824 . . . . .	XXVII
III — Biographia de José da Natividade Saldanha . . . . .	LXXXI
IV — Epoca litteraria . . . . .	XCH
V — Appreciação sobre o poeta . . . . .	XCVII
Appendice ao estudo critico . . . . .	CIH

## POESIAS

### PARTE I

#### SONETOS

I — A Bartholomeu Dias . . . . .	1
II — A morte de A. P. Vieira Cavalcanti . . . . .	2
III — O destino de ser poeta . . . . .	3
IV — A morte de Marcia . . . . .	4
V — A D. Ignez de Castro . . . . .	5

